



PUC  
RIO

MARIA DO CARMO VIEIRA

"O SUJEITO EM LINGUÍSTICA E EM PSICOLOGIA"

MESTRE EM PSICOLOGIA

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, fevereiro de 1976.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

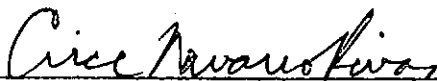
"O SUJEITO EM LINGÜÍSTICA E EM PSICOLOGIA"

por

Maria do Carmo Vieira

Tese submetida como requisito parcial  
para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA



Assinatura do Orientador da Tese

Rio de Janeiro, fevereiro/1976

"O SUJEITO EM LINGUÍSTICA E EM PSICOLOGIA"

MARIA DO CARMO VIEIRA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



BC 14/286

BT-3471-7

77 998

150  
V658  
TF SE UC  
exc 1

22

Agradeço a todos aqueles que direta e indiretamente  
colaboraram na elaboração deste trabalho com  
suas palavras e com o silêncio de seu escutar.

"El lenguaje es pues la posibilidad de la subjetividad, por contener siempre las formas lingüísticas apropiadas a su expresión, y el discurso provoca la emergencia de la subjetividad..."

Benveniste, E.

" Problemas de Linguística General, pg. 184 "

## R E S U M O

Nosso objetivo, na realização deste estudo, é centralizar no problema da linguagem a significação deste fenômeno tipicamente humano e as posições teóricas edvin<sub>das</sub> em torno do problema do sujeito que fala.

A fundamentação teórico-filosófica de nosso trabalho apoia-se nas idéias básicas e tradicionais da filosofia da linguagem e da gramática filosófica do século XVIII, retomada hoje por uma linha da linguística contemporânea. Dentro desta posição desenvolvemos nosso trabalho, segundo uma coerência teórica, e de acordo com o modelo linguístico utilizado atualmente pelas ciências humanas, como é o caso da Antropologia (Levi-Strauss) e da Psicanálise (Lacan)

Dentro desta perspectiva é bem de ver que nos distanciamos de uma psicolinguística de inspiração estrai<sub>tamente</sub> behaviorista, mais preocupada com os mecanismos do comportamento verbal do que com a exploração da complexida<sub>de</sub> do fenômeno da linguagem.

A partir destas considerações, julgamos ser oportuno, para a psicologia, refletir sobre os novos rumos que esta nova orientação metodológica propõe, e suas implica<sub>ções</sub> com o objeto de seu estudo - o homem, ou seja o sujeito que lhe é próprio.

## R E S U M É

Le but de notre étude est de centraliser sur le problème de la langue le sens de ce phénomène à l'espèce humaine et les positions théoriques qui découlent du problème du sujet qui parle.

Le support théorique et philosophique de notre étude s'appuie sur les idées basiques et traditionnelles de la philosophie du langage et de la grammaire philosophique du XVIII<sup>e</sup> siècle, reprises aujourd'hui par les études linguistiques contemporaines. C'est sous cet angle que nous avons développé notre étude suivant une cohérence théorique et en accord avec le modèle linguistique actuellement utilisé par les sciences humaines comme c'est le cas de l'Anthropologie (Lévi-Strauss) et la Psychanalyse (Lacan).

On s'aperçoit ainsi facilement que nous éloignons d'une psycholinguistique d'inspiration purement behavioriste qui s'intéresse plus aux mécanismes du comportement verbal qu'à l'étude de la complexité du phénomène du langage.

Ces considérations nous permettent de croire que la psychologie aurait tout intérêt à réfléchir aux nouvelles possibilités que lui propose cette nouvelle orientation méthodologique ainsi qu'aux implications par rapport à l'objet de son étude, l'homme, c'est-à-dire le sujet de son propre étude.



# I N D I C E

INTRODUÇÃO . . . . .	
CAPÍTULO I - A TRADIÇÃO MENTALISTA DO ESTUDO DA LINGUAGEM: VALORIZAÇÃO DO <u>SUJEITO QUE FA LA</u> . . . . .	
1.1 - As formas simbólicas e a linguagem. . . . .	
1.2 - Linguagem e pensamento . . . . .	
1.3 - O desafio da patologia da linguagem. . . . .	
CAPÍTULO 2 - PERSPECTIVA BEHAVIORISTA: VALORIZAÇÃO DO <u>COMPORTAMENTO VERBAL</u> . . . . .	
2.1 - O esquema estímulo-resposta(S-R): recusa ao problema do <u>significado</u> (Skinner) . . . . .	
2.2 - Esquema mediacionista: teoria <u>mediadora</u> do significado proposta por Osgood . . . . .	
2.3 - O behaviorismo linguístico: <u>Leonard Bloomfield</u> . . . . .	
CAPÍTULO 3 - A LINGUÍSTICA DE ORIENTAÇÃO MENTALISTA	
3.1 - O signo linguístico: Ferdinand de Saussure . . . . .	
3.1.1 - Caráter psíquico do <u>signo</u> linguístico	
3.1.1 - Posteridade de Saussure nas ciências humanas . .	
3.2 - A revolução da gramática gerativa: Chomsky . . . . .	
3.2.1 - Ponto central: a <u>criatividade</u> da linguagem. . .	
3.2.2 - Superação do Behaviorismo linguístico . . . . .	
3.2.3 - A hipótese dos <u>universais</u> e inatismo linguístico .	

CAPÍTULO 4 - A GRAMÁTICA DA LINGUAGEM INCONSCIENTE

4.1 - As formações do inconsciente e o processo da Metáfora e da Me-tonímia . . . . .

4.2 - A constituição do sujeito pelo acesso ao simbólico através da linguagem . . . . .

CONCLUSÕES . . . . .

## I N T R O D U Ç Ã O

A idéia para a realização deste trabalho tornou - se possível por uma visão interdisciplinar que o Curso de Psicologia Teórica-Experimental proporcionou. De um lado, as aulas de Construção de Teoria e Pesquisa II, do Mestrado de Psicologia e, de outro, as aulas de Linguística I e II (Psicolinguística) e Epistemologia das Ciências Humanas, respectivamente do Mestrado de Letras e Filosofia da PUC, levantavam questões que, de certa forma, convergiam para problemáticas semelhantes: a evidente importância dos estudos do fenômeno de linguagem, que comportavam um desafio, não só para a Linguística, mas também para a Psicologia, bem como o conhecimento epistemológico do modelo linguístico e sua influência para as ciências humanas, como o atestam os trabalhos de Levi-Strauss, na Antropologia, e Lacan na Psicanálise.

A descoberta de uma tradição filosófico-linguística, na qual o problema de linguagem era posto com toda a riqueza de sua complexidade por um Herder, Humboldt ou Descartes, e a contemporaneidade destes problemas retomados por Cassirer e Chomsky, fizeram com que seguissemos a rota na direção de suas idéias.

Houve neste sentido, conseqüentemente, o distanciamento de uma filosofia-mecanicista-comportamentista, totalmente divergente das premissas da tradição mentalista e filosófica da gramática do século XVIII, embora seja de reconhecer a seriedade das pesquisas comportamentistas dentro dos limites de suas contribuições em termos teóricos.

A valorização do sujeito que surge na ordem do simbólico através da linguagem - o "animal symbolicum" - nos termos de Cassirer, ressurge em Lacan, mostrando ele como este sujeito se constitui pela linguagem no processo da atividade simbólica, a rejeição, tanto de Cassirer, como de Lacan, de explicar a linguagem simbólica a partir dos sistemas de comunicação animal, como também a aceitação por ambos de

que a passagem do mundo animal, biológico, para o mundo propriamente dito, situa, no ser humano, o momento de ruptura entre a linguagem expressiva e a linguagem simbólica, nos levaram ao reconhecimento da importância e significação de "animal symbólicum", objeto de considerações de ordem tanto linguística como psicanalítica.

O desafio da patologia da linguagem foi visto principalmente por Kurt Goldstein, cuja preocupação pelas perturbações estruturais da linguagem ficou nitidamente comprovada, não só quanto à significação que o patológico revela, como também no plano sintático do discurso, suscetível de alterações, o que nos autoriza a fazer em nossas pesquisas constatações semelhantes no campo da linguística e da filosofia da linguagem.

O problema da aquisição da linguagem, visto através das contribuições da gramática gerativa transformacional, nos forneceu também, em termos de uma linguagem contemporânea, uma confirmação atualizada das colocações propostas pela gramática filosófica e pelo pensamento cartesiano, retomadas por Chomsky e seus seguidores.

Todas estas considerações em torno das proposições da linguística de orientação mentalista nos levaram a reconhecer nela a ciência-piloto que, nas palavras de Nicolas Ruwet, "teve o mérito de ter sido a primeira a compreender por onde era preciso começar se se quer empreender um estudo objetivo do homem".

Observa-se no momento atual das ciências humanas, a procura de um método - o método estruturalista - que surgiu das bases de uma linguística que possibilitou a sua construção. Método este, utilizado por Levi-Strauss em Antropologia e em Lacan na Psicanálise.

Assim é, que dentro desta perspectiva e pontos de convergência, sentimos a necessidade de um estudo sobre o sujeito que fala pelo que procuramos na linguística a resposta às muitas questões advindas da linguagem como fenômeno especificamente humano.

Desta forma, podemos concluir com Goldstein, quando se refere ao fenômeno da patologia da linguagem:

"Bem mais do que da psicologia podemos tirar proveito da filosofia da linguagem e da linguística, graças ao novo desenvolvimento destas disciplinas (45, 35).

x . x . x . x . x

A TRADIÇÃO MENTALISTA DA LINGUAGEM: VALORIZAÇÃO DO SUJEITO  
QUE FALA

Se uma idéia ressurge na história do pensamento humano, é porque a evolução da ciência põe de novo o problema em questão.

O problema do papel formador do sistema da língua em relação ao sistema do pensamento, formulado por alguns autores dos séculos XVII e XVIII, fornece-nos um exemplo típico e interessante do ressurgimento de uma idéia antiga em condições novas, e na base de necessidades científicas novas.

Cassirer (20) designa Herder (1768) como o precursor da idéia do papel ativo da língua materna na formação da nossa visão do mundo (Weltanschauung). Vale também lembrar aqui que, em 1774 a Academia de Ciência de Berlim iniciava um concurso sobre o tema: "Qual é a influência recíproca das opiniões do povo sobre a linguagem e da linguagem sobre as opiniões?". Tema atualíssimo, que na época era visto por Herder com uma visão que hoje seria considerada das mais modernas. Segundo o texto de Cassirer (20), Herder via o sistema da língua nacional como formador da visão do mundo dos membros da nação, respectivamente.

É efetivamente em Herder, diz Cassirer, que se encontram reflexões atualíssimas sobre semiótica, sobre a filosofia da linguagem e, surpreendentemente, sobre a união orgânica do pensamento e da linguagem, entre outras correlações.

A idéia de Herder pode ser resumida nos seguintes termos: a língua não é só um instrumento, mas também um depósito e uma forma do pensamento. Um "depósito" - porque a experiência e o saber das gerações se acumulam na língua: não só pensamos numa língua, mas também em virtude de sua mediação. É o que se entende da afirmação de que a língua é a for-

ma do pensamento e como tal é também o seu limite - sua condição formal. A língua é, então, o molde segundo o qual os pensamentos se configuram.

Através da educação, aprendemos a pensar pela mediação das palavras. A língua é, portanto, não só um instrumento e um conteúdo mas, também, em certo sentido, um "padrão" (Zuschnitt) da ciência: designa o limite e os contornos de todo conhecimento humano. Na continuidade de nosso trabalho, verificaremos a presença dessa linha de pensamento através de autores contemporâneos que desenvolvem suas pesquisas nesta direção, retomando os temas propostos pela gramática filosófica do século XVIII.

Deste modo, Cassirer retoma Humboldt no seu famoso livro "La Philosophie des Formes Symboliques", no volume que trata sobre a Linguagem (20), mostrando como Wilhelm von Humboldt (1843) estabelece suas concepções, tomando como eixo básico o papel que a linguagem exerce sobre as operações do espírito, concepções que vêm resultar na teoria da função da linguagem como formadora da visão do mundo.

Humboldt atribui ao papel formador da linguagem na visão do mundo uma importância tão elevada que é nele que vê o objeto principal e fundamental da linguística: a verdadeira significação dos estudos linguísticos consiste em demonstrar a participação da linguagem na criação das representações. (20, 119). E, segundo ele, a soma destas representações comporia o homem. São afirmações, estas, que podem ser encontradas, bem aproximadas por outros linguistas e estudiosos do problema na atualidade.

Para Humboldt, a idéia da Weltanschauung contida na linguagem, está estreitamente ligada à idéia do papel da linguagem enquanto fator que transforma o mundo. Humboldt afirma que a linguagem é uma visão do mundo, não só porque a sua extensão é igual à do mundo, mas também porque o espírito, graças à transformação da realidade pela linguagem, pode captar a unidade do mundo (19). Diz ainda que o valor essencial dos estudos linguísticos consiste em descobrir a parti-

cipação da linguagem na criação das representações. Este pensamento sobre o papel da linguagem que transforma ou, antes cria o mundo humano, Humboldt associa-o a uma tese metodologicamente fecunda, que estabelece que a linguagem é, não érgon, mas Enérgeia, de modo que é conveniente estudá-la na sua dinâmica, geneticamente, e não enquanto produto dado e cristalizado.

Quanto aos problemas atinentes à relação "linguagem-pensamento-realidade", a tradição Herder/Humboldt estabelece uma interdependência do pensamento e da palavra, evidenciando que as línguas não só são o meio requerido para apresentar a verdade já conhecida, mas servem também para descobrir a verdade ainda ignorada. A diversidade das línguas não é uma diversidade de puros sons e de sinais, mas uma diversidade de visões do mundo. É isso que constitui o fundamento e a finalidade de todos os estudos linguísticos: a soma do que é cognoscível, enquanto campo cultivado pelo espírito humano, está situado no meio, entre todas as linguagens e independente delas. O homem não pode aproximar-se deste terreno puramente objetivo, senão da maneira que corresponde ao seu conhecimento e à sua intuição, portanto, de uma maneira subjetiva (20) e (19). Entretanto, a subjetividade de toda a humanidade torna-se de novo, em si mesma, alguma coisa de objetivo. É impossível negar a profundidade do pensamento de Humboldt e sua importância para fundamentar uma epistemologia das ciências humanas. A criação de conceitos com a ajuda de palavras é um processo de explicação, que se estrutura a partir do conjunto. Neste processo, a língua não reflete a existência real mas cria símbolos intelectuais, enquanto a própria realidade, isto é, a realidade que nos é dada, não é independente do gênero e da construção das estruturas linguísticas simbólicas (19).

A linguagem é assim promovida ao papel criador do mundo acessível unicamente ao homem, - e este mundo que nos é acessível é precisamente o mundo construído pela língua (esta concepção sofre a influência Kantiana, e é transposta do mundo das categorias apriorísticas para o mundo das categorias linguísticas).



### 1.1. AS FORMAS SIMBÓLICAS E A LINGUAGEM

Num de seus artigos sintéticos a respeito da função da linguagem no processo do conhecimento, publicado sob o título significativo "A Linguagem e a Construção do Mundo dos Objetos", Cassirer expõe, em termos excepcionais, as bases de onde nasceu a sua teoria das formas simbólicas. Cassirer prossegue a sua argumentação contra a concepção do conhecimento, vista como simples reflexo da realidade objetivamente existente.

Para Cassirer as formas simbólicas são uma energia espiritual específica e que a sua função consiste na criação da nossa imagem do mundo:

"Por forma simbólica entender-se-á toda a energia do espírito, pela qual um conteúdo espiritual de significação é ligado a um sinal sensível concreto e atribuído anteriormente a esse sinal. Neste sentido, a língua, o universo mítico e religioso e a arte apresentam-se-nos como diversas formas simbólicas particulares. Pois em cada um se manifesta o fenómeno fundamental, segundo o qual a nossa consciência não se contenta com receber a impressão da exterior, mas religa cada impressão a uma atividade livre de expressão concreta. Um universo de sinais e de imagens auto-criadas apresenta-se face ao que chamamos a realidade objetiva das coisas, e afirma-se contra ela na sua plenitude autônoma e na sua força originária.

Cassirer aproveita de Kant duas teses: 1) o conhecimento é uma construção do espírito cognoscente; 2) o espírito procede a essa construção graças a categorias definidas que lhe são dadas a priori.

A grande crítica que Herder e Humboldt fizeram à "Crítica da Razão Pura" de Kant foi a de que havia passado por alto sobre o problema da linguagem. Não seria possível, perguntam eles, que de modo análogo, também a linguagem pudes se influenciar no processo do conhecimento?

O passo decisivo aqui implícito (através da função reprodutora da linguagem) foi dado por Humboldt: "A linguagem é o órgão formador do pensamento" (citado por Cassirer, 29). E, mais adiante, num outro trecho, citado por Hörmann, é manifesta a mesma linha de pensamento:

"La actividad subjectiva crea un objeto en el pensamiento. Pues ninguna classe de representación puede ser considerada con una mera contemplación de un objeto ya existente. La actividad de los sentidos tiene que unirse sintéticamente con la acción interna del espíritu (...) Pero para eso es indispensable el lenguaje" (51, 40).

As consequências que disso decorrem são transcendentais: se o mundo e a verdade são algo que não pode ser conhecido antes da linguagem nem com independência dele, pode-se pensar que a linguagem codetermina a concepção do mundo.

Portanto, as formas a priori que o espírito humano impõe ao objeto no ato de conhecimento, segundo Kant, ou o papel criativo da linguagem segundo Humboldt, não dependem somente da natureza do objeto, mas se manifesta como um produto, ou na terminologia de Cassirer, um símbolo (20).

Não se deve esquecer, diz ele, que o que nos é dado no conhecimento não depende só do objeto, mas também da natureza do sujeito. Que o conhecimento "não produz um desenho já dado no objeto (...), é a expressão de uma força criadora original (...), não são registros passivos, mas atos do espírito humano" (19, 42).

É precisamente na qualidade de representante do neo Kantismo que Cassirer se pronuncia contra o dualismo de Kant que, considerando embora o conhecimento como uma construção do espírito, admitia a existência do mundo das coisas em si, objetivo e exterior em relação ao conhecimento. Rejeita, assim a teoria do reflexo. E não se trata de informar uma versão vulgarizada e mecanicista da teoria, mas sim recusar toda a concepção - tanto empírica como intuitiva - que admitia o objeto existente independente do seu conhecimento.

Para Cassirer, é o conhecimento que cria este mundo. É nesta direção que ele situa a linguagem como uma atividade simbólica criadora de uma visão do mundo. É precisamente essa tese que leva diretamente ao nosso problema do papel ativo da linguagem no processo do conhecimento:

"... A revolução Coperniciana, pela qual começou Kant, reveste uma nova e mais larga significação. Já não se refere só à função do juízo lógico, mas, duma maneira também inteiramente legítima e válida, estende-se a todas as tendências e a todos os princípios, pelos quais o espírito humano dá uma forma à realidade" (19, 79).

Existem diferentes formas simbólicas compreendidas como as diferentes formas de energia espiritual que criam diferentes imagens do mundo. Fazem parte dessas formas simbólicas a linguagem, o mito, a arte e o conhecimento científico.

Desta maneira, a linguagem - forma simbólica fundamental, (pois o mito como a ciência se servem dela) - é concebida como sendo uma energia espiritual específica "a priori" da imagem do mundo. Esta concepção do problema aproxima Cassirer de Humboldt e o afasta de certo modo de Kant.

Para Cassirer, a linguagem não é "um mundo mediato", visto que desaparece a necessidade de mediação. A linguagem é, simplesmente, a criadora da imagem do mundo situado na consciência.

Numa perspectiva, hoje bem atualizada, Cassirer põe em relevo a natureza essencialmente transformadora do compreender o homem em contraposição às concepções associacionistas. Para ele e seus discípulos todo o pensamento humano é um processo simbólico, enquanto é um processo de "transformação" simbólica.

Contra as posições englobantes do associacionismo dentro da psicologia, Cassirer desenvolve toda uma crítica... "la language conceptuel traditionnel de la psychologie, n'offre d'expression tout à fait pertinente pour désigner ce

fait, car la psychologie ne s'est que tardivement détachée de presupposés de la théorie sensualiste (pg. 46) (...) ainsi toute pensée véritablement rigoureuse et exact ne trouve de soutien que dans la symbolique sur laquelle elle s'appuie (pg. 27).

Para Cassirer, a característica nova do ser humano, a marca distintiva, que não implica simplesmente uma ligação quantitativa, mas também quantitativa, é o que domina o "sistema simbólico": um nível intermediário entre o sistema receptor e o efator que demora, interrompe e retarda a resposta: é o processo do pensamento.

Por meio deste, o homem já não se depara com a realidade em forma imediata, como os animais, senão em forma mediata. A medida que avança sua atividade simbólica, seu mundo físico se transforma num "universo simbólico" (veremos mais adiante a relação do surgimento da linguagem com a atividade simbólica, e a emergência e a constituição do sujeito que fala na perspectiva dos trabalhos psicanalíticos de Lacan).

Para Cassirer (21, caps. II e III), a característica nova do ser humano em face do mundo animal, "a marca distintiva", que não implica simplesmente numa ampliação quantitativa mas numa mudança qualitativa, é o que ele denomina "sistema simbólico". Por meio deste sistema, o homem já não se depara com a realidade de forma imediata, como os animais, mas de forma mediata. A partir deste momento, o homem já não pode escapar ao uso constante dessa nova função que conquistou. À medida que desenvolve sua atividade simbólica, seu mundo físico se transforma num "universo simbólico". O homem, para Cassirer, é um "animal symbolicum".

Os animais, continua Cassirer, são capazes de responder a um complexo sistema de sinais (lembramos os estudos sobre o sistema complexo de sinais nos animais realizados por Uexkull e Von Frisch, demonstrando o alto sistema de comunicação (e não linguagem das abelhas por exemplo); o sinal forma

parte do mundo físico do ser; um símbolo é uma parte do mundo da significação. Os experimentos de Pavlov só demonstraram que o animal reage a um sinal, mas não que utiliza símbolos. Já que o sinal está relacionado com a coisa a que se refere de um modo único e fixo, o sinal de Pavlov está precisamente em oposição ao simbolismo humano. Pois um símbolo humano genuíno não se caracteriza por sua uniformidade, mas por sua versatilidade. Ainda que alguns experimentos de Kohler demonstrem que o antropóide superior é capaz de uma solução genuína, para Cassirer o animal possui imaginação e uma inteligência práticas, ao passo que o homem desenvolveu uma nova fórmula: uma inteligência e uma imaginação simbólicas.

Também para Susanne Langer (64, Cap. II), sua discípula a "função de transformação simbólica é uma atividade natural, uma alta forma de resposta nervosa, característica do homem (...). O cérebro humano está constantemente efetuando um processo de transformação simbólica da experiência, não como simples substituto da ação, mas como uma necessidade básica humana. O cérebro não é um simples transmissor, mais se parece com um formador".

Este conceito da função mental, continua S. Langer, constitui um novo enfoque filosófico, o enfoque epistemológico, que assinalou na atividade mental um fator de extrema importância: o uso dos símbolos para obter e para organizar certeza.

Em nossa época, diz Langer, o novo enfoque, a idéia geratriz que ilumina os fatos da mente e as contradições entre a realidade interna e externa que o "cientificismo" não pode explicar, é a simbolização.

Assim, o problema da "observação" fica eclipsado pelo problema do "significado" (64; 20 e 21):

Enfim, Suzanne Langer, de acordo com Cassirer, também considera que "o que caracteriza o homem não é o seu mais vasto raio de sinais, seu maior poder de integrar reflexos (ela faz sérias críticas a um behaviorismo exacerbado), sua maior capacidade de aprendizagem por ensaio e erro, mas um traço muito mais fundamental que lhe é peculiar" - o uso dos signos e símbolos". O homem utiliza os signos não só para indicar coisas, mas também para representá-las.

Só o homem usa signos como avocadores, como uma característica de uma atitude interna com relação aos objetos "in absentia", que seria o que se diria "pensar em algo" ou "referir-se a algo" que não está aqui (64).

O princípio de simbolização é o princípio mais potente do qual surge o ponto de partida de toda intelecção humana: o fato de que o cérebro humano esteja efetivamente constantemente um processo de transformação simbólica dos dados experienciais o converte numa verdadeira fonte de idéias espontâneas, e a linguagem é a mais acabada terminação ativa de tal processo, (54, 25-6).

Fica bastante nítida a distinção que S. Langer faz em colocar em planos diferentes uma perspectiva condutista e uma outra cognitiva reservada especificamente ao sujeito humano: - há profunda diferença entre o uso de signos e o mero uso de sinais. O emprego de sinais é a primeira manifestação da mente. Surge tão cedo na história biológica quanto o famoso "reflexo condicionado", pelo qual o concomitante de um estímulo assume a função de estímulo (64, 37). Comenta, então, a autora que o desenvolvimento dessa atividade primária corre paralela com o desenvolvimento físico dos órgãos dos sentidos e da estrutura nervosa da sinopse, o que ela chama de "semântica primitiva do animal".

É interessante exemplificar aqui como esta linha de pensamento foi seguida nos vários campos da ciência

principalmente na lingüística. Vejamos o que nos diz a respeito o célebre lingüista Benveniste, cuja seriedade científica é inquestionável:

"... Le langage représente la forme la plus haute d'une faculté que est inhérente à la condition humaine, la faculté de symboliser. Entendons par-là très largement la faculté de représenter le réel par un "signe et de comprendre le "signe" comme représentant le réel, donc d'établir un rapport de signification entre quelque chose et quelque chose d'autre" (8, 26).

Em suas considerações sobre a faculdade de simbolizar, afirma como ela é irreduzível à "sinalização que é conhecida pelo animal:..." "un signal est un fait physique par un rapport naturel ou conventionnel... l'animal perçoit le signal et il est capable d'y réagir adéquatement... l'homme aussi, en tant qu'animal, réagit à un signal. Mais il utilise, en outre, le symbole, qui est institué par l'homme (...) l'homme invente et comprend les symboles".

E bem categoricamente estabelece a diferença entre a função sensório-motora e a capacidade representativa: "(...) entre la fonction sensimotrice et la fonction représentative, il y a un seuil que l'humanité seule a franchi" (8, 27).

As idéias expostas neste capítulo formam uma base por assim dizer filosófica em torno dos problemas da linguagem como atividade simbólica específica do homem, que se desenrolará nos demais capítulos através do pensamento da lingüística (Saussure, Sapir, Chomsky entre outros) como também no pensamento antropológico e psicanalítico de Lévi-Strauss e Lacan, autores que, de uma certa forma, prolongam ou enriquecem estas colocações básicas dentro de suas próprias perspectivas específicas.

Assim tentaremos resumir as nossas idéias através dos pontos chaves básicos propostos por Cassirer e Langer:

- 1) Este papel do simbólico - entendido aqui no sentido mais lato possível, abrange o mundo da significação - distingue o homem dos animais - que apenas possuem sistema de recepção e ação - (de primariedade e secundariedade, segundo Peirce), o que lho valeu o nome de animal symbolicum.
- 2) Não é só pela linguagem verbal que lhe é autorgado esse privilégio; toda uma série de outros fenômenos que integram a esfera humana - o mito, a arte, a ciência, a história - concorrem para justificar aquela designação. Cada uma destas "formas simbólicas" muito mais constroi o mundo do que o imita.

Estas proposições nos levam a fazer algumas considerações em torno da complexidade do problema da relação language - pensamento. É o que se verá: em seguida.



## 1.2. - Linguagem e Pensamento

No estudo do pensamento e a linguagem, a compreensão de suas relações funcionais é uma das áreas da psicologia e da linguística que exige o mais cuidadoso exame. Segundo Vigotsky (114), esta relação ainda que pareça estranha, nunca foi investigada de forma sistemática.

As formas de análise atomistas e funcionais, dominantes durante a década passada, tanto na psicologia como na linguística, trataram separadamente os processos psíquicos. Posto que as relações, de fato, permaneciam inconexas, o desenvolvimento da consciência era visto como determinado pelo desenvolvimento autônomo de cada uma das funções.

Se lançarmos uma mirada aos resultados de investigações anteriores, veremos que as teorias oferecidas, desde os primeiros estudos até nossos dias, se encontram entre estas alternativas: identificação ou  fusão de pensamento e linguagem, por uma parte, e, por outra, disjunção e segregação igualmente absolutas (114, 22).

Podemos delinear a concepção de identidade do pensamento e linguagem, a partir da especulação da psicologia ao estabelecer que o pensamento é "fala sem sons" (Watson) até as modernas teorias dos psicólogos americanos reflexólogos, que o consideram um reflexo inibido em sua parte motora. Em todas estas teorias a questão da relação entre pensamento e linguagem perde significado. Quem os identifica cerca simplesmente a porta ao problema. À primeira vista, os que aderem ao ponto de vista oposto parecem encontrar uma melhor posição. Ao considerar a linguagem como uma manifestação externa, uma simples vestimenta do pensamento, e ao tratar de liberar (como o faz a escola de Wursburgo) o pensamento de todos os componentes sensoriais incluindo as palavras, não só colocam um problema, mas a sua maneira, procuram solucionar o da relação entre estas duas funções.

A análise do pensamento verbal em dois elementos se parados, basicamente diferentes, impedia qualquer estudo das relações intrínsecas entre linguagem e pensamento.

Deste modo, o erro se encontra nos métodos de análise adotados. Para estudar estas estruturas psicológicas, podem-se utilizar duas formas de abordagem essencialmente diferentes.

O primeiro método analisa as complexas totalidades psicológicas separando-as em elementos. A psicologia cai neste erro quando analisa o pensamento verbal em seus componentes, pensamento e palavra, e os estuda de forma isolada. No curso desta análise, desaparecem as propriedades originais do pensamento verbal (Watson, Skinner e seus discípulos) não restando ao investigador senão tratar de descobrir a interação mecânica dos dois elementos. A união vital de som e significado que chamamos palavra cinde-se em duas partes que, supõe-se, se unirão apenas por conexões mecânicas associativas. Esta separação entre som e significado foi um grande obstáculo para o estudo dos aspectos fonéticos e semânticos da linguagem: ... "el estudio más concienzudo de los sonidos del lenguaje, considerados meramente como sonidos, aparte de su conexión con el pensamiento, tiene essa relación con su función como lenguaje humana, puesto que nos revela las propiedades físicas y psicológicas peculiares del habla, sino solo las comunes a todos los sonidos existentes en la naturaleza" (114, 24).

Do mesmo modo, o significado, divorciado dos sons das palavras, pode ser estudado somente como um ato puro de pensamento, que muda e se desenvolve independentemente de seu veículo natural. Esta separação de som e significado foi em grande parte responsável pela aridez da fonética e da semântica clássicas. Também em psicologia infantil, os aspectos fonéticos e semânticos do desenvolvimento da linguagem ou são desconhecidos ou são estudados isoladamente.

Em seu livro "Pensamiento y Lenguaje," Vigotsky sugere que tanto a Gestalt como a Psicologia Associativa estão buscando a natureza intrínseca do significado das palavras por caminhos inadequados. Uma palavra, diz ele, não se refere a um só objeto, mas a um grupo ou a uma classe de objetos, e cada uma delas é, portanto, também uma generalização. Esta última constitui um ato verbal do pensamento e reflete a realidade num sentido bastante distinto do que refletem a sensação e a percepção; tal diferença qualitativa, diz Vigotsky, está implicada na proposição de que existe um salto dialético, não só entre a ausência de total consciência (na matéria orgânica) e a sensação, mas também entre a sensação e pensamento. Há diversas razões que nos levam a pensar que a distinção qualitativa entre sensação e pensamento "é a presença, no último, de um reflexo "generalizado" da realidade, o qual constitui a essência do significado" das palavras; e, conseqüentemente, esse significado é uma parte inalienável da palavra como tal, que pertence, deste modo, tanto ao domínio da linguagem como ao do pensamento (114, 25).

Uma palavra sem significado é um som vazio, posto que o significado das palavras é tanto pensamento como fala: é que no significado se encontra a unidade do pensamento verbal que se busca. O método de exploração do pensamento verbal não pode prescindir de análise semântica - o estudo do desenvolvimento, o funcionamento e a estrutura desta unidade que contém o pensamento e a linguagem interrelacionados.

O fundo do problema consiste, portanto, em saber se, em relação ao pensamento humano, é possível distinguir dois processos: o processo do pensamento "puro" e o processo da verbalização "secundária" do pensamento, ou se em princípio, se trata de um único processo de duas manifestações específicas - linguagem e pensamento.

#### As raízes genéticas do pensamento e da linguagem

Segundo Vigotsky através do estudo genético do pensamento e da linguagem se descobriu que sua relação sofre mui

tas mudanças e que seus progressos não são paralelos. Isto tanto no plano da filogênese como da ontogênese.

Nos animais, a fala e o pensamento provém de distintas raízes genéticas e se desenvolvem em direções diferentes. Isto foi confirmado pelos estudos de Koehler, Yerkes e outros mais recentes sobre os chimpanzés. As experiências de Koehler, provaram que o aparecimento de uma inteligência embrionária nos animais - do "pensamento" em seu exato sentido - não está de nenhum modo relacionado com a linguagem. As "invenções" dos macacos com relação à confecção e uso de ferramentas, ou o descobrimento de elementos para a solução de problemas, ainda que constituam indubitavelmente um pensamento rudimentar pertencem a uma fase prelinguística de seu desenvolvimento.

De acordo com a sua opinião, as investigações de Koehler provam que o chimpanzé mostra os começos de um comportamento intelectual da mesma classe e tipo que o do homem. É a falta da linguagem, "essa ajuda técnica infinitamente valiosa" e a insuficiência de imagens "esse importante material intelectual", o que explica a tremenda diferença e entre os antropoides e o homem mais primitivo.

Sobre a interpretação teórica das descobertas de "Koehler existe um desacordo considerável entre os psicólogos de diferentes escolas. No entanto, segundo Vigotsky, nenhum crítico se preocupa quanto ao problema da independência entre relação da linguagem e as ações dos chimpanzés. Isto foi admitido por poucos psicólogos, entre eles Thorndike, que não vê nas ações do chimpanzé nada mais além dos mecanismos instintivos e a aprendizagem do tipo "ensaio e erros", e o processo da formação de hábitos".

Kohler diz com bastante acerto que as ações dos chimpanzés estão inteiramente desconectadas da linguagem e que no homem o "pensamento abstrato" está conectado com a linguagem. (51)

O tratamento do tema seria bastante simples se os chimpanzés não tivessem rudimentos de linguagem. No entanto, encontramos no chimpanzé uma "linguagem" relativamente bem desenvolvida em alguns aspectos - e sobretudo foneticamente - distintos dos seres humanos. O fato digno de nota sobre esta "linguagem" é que funciona aparte da inteligência, Koehler nos diz que suas expressões fonéticas denotam apenas necessidades e manifestações afetivas.

Quanto ao problema da comunicação, Koehler afirma que o chimpanzé é um animal extremamente gregário e responde positivamente a outros de sua espécie. Segundo ele esta comunicação se relaciona com a ação, mas não existe evidências de que os animais alcancem a etapa da representação objetiva em nenhuma de suas atividades. Yerkes parece ser o único entre os observadores modernos dos chimpanzés que explica a sua carência de linguagem, por razões que não as de ordem qualitativa. Sua investigação sobre a inteligência dos orangutans subministra dados muito semelhantes ao de Koehler; mas chega mais além em suas conclusões, quando admite neles uma "ideação superior", a nível, é bem verdade de uma criança de tres anos no máximo. Suas deduções se baseiam em analogias um tanto inadequadas a um procedimento científico.

Em pesquisas Koehler mostra a dependência que os chimpanzés possuem à determinadas situações experimentais para que a solução do problema proposto seja encontrada, caso contrário não haverá criatividade, para a situação nova que se apresente. Este autor considera que a presença visual real de uma situação suficientemente simples é uma condição indispensável em qualquer investigação do intelecto do chimpanzé, condição sem a qual sua inteligência não pode ser posta em funcionamento.

Yerkes vê na ausência ou debilidade da imitação vocal o problema da inabilidade do animal em relação ao problema da linguagem. Sabe-se, no entanto, que a fala não depende necessariamente do som. Lembramos aqui, por exemplo os signos linguísticos dos surdos-mudos e a interpretação da

leitura com os lábios, que é também interpretação de movimentos. Se fosse verdade que os chimpanzés possuem a inteligência necessária para adquirir algo semelhante à linguagem humana, e a dificuldade principal se encontrasse em sua carência de imitatividade vocal, estariam capacitados então, nas experiências, para manejar através de gestos convencionais, que exerceriam na função psicológica exatamente igual aos sons.

O descobrimento da linguagem, diz Vigotsky, não pode em nenhuma situação depender de uma situação óptica. Requer uma operação intelectual de um tipo distinto. Não existem indícios de nenhuma classe que ponha de manifesto que tal operação se encontre ao alcance do chimpanzé. E, continua ele "esta carência pode ser a diferença fundamental entre a inteligência humana e a do chimpanzé".

Koehler introduz o termo "insight" (Einsicht) para as operações intelectuais acessíveis aos chimpanzés. A eleição do termo não é acidental. Ao usar este termo estava falando de uma "visão" no seu sentido literal.

Concluindo suas críticas em torno das experiências de Koehler e Yerkes, Vigotsky, esclarece três pontos fundamentais:

- primeiro, a coincidência, da produção de sons especialmente notável, quando os chimpanzés estão excitados, não se limita aos antropoides; é comum entre os animais dotados de voz. Seguramente a linguagem humana se originou no mesmo tipo de reação vocal expressiva;

- A existência de uma fase prelinguística do desenvolvimento do pensamento das crianças foi recentemente corroborada. Os experimentos de Koehler, com os chimpanzés, convenientemente modificados foram levados a cabo com crianças de menos de 1 ano, que não tinham aprendido a falar. Tanto nos experimentos realizados com crianças como nos efetuados com chimpanzés os descobrimentos foram similares.

As ações das crianças, nos diz Koehler, "são exatamente iguais aos dos chimpanzés, de tal modo que esta etapa da vida infantil poderia muito bem denominar-se, a ida de do chimpanzé, e corresponde aos 10, 11 e 12 meses de ida de..." (63).

As raízes pré-intelectuais da fala no desenvolvimento: o balbucio, os gritos e ainda as primeiras palavras, diz Vigotsky, são etapas estabelecidas, que não têm na da a ver com o desenvolvimento do pensamento. Estas manifestações têm sido consideradas como formas predominantemente emocionais da conduta. No entanto, nem todas elas, cumprem uma função de descarga. Investigações recentes sobre as primeiras formas de comportamento da criança e suas primeiras reações à voz humana (efetuadas por Charlotte Bühler e seus colaboradores) demonstraram que a função social da linguagem se manifesta já durante o primeiro ano de vida, na etapa pré intelectual do desenvolvimento da linguagem.

Portanto as duas funções da linguagem, expressiva e social, que se observa no desenvolvimento filogenético se encontram em crianças de menos de um ano de idade.

Porém o descobrimento mais importante é que, em certo momento, aproximadamente aos dois anos, as duas curvas de desenvolvimento: a do pensamento e a da linguagem, até então separadas, se encontram e se unem para iniciar uma nova forma de pensamento. A explicação que dá Stern (114, 108) deste fato transcendental mostra como o desejo de conquistar a linguagem sucede quando a criança "faz o grande descobri - mento de sua vida", descobre que cada coisa tem um nome".

Este instante crucial, diz Vigotsky, em que a linguagem começa a servir ao intelecto, e os pensamentos começam a ser expressos está assinalado por uma atitude ex - tremamente ativa da criança com relação a aquisição do vocabulário.

- segundo, os estados afetivos que produzem abundante reações vocais, nos chimpanzês, não são favoráveis para o funcionamento da inteligência, "Koehler insiste em que nos chimpanzês as reações emocionais, particularmente as de grande intensidade, não admitem uma operação intelectual simultânea.

- terceiro, a descarga emocional como tal não é a única função da linguagem nos anormais. Como em outros animais incluindo o homem, é um meio de contacto psicológico com outros de sua espécie. Tanto no chimpanzé de Yerkes e Yerned como nos observados por Koehler esta função da linguagem é inequívoca, mas não está conectada e é de modo evidente uma parte do síndrome emocional total. Em essência, diz Vigotsky é uma reação instintiva (114, 68).

Esta análise sobre a linguagem e inteligência dos chimpanzês para esclarecer o problema da relação entre pensamento e linguagem no desenvolvimento filogenético destas funções, pode ser assim resumida:

1. Pensamento e linguagem têm diferentes raízes genéticas;
2. As duas funções se desenvolvem em linhas diferentes, independentes uma da outra;
3. Não existe uma correlação definida e constante entre elas;
4. Os antropóides manifestam assim uma inteligência semelhante a do homem em "certos aspectos" (o uso rudimentar de instrumentos) e uma "linguagem" de aspectos distintos, embora apenas semelhante em aspectos externos;
5. A estreita correspondência entre as características de pensamento e linguagem do homem está ausente nos antropóides;



6. Na filogênese do pensamento e da linguagem são claramente discerníveis uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da fala e uma fase pré-linguística no desenvolvimento do pensamento (114,68).

Ontogeneticamente, a relação entre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem é muito mais complexa.

Antes de chegar a este ponto decisivo, a criança (como alguns animais) reconhece um reduzido número de palavras que substitui, como num condicionamento, por objetos, pessoas, estados ou necessidades. Nesta fase conhece só as palavras que outros lhe forneceram. Logo a situação muda: a criança sente necessidade de palavras, e trata ativamente de aprender os signos vinculados aos objetos - "parece haber descubierto la función simbólica de las palabras" - diz Vigotsky (114, 71). A fala que em sua primeira fase era afetiva-conativa, entra agora na fase intelectual: "las líneas de desarrollo del lenguaje y pensamiento se han encontrado" (114, 71).

Podemos concluir brevemente:

1. No seu desenvolvimento ontogenético, o pensamento e a linguagem prevêm de distintas raízes genéticas;
2. No desenvolvimento da fala da criança podemos estabelecer com certeza uma etapa pré-intelectual, e no seu desenvolvimento intelectual uma etapa pré-linguística;
3. Até certo ponto no tempo, os dois seguem linhas separadas, independentes uma da outra;
4. Num momento determinado estas linhas se encontram, e então o pensamento se torna verbal e a linguagem, racional.

Em princípio, diz Adam Schaff, a psicologia deveria echer-se em condições de nos proporcionar os dados mais preciosos, neste domínio. Efetivamente, não se acha nessas condições, não porque seja incapaz, mas porque não se empenhou no problema (105). A literatura neste domínio prova que é de fato assim: ora o problema em causa desaparece, ora acontece, a propósito, mas incidentalmente, alguma ou outra solução, é logo abandonada, antes de qualquer esforço de pesquisa a respeito.

A psicologia genética, vê e pesquisa o problema, principalmente, tendo em vista a continuidade do processo evolutivo, desde suas formas mais simples até as mais complexas, subestimando o problema que no caso tanto a filosofia da linguagem como a linguística ressaltam (ver a obra Linguagem e Pensamento de Chomsky, por exemplo) ou seja a originalidade do aparecimento da linguagem como uma descontinuidade no processo de sua formação.

A psicologia deve contribuições muito importantes a Joan Piaget e não achamos exagero dizer que sua obra revolucionou o estudo do pensamento e linguagem infantil. Foi um dos primeiros a estudar sistematicamente a percepção e a lógica na criança, dando a estes problemas um enfoque renovador de uma amplitude e audácia pouco comuns. Centrou seus estudos nas características do pensamento da criança, em lugar de registrar as deficiências do raciocínio da criança em relação ao adulto, evitando um tipo de abordagem comparativa. Através destas vias de acesso positiva, demonstrou que as diferenças entre o pensamento em ambas as etapas eram mais qualitativamente que quantitativas. ("Le language et la pensée chez l'enfant").

Segundo Piaget, o nexó que unifica todas as características da lógica na criança é o egocentrismo de seu pensamento, e refere a este traço central todos os outros que encontram, como sendo - o realismo intelectual.

Descreve o egocentrismo como ocupando, genética, estrutural e funcionalmente uma posição intermediária entre o pensamento autista e o dirigido.

Piaget diz: "O pensamento dirigido é consciente, persegue propósitos presentes na mente do sujeito que pensa. É inteligente, isto é, se adapta à realidade e se esforça por influir sobre ela. É suscetível da verdade e erro... e pode ser comunicado através da linguagem. O pensamento autista é subconsciente, as metas que persegue e os problemas que coloca não estão presentes na consciência. Não se adapta à realidade externa, mas cria uma realidade de imaginação e sonho. Tende não a estabelecer verdades, mas a satisfazer desejos, e permanecem estritamente individual e incomunicável como tal, por meio da linguagem, posto que opera fundamentalmente com imagens; evocando por meio de símbolos e de mitos pensamentos que o guiam". (93, 59, 60).

O pensamento dirigido é social. À medida que se desenvolve, se vê influenciado cada vez mais, por leis da experiência e da lógica propriamente dita. O pensamento autista, pelo contrário, é individualista, e obedece ao estabelecimento de leis especiais. Entre estas duas formas contrastantes de pensamento "Há muitas variedades com relação a seu grau de comunicabilidade. Estas variedades intermediárias devem obedecer a uma lógica especial, intermediária entre a lógica do autista e da inteligência. Propomos, diz Piaget, o nome de pensamento egocêntrico a mais importante destas formas intermediárias (93, 62). Ainda que sua função principal seja todavia a satisfação de necessidades pessoais, também inclui uma forma de adaptação mental semelhante à orientação da realidade típica do pensamento dos adultos. O pensamento egocêntrico da criança "se encontra na metade do caminho sobre o autismo no sentido estrito da palavra e o pensamento socializado" (93, 276). Esta é a hipótese básica de Piaget.

É interessante destacar que através de sua obra põe mais em relevo os traços que o pensamento egocêntrico tem em comum com o autismo que as características que o separam dele. Encontramos a mesma tendência, especialmente pronunciada, em seu tratamento do sincretismo, quando faz notar que o mecanismo do pensamento sincrético representa uma transição entre a lógica dos sonhos e a lógica do pensamento.

Piaget sustenta que egocentrismo permanece entre o autismo extremo e a lógica da razão, tanto cronológica como estrutural e funcionalmente. Sua concepção do desenvolvimento do pensamento está baseada na premissa que estabelece que o pensamento da criança é original e naturalmente autista e evolui para o pensamento realista só através de uma prolongada e permanente pressão social (93, 323).

Para resumir diremos que para Piaget, o autismo é a forma original e primeira do pensamento, a lógica aparece relativamente tarde, e o pensamento egocêntrico é o veículo genético entre eles.

Segundo Piaget, então a criança até aos 7 anos aproximadamente, não fala propriamente com uma intenção social, comunicativa, mas egocentricamente, porque pensa também egocentricamente. (Recordemos aqui a teoria do autismo de Mowrer, também nela a criança fala "egocentricamente").

No início de seu desenvolvimento em direção à linguagem interior, a linguagem egocêntrica equivale todavia para Vigotsky a socializada, e é utilizada para a comunicação interindividual.

Entretanto diz Adam Schaff "seja qual for a forma sob a qual empregamos a linguagem e seja qual for o seu destinatário (para uso de si mesmo ou de outra pessoa), a função da linguagem implica o pensamento, porque

implica a compreensão das significações associadas aos seus suportes materiais numa língua dada" (105).

É por isso que a tese segundo a qual não se pode, sem pensar, empregar a linguagem (na "palavra interior" ou na comunicação intersubjetiva), é uma tese analítica, ex definitione do emprego da linguagem.

O que não pressupõe de modo algum a natureza analítica da tese inversa: todo o pensamento, todo ato de pensamento, (humano) implica o emprego de uma língua definida, de uma língua em princípio formada e assimilada pelo indivíduo, no decorrer da comunicação intersubjetiva.

Se ao analisar o problema da linguagem e do pensamento, adotamos o ponto de vista monista, rejeitamos consequentemente a tese, segundo a qual a linguagem e o pensamento podem existir separadamente e independentemente uma da outra. É evidente que estamos nos referindo ao pensamento humano-conceitual. Afirmamos, portanto que o pensamento e a utilização da linguagem constituem, nos processos do conhecimento e da comunicação, dois elementos indissociáveis de uma unidade. A sua união é tão orgânica, a sua interdependência tão estreita, que nenhum dos dois elementos jamais se pode manifestar independentemente, sob forma pura.

O pensamento e a linguagem devem ser captados como dois aspectos de um único processo.

Neste mesmo sentido vão as considerações de Ferdinand de Saussure, quando fala da unidade do som e da significação, podemos dizer que a linguagem e o pensamento, são de algum modo as duas faces de uma mesma folha, imagem usada por Saussure quando fala do significado e do significante, (como veremos no cap. 3). Assim, em vez de uma teoria das funções distintas da linguagem e do pensamento, propomos a teoria dos diferentes aspectos de um processo verbal e mental homogêneo, no que nos aproximamos de Saussure com seus conceitos de langue-parole e significado e significante e de Chomsky com os de competência-desempenho, e nos distancia

mos das teorias que identificam os dois processos (Watson e seus seguidores).

Vigotsky identifica também o conceito e a significação da palavra (idem, 161). Analisa o problema dessa identidade, de uma maneira muito detalhada: distingue os aspectos físicos e semânticos da palavra, unidos por relações de que estuda a progressão, analisa o desenvolvimento dos conceitos desde os "pseudo-conceitos" (segundo o autor, os termos gerais que a criança emprega, mas compreende-os de maneira concreta) até aos conceitos propriamente ditos, em estreita ligação com o desenvolvimento da função da linguagem. Vigotsky procede a uma análise dinâmica, pois não se satisfaz só em verificar, em termos gerais, que o pensamento do indivíduo adulto é um processo verbal, mas propõe-se, além disso, estudar a dinâmica do processo, que culmina na formação do pensamento humano. Isso permite-lhe elaborar uma concepção original, diferente de Piaget, do sincretismo no pensamento da criança e na evolução rumo ao pensamento analítico. Pode também explicar a função e o caráter do pensamento em voz alta, a formular a suposição de que a criança dá provas de uma tendência a estabelecer uma relação estreita entre a palavra e o objeto. É evidente que assinalamos aqui alguns aspectos das pesquisas de Vigotsky, sem de modo algum cuidar de apresentá-las de modo exaustivo e integral.

As pesquisas realizadas com crianças privadas da faculdade da palavra em consequência de uma enfermidade, e às quais não se transmite um sistema qualquer de sinais, está condenada a uma enfermidade mental durável. Trata-se de indivíduos que a fora a sua surdez ou cegueira, são normais e potencialmente capazes de atingir um nível intelectual, por vezes elevado. Seria difícil encontrar argumento mais evidente e pertinente, para confirmar a unidade do pensamento e da linguagem, e refutar ao mesmo tempo as especulações do "pensamento puro". Sem um sistema de sinais (que não se impõe, sejam obrigatoriamente sonoros) que permita a utilização da linguagem, o pensamento não existe: tal é a conclusão lógica.

Uma criança privada da faculdade da linguagem e da palavra, está condenada a ficar a nível de um débil mental, a perda parcial dessa faculdade limita as possibilidades de desenvolvimento do pensamento. A progressão do pensamento conceitual na criança, está incontestavelmente ligado ao desenvolvimento da função da palavra, ainda que o mecanismo dessa ligação esteja longe de ser completamente explicado.

Adam Schaff (105) resume esta problemática apontada que o eixo para estes estudos deveria ser investigado dentro dos problemas propostos pela linguística mentalista, que estuda o papel do signo linguístico no processo da abstração, e, por consequência na organização da percepção e da apreensão conceitual da realidade. É nesta direção, que veremos mais adiante que a linguística de inspiração mentalista se orienta.

Em seguida, aqui dentro da problemática linguagem-pensamento, analisaremos os aspectos da patologia da linguagem, enquanto nos possibilita esclarecer e formular considerações em torno daquele problema, e de certa forma, vem confirmar estas reflexões iniciais sobre a relação entre pensamento-linguagem.

### 1.3 - O desafio da patologia da linguagem

Até aqui estamos considerando os aspectos ditos normais do processo de desenvolvimento do pensamento conceitual e o problema da linguagem. Não é intenção nossa explicar o problema da patologia da linguagem em toda sua extensão. No entanto, a própria perplexidade em relação aos fenômenos relativos à patologia da linguagem em que se encontra a ciência atual, leva-nos a considerar aqui alguns pontos e questionamentos que os especialistas no assunto propõem, e que são pertinentes dentro da perspectiva de nosso trabalho.

Há mais de cem anos que estudiosos pesquisam os fenômenos designados pela denominação geral de afasia, produzindo uma profusão de obras especializadas sobre o as -

sunto, coligindo e estudando minuciosamente uma multidão de fatos. Não obstante, as diferenças na classificação e interpretação desses fatos, as divergências e até as contradições entre as escolas que operam com tais fatos, provam que não estamos senão na fase inicial do seu estudo. Na realidade, os sábios que estudam empiricamente os casos concretos de afasia, não são da mesma opinião quanto a numerosos problemas fundamentais: - haverá uma só forma de afasia, ou ela se apresenta sob variadas formas? Poderá ser esta doença localizada em certas partes do cérebro ou atingirá ela todo o cérebro? Será o efeito de uma perturbação das funções mentais ou se dará o inverso? E assim por diante. Ante uma tal confusão de opiniões, não pode o estudioso deixar de se sentir curioso pelas diversas doutrinas que estudam o problema.

Quanto à semelhança, entre o estado dos estudos da psicologia genética e o estado dos estudos consagrados à afasia, consiste ela no fato de que nem uns nem outros fornecem, infelizmente, a resposta separada, fundada em dados científicos, para o problema atinente à relação da linguagem e do pensamento. Será porque ainda não se atingiu, neste domínio, a maturidade e a precisão requeridas? Como quer que seja, os especialistas da afasia, não só são incapazes de dissipar as dúvidas dentro de sua especialização, como também - para espanto de muitos - solicitam à filosofia da linguagem a solução de numerosos problemas.

Kurt Goldstein, por exemplo, sustenta a tese de que é impossível estabelecer, neste domínio, uma linha de demarcação precisa e nítida entre as ciências exatas e a filosofia.

O grande problema consiste em estabelecer se a perda da faculdade da palavra e da sua compreensão é a causa ou o efeito de uma perturbação das funções mentais.

Na sua obra fundamental "Psicologia da Linguagem", F. Kainitz conclui, tristemente, referindo-se ao estudo dos fenômenos da afasia desde Pierre Marie até Kurt



Goldstein, que é impossível resolver o problema: qual dos dois termos da relação é função do outro.

Keintz também opina que o psicólogo, em face do problema da afasia, não é só incapaz de fornecer ao filósofo uma resposta para os problemas que o preocupam, porém, muito mais do que isso, - e a questão toma aqui um caminho inesperado - é ele quem vai depender, de certa forma, das soluções filosoficamente admitidas.

Kurt Goldstein (e sua escola) não só aborda os problemas gerais dessa ordem, como até eleva esse procedimento à categoria de um princípio, ao afirmar que o investigador é incapaz de resolver os problemas que lhe apresenta o estudo da afasia, se não adota a atitude filosófica requerida (43). É por isto que encontramos, nos pontos de vista de Goldstein, mais riqueza de matéria para as nossas reflexões sobre o problema em foco.

Não nos cabe discutir aqui entre as teorias das localizações cerebrais e a concepção organicista da afasia, ou ainda participar da controvérsia a respeito da tipologia das diferentes formas de afasia, cada escola adota, neste domínio, diferente classificação e emprega uma terminologia própria, o que complica as questões, já por si complexas.

Kurt Goldstein - como Jackson, Pierre Marie e Head - parte da posição que se pronuncia contra as localizações cerebrais da afasia: é o cérebro enquanto um todo, e não as suas regiões determinadas, que sofre uma lesão no caso da afasia, e essa lesão causa, não alterações parciais, desta ou daquela função, mas uma transformação de toda a personalidade do doente. Esta transformação manifesta-se na modificação de atitude do paciente com relação ao mundo exterior. Goldstein distingue duas atitudes: a atitude concreta e a atitude categorial, às quais correspondem, respectivamente, dois modos diferentes de emprego da linguagem - o modo concreto (representativo) e o modo categorial (abstrato).

O comportamento concreto consiste em captar a realidade da situação: as coisas, os fenômenos, as expressões da língua são captados no contexto concreto da situação dada, e só no seu quadro são acessíveis ao conhecimento. A atitude categorial, pelo contrário, desliga as coisas e os fenômenos da situação concreta, capta-os do ponto de vista das suas propriedades gerais. Refere-se também à linguagem, cuja expressão não obtém significação, no sentido preciso deste termo, a não ser no quadro da atitude categorial.

A distinção dessas atitudes psicológicas está aliada, em Goldstein, a uma concepção definida da linguagem. O que Goldstein chama a atitude categorial, define-o Head como um comportamento simbólico, que é destruído ou alterado no caso da afasia. É nesse mesmo sentido que Jakobson prossegue as suas pesquisas, e é esse também o ponto de vista de A. R. Luria.

É notável que, entre os linguístas, Saussure, já havia dirigido seu interesse sobre a afasia e sugerido para ela uma interpretação semiótica: "dans tous les cas d'aphasie ou d'agraphie, ce que est atteint, c'est moins la faculté de proférer tels ou tels sons ou de tracer tels ou tels signes d'un langage régulier. Tout cela nous amène à croire qu'au-des sus du fonctionnement des divers organes, il existe une faculté générale, celle qui commande aux signes, et qui serait la faculté linguistique par excellence" (102, p. 27).

Nesta perspectiva semiótica, eminentemente "saussuriana" R. Jakobson aborda o problema (56), e que conduz a recusar toda visão unitarista da afasia, e distinguir, de uma parte, "des troubles de l'encodage" ou "désordres de contiguité" que corresponde à afasia da Borca, e de outra parte, "troubles du décodage" ou "désordres de la similarité". Os primeiros, abolindo todo contexto, comprometem, ao mesmo tempo, a linguagem interior, os segundos, tornam impossível as operações metalinguísticas.

Comentando a contribuição de R. Jakobson ao fenômeno de afasia, Henry Hecaen e René Angelergues no famoso livro "Pathologie du langage" falam da descrição das perturbações na utilização do código que compõe a língua, tentando defini-las, não em função da valorização de uma única perturbação, nem como Head, pela pesquisa de um distúrbio isolado de categorias gramaticais, mas pela definição das perturbações das unidades do sistema linguístico, consideradas nas suas relações sintagmáticas ou paradigmáticas e segundo os níveis de seu comportamento".

Admite-se, assim, a existência da linguagem, não só na sua função categorial (abstrata), mas também na sua implicação concreta, enquanto elemento de uma situação dada.

Goldstein e a sua escola formulam toda uma série de argumentos a favor desse ponto de vista. A perda da faculdade de nomear os objetos, equivale à perda de atitude categorial. Toda a palavra generaliza; ora, é precisamente a faculdade de generalizar que o doente já não possui. Se, entretanto, suprimirmos à palavra o seu sentido geral, situando-a num contexto concreto, - ela torna-se - acessível ao doente enquanto elemento da atitude concreta.

Segundo Goldstein, a afasia amnésica é o resultado de uma modificação de toda a personalidade do doente, e não só da perda das imagens verbais (o ponto de vista de Luria é idêntico). Quanto à passagem da linguagem abstrata (categorial) para a linguagem concreta, ela é a consequência da perda da faculdade do doente para compreender as significações das palavras.

Chegamos, assim, ao elemento mais interessante, do ponto de vista de nossas reflexões, das considerações de Goldstein.

Segundo ele, a significação da palavra não consiste na simples associação de um complexo sonoro com o objeto dado, mas na faculdade da designação generalizada do mundo dos objetos, na denotação que, com a ajuda da abstração, organiza o mundo. (43). Por outras palavras, podemos formular o pensamento de Goldstein nos seguintes termos: o doente perde a faculdade do pensamento conceitual (categorial), ainda que possa conservar o uso das palavras dadas numa situação individual concreta. Tais palavras, porém, já não são para ele, nomes gerais já não são, portanto, um elemento do pensamento conceitual.

Goldstein tira conclusões muito extensas destas observações - o que explica a razão por que E. Cassirer, ao analisar, a patologia da linguagem na sua obra fundamental sobre a filosofia das formas simbólicas, refira-se tão enfaticamente a ele: se chamamos "símbolos" às palavras que assumem a função da designação generalizante - no caso da afasia amnésica (e é precisamente a afasia amnésica - segundo a nomenclatura de Goldstein - ou semântica - segundo a classificação e a nomenclatura de Luria que tem interesse do ponto de vista da filosofia da linguagem), resulta daí que as palavras perdem a sua função de simbolizar. Mas, por essa mesma razão, o doente perde também a faculdade de uma percepção ordenada do mundo, característica essencial do homem. (20, V. 3 cap. 6).

A perda da linguagem na sua função categorial equivale para Goldstein, à perda da linguagem no sentido próprio desta palavra. Voltamos, assim, por outras vias, ao problema do qual havíamos partido inicialmente, ou seja, o da dependência das funções da linguagem e do pensamento numa dimensão cognitiva, conceitual.

É evidente que não tratamos aqui da afasia motora - caso em que o doente conserva a faculdade de compreender a palavra pronunciada e escrita, bem como a linguagem interior, interessa-nos, dentro da perspectiva de nosso

trabalho as afasias chamadas amnésicas ou semânticas (a extensão e o teor destes nomes não são inteiramente idênticas, mas referem-se ao mesmo tipo de fenômenos).

Sem formular a questão explicitamente, Goldstein, entretanto, aborda-a, não nas reflexões sobre a relação da afasia com a inteligência (reduzidas por Kainz à tese de que a interação pode tomar, neste caso, formas diversas, e de que a ciência não se acha atualmente em estado de responder univocamente a tal questão), mas no que diz respeito a "língua" dos animais e do homem.

Possuirão os animais uma língua? Se entendermos por "língua", a língua qualificada como abstrata (poderíamos dizer: conceitual), a resposta de Goldstein é decididamente negativa: os animais não possuem a faculdade de abstração, particular ao homem, a atitude simbólica ou categorial - segundo a nomenclatura de Head e a terminologia de Goldstein. (43).

É importante salientar que os autores que estamos analisando: Herder, Humboldt, Cassirer, Vigotsky e Goldstein, são todos concordes em aceitar a existência de uma "comunicação" animal, sublinhada no entanto, com bastante insistência, a especificidade da língua humana, protestando contra toda tentativa de minimizar a diferença entre a língua do homem e a "língua" dos animais. Isto porque, infere-se do conteúdo de seus trabalhos que a língua do homem é especificamente qualificativa e por esse razão distingue-se objetivamente dos outros tipos de comunicação, muito embora seja um deles.

De resto Goldstein, não está isolado no seu ponto de vista, podemos ler opiniões semelhantes em obras recentes de fisiologia como é o caso de Konorski (discípulo de Luria): "Ainda que ... as formas da "comunicação" entre indivíduos de uma mesma espécie, estejam bastante difundida entre os animais que vivem em grupo, a língua no sentido mais estrito da palavra, com o seu caráter nominativo e des

critivo, só apareceu no seu desenvolvimento filogenético com o homem" (citado por Adam Schaff, *Linguagem e Conhecimento*, pag. 177).

Por que razão, autores que aliás não negam a existência de uma "comunicação" animal, sublinham a especificidade da linguagem humana e protestam contra a tentativa de minimizar a diferença entre a linguagem do homem e a "linguagem" dos animais? Porque a linguagem do homem é especificamente qualificada e por essa razão se distingue objetivamente dos outros tipos de comunicação.

Será assim permitido identificar os termos "pensamento" "pensamento conceitual" e "pensamento linguístico"? Essa é uma questão muito importante e discutida. Sabemos que existem aqueles que aceitam o "pensamento pré-linguístico" ou são a favor do pensamento não linguístico, equivalente ao comportamento de adaptação.

Será assim, possível identificar os termos "pensamento" (no sentido de inteligência) e pensamento conceitual ou seja pensamento linguístico, o primeiro possível de existir no animal e o segundo específico do homem?

É evidente que a palavra "pensamento" dá imediatamente lugar a graves confusões, por seu emprego indiscriminado e pela razão das maneiras de captar o conjunto dos problemas que o termo designa. Aceitemos o sentido mais válido possível visto segundo uma definição funcional: um processo de pensamento produz-se todas as vezes que um ser vivo resolve um problema. Neste sentido este pensamento é comum ao homem de hoje como ao chimpanzé que soluciona um problema no uso de instrumentos para atingir um objetivo, ou o rato que num labirinto "aprende" a encaminhar-se para o alimento.

O que é comum a todos esses casos, é o comportamento definido de um organismo, que visa um objetivo determinado sob a ação de estímulos externos.

Designar todas estas ações com o nome de "pensamento", pode nos induzir ao mesmo erro que acontece com o emprego de um único nome - "língua" - para designar diferentes sistemas de comunicação humana e animal.

Todo o comportamento de um organismo vivo é função de uma orientação no mundo, mas dentre os diferentes tipos de orientação, há um que se distingue graças à função da abstração e da generalização, e que é propriedade exclusiva do homem, e do indivíduo que não perde a faculdade da língua em consequência de uma doença. Os estudos que relevam da patologia da língua, lançam uma nova luz sobre o problema, principalmente graças à distinção da atitude concreta e da atitude categorial. É só no caso em que se manifesta a última atitude, que se pode falar da língua, da sua função simbolizante, nominativa e descritiva e do pensamento no sentido próprio destes dois conceitos.

Goldstein mostra que no comportamento concreto, o homem e o animal estão no mesmo nível, no momento que se pode realizar um comportamento fundado no processo mental, e este é necessariamente linguístico, distancia-se para uma outra dimensão diferente da do animal; pois na língua, o homem perderia a atitude categorial, e, assim, a faculdade de pensar "sensu stricto".

Com isto não estamos identificando o pensamento com o pensamento linguístico. O que se destaca é que o pensamento no sentido do pensamento linguístico é um tipo "de orientação no mundo que é objetivamente distinto, de outras orientações ao nível dos comportamentos concretos: "Negar a diferença entre o pensamento linguístico e a orientação de um afásico total, de um bebê, de um chimpanzé, ou de uma estrela do mar, - isto é que seria absurdo. Tudo se pronuncia, por consequente, a favor da distinção (também com a ajuda de um nome singular), d'entre os diferentes tipos de orientação no mundo, do tipo a que chamamos o pensamento; tudo nos recomenda a não nivelarmos as diferenças pela equivocidade inútil deste termo" (105,182).

Em definitivo não importa saber qual dessas orientações no mundo é "melhor". O essencial é o fato de que a orientação ligada ao pensamento verbal é diferente e é especificamente humana; basta isto para que tenha fundamento a sua distinção.

Ao concluir esta parte das nossas considerações, podemos afirmar que, embora os estudos do domínio da patologia da linguagem ainda não tenham dado, ao nosso problema, as soluções empíricas esperadas, eles têm sido em todo o caso a fonte de numerosas e preciosas reflexões. E é essa posição de pesquisa e indagação que nos leva a trazer aqui estes problemas dentro do nosso trabalho.

Voltamos agora ao nosso problema inicial, quanto aos processos cognitivos e os processos de comunicação intersubjetiva, e se o problema do pensamento e a verbalização do pensamento são dois processos distintos ou tratar-se-á de um único processo homogêneo - verbal e mental.

Ou seja o problema se resolve numa concepção monista ou dualista? Noutros termos temos de admitir a existência, de um processo homogêneo mental verbal, ou de dois processos distintos?

Grandes nomes de filósofos e de linguistas se agrupam do lado dos monistas, pensadores como Herder, Humboldt, Cassirer, Saussure, do lado dos dualistas Buhler, Bergson e Pick, entre outros.

Deve-se ficar alerta para não confundir a orientação monista de que - não pode o pensamento existir sem a linguagem - com a identificação destes dois fenômenos.

Diz Adam Shaff: "Desde que se demonstre que é falso interpretar o monismo mental e verbal no espírito da identificação da linguagem e do pensamento, o mal-entendido desaparece. O monismo é antidualista, quer dizer, pronuncia-se contra a tese segundo a qual a linguagem e o pensamento



são fenômenos não só distintos, mas ainda independentes, um do outro. O monismo afirma a sua dependência, e até a sua unidade orgânica. Mas "formar uma unidade não é a mesma coisa que 'ser idêntica e permutável com outro elemento dessa unidade'" Não é possível o pensamento sem linguagem; mas isto não significa que só se produzam operações verbais nos processos de pensamento e que por consequência, a linguagem e o pensamento sejam idênticos" (105, 189).

Se aceitamos os princípios dos evolucionistas Darwin e seguidores, temos de subscrever a tese segundo a qual o homem descende do reino animal, não só no plano físico, mas também no plano mental, incluindo o pensamento especificamente humano. Observando, o comportamento dos animais, pode-se inegavelmente verificar que existe uma certa orientação de uma realidade que implica num tipo de solução de problemas.

No entanto, a especificidade do pensamento humano consiste no seu caráter conceitual, em ser irredutivelmente ligada à linguagem, entendida esta como um sistema de signos (Saussure, Cassirer, Humboldt, Sapir, entre outros).

Analisando o problema da linguagem e do pensamento, concluímos que o pensamento e a utilização da linguagem constituem, nos processos do conhecimento, dois elementos indissociáveis de uma unidade.

O pensamento e a utilização da linguagem de vem ser captados como dois aspectos de um único processo.

Recorrendo à comparação estabelecida por F. Saussure, quando fala sobre o signo linguístico: unidade de som (significante) e seu conteúdo (significado), podemos dizer que a relação entre linguagem e o pensamento é de algum modo como as duas faces de uma folha de papel: não podemos cortar o anverso sem ao mesmo tempo cortar o verso (102).

Vejamos no capítulo que se segue a perspectiva que se volta para os mecanismos do comportamento verbal (behaviorismo linguístico e psicológico) e quanto se distancia da visão dos autores mentalistas, cuja orientação científica seguimos de perto.

## Cap. 2 - PERSPECTIVA BEHAVIORISTA: VALORIZAÇÃO DO COMPÓRTAMENTO VERBAL

Sem entratmos em questionamento polêmico ficou de qualquer forma evidenciado no Capítulo anterior que adotamos uma concepção da linguagem como fenômeno especificamente humano, não podendo ser explicada em bases puramente mecanicistas; deste modo nos distanciamos de uma certa orientação comportamentista em que a observabilidade se define por oposição às noções mentalistas e os métodos introspeccionistas.

Em 1924 Watson, fundador do behaviorismo, subtitulava um capítulo sobre "Linguagem e Pensamento" com esta advertência: "capítulo que destrói definitivamente a ficção segundo a qual existe algo como a vida mental". Aquilo que a psicologia chama pensamento - acrescenta ele - não é outra coisa do que falar-se a si mesmo" (citado por Horman), continuando seu pensamento sobre a fala diz que se não se reduz exatamente a movimentos da laringe, visto que se pode ciciar sem laringe, é uma atividade meramente motriz. Só as respostas (reações) observáveis podem ser objeto de estudos psicológicos.

Esta posição não foi apoiada durante muito tempo nestes termos, mas está na origem duma corrente teórica dominante que vai impossibilitar toda a problemática sobre a linguagem.

Watson, diz Brown(7) - encerrou piedosamente o "olho interior" da psicologia americana: "Segundo a pers -

pectiva behaviorista - escreve Watson - o problema do significado é uma pura abstração. Não aparece na observação científica do comportamento. Nós vemos o que fazem o homem e o animal. O homem, ou o animal, quer dizer o que faz. Sua ação mostra seu significado "(He means what he does. His action shows his meaning").

Disto se segue que quando se realiza por completo o conceito da ação, de atuação, do comportamento, isto é, quando se verificam experimentalmente todas as respostas organizadas que um determinado objeto pode provocar em um determinado indivíduo, esgota-se o significado que pode ter esse objeto para determinado indivíduo (116, 354).

A psicologia behaviorista vai tentar dar conta de todo o comportamento humano pela formação de hábitos (verbais entre outros) cujo esquema de base é o reflexo condicionado: numa situação - estímulo produz-se uma resposta (reação). Se esta é reforçada por uma recompensa e a associação entre o estímulo e a resposta também é reforçada, isto significa que a resposta será muito provavelmente repetida.

Pavlov, chama a linguagem de segundo sistema de sinalização - designando a possibilidade de substituição de um tipo de sinalização mais elementar por outro mais complexo. "El segundo sistema de señales no debe ser considerado aqui como una especie de abstracción. Más bien representa el sistema neurodinámico de vinculaciones condicionadas, que son por otra parte señales indirectas y generalizadas de la realidad. Los conceptos humanos son el resultado de las vinculaciones (associaciones) del primer sistema de señales", (citado por HOrmen).

C. Hull (1930) tenta descrever a diversidade dos comportamentos numa mesma situação propondo um esquema mais complexo: introduz a noção de hierarquia de hábitos, isto é, de processos de resposta com uma probabilidade maior ou menor de ocorrência. Por outras palavras, reduz a linguagem aos seus aspectos secundários: um conjunto de respostas

verbaís a situações. Existe ainda hoje esta confusão entre respostas verbais e linguagem; ela persiste implicitamente em certos métodos pedagógicos de aprendizagem de uma língua secundária. Além disso, em 1969 e 1970, experiências de ensino de uma linguagem a um chimpanzé por meio de técnicas de condicionamento deram um impulso novo a esta ótica teórica. Não tendo o chimpanzé possibilidade de modular sons, utilizam-se quer os signos da linguagem dos surdos-mudos (R.A.Gardner e outros) quer moedas de formas diferentes que o animal alinha (D.Premack). O chimpanzé aprende e efetivamente a manipular propriedades do tipo predicado em que as marcas sintáticas parecem reduzidas à ordem dos termos. Esta linguagem é do mesmo tipo do das crianças de cerca de 18 meses, como já vimos anteriormente. Todavia, a possibilidade de ensinar uma linguagem por meio de técnicas de condicionamento não significa que a aprendizagem assim realizada se tenha produzido por associações entre estímulo e resposta. De fato, o interesse dos resultados obtidos reside na possibilidade de comparar os limites da comunicação ensinada ao chimpanzé com a linguagem humana e de relacionar esses limites com a natureza problematizada da função semiótica que eles supõem no animal. Mas esta possibilidade de aprendizagem em nada justifica, ao nosso ver, a teoria estímulo - resposta da linguagem, tal como se apresenta em behavioristas ortodoxos.

Os teóricos do condicionamento e do processo de associação de estímulos explicam, então, a aprendizagem da linguagem, a partir de uma substituição do estímulo, substituindo o objeto por um sinal (Pavlov), ou como no caso de Thorndike, substituição de uma resposta menos econômica por outra verbal.

Ambas as concepções tropeçam com as dificuldades que surgem quando se pretende explicar a aquisição da linguagem por um processo de condicionamento: o conceito usual de reforço não pode explicar nem a rapidez da aquisição nem a estabilidade dos significados adquiridos antes.

Antes de continuar o problema do estudo da linguagem como vimos fazendo, nos deteremos um pouco em alguns problemas dos processos de aprendizagem, tendo em vista principalmente a aprendizagem da linguagem.

A título de introdução, assinalamos apenas dois pontos.

Em primeiro lugar, o estudo da aprendizagem tem sido levado a efeito de maneira relativamente "abstrata". Com frequência, o experimento típico no campo de aprendizado coloca, para o animal problema acentuadamente arbitrário. Esse problema talvez diga respeito a algo ou alguma ação com que o animal jamais se defrontaria em seu ambiente normal. E é lamentável que se imponha algo deste tipo de experiência. Com efeito, se desejarmos estudar o mecanismo do aprendizado e quisermos estar certos de que o animal nada sabe a respeito da matéria do experimento, haveremos, necessariamente, de propor-lhe o aprendizado de tarefas que fogem ao comum. Por isso, os problemas de aprendizado tendem a ser de natureza insólita e arbitrária.

A par de tal circunstância, a situação em que ocorre o processo de aprendizado, é muitas vezes peculiar e isolada de outras. Para afastar elementos estranhos e ter certeza de que o aprendizado e só ele vem sendo focalizado, o cientista deve exercer controle sobre o ambiente em que o experimento se desenvolve. Deve remover todos os elementos "perturbadores", que são próprios do mundo real, apresentando ao sujeito apenas as variáveis em que ele, experimentador, está interessado. A natureza própria da pesquisa experimental exige esse "confinamento" do sujeito. Os resultados da pesquisa conduzem a leis experimentais que são, indubitavelmente, válidas para a situação em que são observadas. Poderemos, entretanto, colocar em dúvida o pressuposto de que esses resultados tenham, em qualquer sentido alcance geral. Em outras palavras, as mesmas leis e tipos de aprendizado experimentalmente determinados serão aplicáveis a uma situação em que os animais se vêm expostos a maior número de variáveis, a "perturbações", próprias às

exigências da vida real? Esta pergunta deve nos levar a estar atentos a este problema ao avaliar a significação de leis de aprendizado experimentalmente estabelecidas e, em especial, ao recorrer a essas leis para "explicar" o aprendizado da linguagem, que é afinal de contas, um comportamento que se desenvolve no "mundo real".

Em segundo lugar, estudos acerca do aprendizado não se têm preocupado, via de regra, com a natureza da coisa particular a aprender. Com frequência tem-se admitido que o aprendizado de problemas espaço-motores, tais como os relativos a um labirinto, é essencialmente semelhante ao aprendizado de conceitos, de discriminações visuais e de pontos similares. Com esta observação, queremos lembrar que a linguagem como a consideramos - um sistema complexo que obedece a regras internas próprias deste sistema - não pode ser estudada a partir de comportamentos que não são parte integrante do sistema.

Muitos psicólogos se inclinam, por presumir que as leis básicas de aprendizagem e as formas de aprendizado experimentalmente estabelecidas se aplicam a situações em que estejam em pauta a aprendizagem da linguagem, sem exigir alterações substanciais dos experimentos.

A teoria mais simplista acerca do domínio da significação das palavras é a que se baseia no modelo clássico de condicionamento. De acordo com esse modelo, presume-se que o estímulo incondicionado seja a visão de algum objeto, uma cadeira por exemplo. A resposta incondicionada é qualquer resposta que se dê ao objeto - no caso, será, por exemplo, sentar-se na cadeira. As eventualidades auditivas que decorrem de ouvir ser pronunciada a palavra "cadeira" transformam-se, no caso em estímulo condicionado. Assim, por condicionamento, ouvir a palavra "cadeira" leva a evocar a resposta adequada ao objeto cadeira. Isso, por certo, corresponderá, pelo

menos em parte, ao que pretendemos significar, quando dizemos que "cadeira" se refere a cadeira. Por enquanto, não faremos crítica a essa teoria de aquisição do significado. Verificamos, ao longo de nossas exposições, se essa espécie de aprendizado ou de condicionamento ocorre efetivamente nos termos referidos.

Há vários reparos possíveis a fazer à descrição mencionada. Em primeiro lugar, a resposta que torna condicionada ao estímulo condicionado, não é a mesma a que leva o estímulo incondicionado. Isso é, aparentemente, um fato universal, no que concerne ao condicionamento. Em geral, a resposta condicionada (a que vem ser dada ao estímulo condicionado) é apenas parte ou apenas lembra a resposta incondicionada. Talvez um cão salive (resposta condicionada) ao ouvir uma sineta (estímulo incondicionado) que sempre acompanhou a carne (estímulo incondicionado) que lhe chega à boca, mas não mastigará nem engolirá, como faria se efetivamente recebesse a carne. E aqui temos exemplo de a resposta condicionada ser apenas parte da totalidade da resposta incondicionada.

Essa restrição que atinge o condicionamento não representa, entretanto, um obstáculo dos mais graves, ao aprendizado da linguagem. Em verdade, corresponde a uma necessidade nesse campo. Respostas as palavras não são idênticas a respostas aos objetos a que elas se referem. Se fossem idênticas, a linguagem não poderia operar. Não poderíamos falar de objetos situados para além do campo da visão, a eles não poderíamos referir-nos na negativa ou sequer falar. O condicionamento clássico, parece, portanto ser, pelo menos em parte, relevante para conhecimentos de problemas relativos à aquisição de domínio da linguagem - proporciona modelos de aprendizado na qual a reação aprendido é relevante, embora não idêntica à reação original.

Outro aspecto do aprendizado da linguagem diz respeito a ele ser relativamente duradouro.

Devemos indagar se os resultados aprendidos por força do condicionamento clássico, são suficientemente duradouros, para se constituírem em possível explicação do aprendizado da linguagem. Com efeito, o condicionamento clássico frequentemente se mostra algo assaz transitório. A capacidade de o estímulo condicionado provocar resposta na ausência do estímulo incondicionado se reduz ou se extingue rapidamente, quando há frequente apelo àquele estímulo condicionado. A conexão só retém força quando, de tempos em tempos, o estímulo incondicionado acompanha o condicionado. A combinação de estímulo condicionado e incondicionado como se sabe é denominado reforço e muitas vezes se tem sugerido que o aprendizado ou condicionamento exige o reforço e que sem este o aprendizado se perderá rapidamente (mais adiante, veremos a crítica que nesse sentido fará Chomsky sobre a teoria do reforço no "Verbal Behavior" de Skinner).

O fenômeno de extinção não é, entretanto tão estranho à linguagem como podemos ter sugerido acima. Muitos haverão feito a experiência de repetir, em rápida sucessão e muitas vezes, a mesma palavra, chegando à impressão de que essa palavra, afinal nada mais significava. Em verdade, as palavras aparentemente perdem o significado em razão de certos tipos de repetição. Essa perda de significado ocorre tanto com respeito à descrição da palavra (feita com recursos à técnica da Semântica Diferencial, que examinaremos em seguida), como com respeito ao uso da palavra.

Tendo em conta essa aparente perda de significado (que é assinalamos, transitória) e tendo em conta a permanência que é típica da linguagem que se poderá dizer a propósito do condicionamento clássico? Em estudos de saciedade semântica, deparamos aparentemente, com casos de extinção verdadeira - perda de significado por falta de reforço da palavra. No uso comum da linguagem, não encontramos evidência de extinção ainda que as palavras possam ser repetidas com frequência e ainda que, na aparência não recebam reforço. Para fazer uma distinção puramente semântica, diremos que na linguagem real usamos palavras, ao passo que no laboratório ou em estudos de saciedade semântica, nós simplesmente as repetimos.



Temos aqui uma situação em que os resultados de laboratório não são diretamente aplicáveis à situação real. Contudo isso não contesta a analogia possível de estabelecer entre o processo clássico de condicionamento e o processo de aprendizado da linguagem ou de domínio do significado. Entretanto, apesar disso e da presunção que seja possível resolver o problema da permanência do aprendizado da linguagem, continua a linguagem a apresentar ângulos que não podem ser explicados pelo condicionamento clássico. Como por exemplo, explicar as palavras do tipo-função-? Tais palavras a nada se referem, não há resposta característica para a qual se ponham como estímulo, nem constituem resposta para um estímulo característico. Seria impossível explicar sua aquisição recorrendo ao condicionamento clássico. Nesse caso, porém, não se pode realisticamente esperar soluções únicas para os múltiplos problemas da linguagem.

A situação do condicionamento operativo, como se sabe, requer que o sujeito esteja dando resposta que, se executada corretamente, é reforçada ou recompensada. As respostas aprendidas prendem-se, de modo geral, a dois grandes grupos: existem as discriminativas - quando o sujeito aprende a dar uma determinada resposta a um determinado estímulo - e as operativas - que o animal aprende a manipular um objeto de sua circunstância ou agir sobre ele. De respostas operativas são exemplos o apertar comutadores para ascender luzes, o girar maçanetas para abrir portas ou o comprimir uma alavanca para obter alimentos. Este último é um dos dispositivos experimentais mais comumente usados para pesquisa de aprendizado, onde se tem por objeto animais inferiores.

Como, no condicionamento operativo, não há o estímulo incondicionado inicial, que aparece no condicionamento clássico, é diferente o reforço cabível num e noutro desses métodos. Na situação clássica o reforço, a combinação de estímulos condicionados e incondicionados, precede à resposta. Na situação operativa, o reforço deve seguir-se à resposta. Dito de outra maneira: aquele que aprende deve receber o reforço após correta execução do comportamento. Isso é

algo que muito se assemelha às situações da vida real. Quando alguém faz algo corretamente ou faz algo que nos agrada, é comum que lhe demos recompensa. E, inversamente, quando a pessoa se comporta de maneira incorreta ou desagradável, pode ser punida.

Esses exemplos são ilustrações perfeitas do condicionamento operativo.

Nesses termos, a recompensa é condição logicamente necessária do aprendizado. Essa é uma posição não teórica por completo, pois não explica por que a recompensa é eficaz, nem quais são as condições necessárias da recompensa ou das condições em que ela deve ser definida. A posição referida não deixa, porém de ter alcance, pois se vê, ao estudar a linguagem que determinada discriminação pode fazer diferença para certas pessoas e não para outras e que essas diferenças se refletem na própria linguagem.

Outro ponto que destacamos e que terá significação maior no decorrer de nossa exposição, é o fato de que o comportamento não se manifestará senão quando o animal "desejar" o reforço. Ou seja, deve estar motivado, ou seja para falar em linguagem de condicionamento operativo, de viver em estado de privação. Surgem, aí, questões teóricas que a teoria do condicionamento não explica, ou melhor, chega mesmo a recusar a possibilidade da existência da própria teoria, como é o caso de B. F. Skinner.

Como a relativa instabilidade do condicionamento clássico foi uma das razões para presumir que ele não poderia explicar o comportamento verbal em sua totalidade, cabe-nos, agora, por em questão o caráter de permanência do condicionamento operativo. Notamos que, em muitos casos, o condicionamento operativo é mais resistente à extinção do que o clássico. E, em certas condições, pode mostrar-se altamente resistente, sejam quais forem os padrões de apreciação.

São duas, as condições básicas exigidas: (1) estar o animal motivado por ansiedade, privação ou medo; (2)

ter sido treinado numa condição de condicionamento parcial.

Não é claro, entretanto, até que ponto poderíamos explicar o aprendizado da linguagem por força do medo da ansiedade. Não há, por certo, evidência aceitável a sugerir que o aprendizado da linguagem se deva apenas ao propósito de evitar medo ou ansiedade. Há teóricos, entretanto, e, dentre eles Dollard e Miller (1950) que sugeriram que a grande parte e possivelmente todo o complexo do comportamento adulto humano seria motivado por ansiedade. Muito provavelmente, se chegaram a tal generalização, pretenderam inclusive abranger a linguagem.

Obtém-se efeito de reforço parcial, quando o animal é recompensado em alguma das tentativas que faz para dar as respostas corretas - e não todas essas tentativas, como é próprio do processo de aprendizado tradicional. Até agora não se chegou a um acordo acerca da reação por que esse efeito ocorre. Hipóteses numerosas foram adiantadas e, embora algumas pareçam intuitivamente mais corretas do que outras, nenhuma se mostrou indiscutivelmente verdadeira. Entre as hipóteses que, à primeira vista, parecem ter maior validade está a hipótese de discriminação, aventada por Bitterman (1963) e seus associados. Sugere essa hipótese que o animal não pode saber quando a extinção principia ou quando cessam as tentativas de reforço, pois habituou-se a tentativas sem reforço, em meio às tentativas com reforço.

É provável que esse efeito, admita várias e não apenas uma explicação. Cabe assinalar, aliás, ser infelizmente comum que os psicólogos tentem encontrar uma causa para determinado efeito. Quando não motivado por considerações de ordem puramente metodológica, essa tentativa parece decorrer de um raciocínio extremamente perigoso. Não há razão necessária para presumir que todo efeito tenha uma e apenas uma causa. Em verdade, muito maior razão existe para admitir exatamente o contrário, para admitir que um comportamento possa ser determinado por múltiplos fatores que são várias as possíveis causas de um efeito - e segundo tudo indica - vários e

possíveis efeitos de uma causa. No caso de uma teoria da linguagem, seria imprudente, buscar uma e somente uma "explicação" para a linguagem ou para qualquer dado segmento da linguagem. Seria duvidoso, que a linguagem pudesse operar como opera se não fossem múltiplos os fatores que concorrem para determiná-la.

Devemos, indagar no entanto se há evidências de que a linguagem possa, ao menos em parte, ser vista como um tipo de procedimento operativo.

Greenspoon (1955), por exemplo, demonstrou que, reforçando apenas os substantivos plurais, era possível condicionar sujeitos para recorrerem principalmente a esses substantivos, oferecendo-os como resposta a estímulos verbais. Nesse caso, o reforço era também verbal e consistia em o experimentador dizer "muito bem". Verplanck (1955) e outros mostraram que expressões linguísticas mais completas também admitem essa forma de condicionamento. Podem ser reforçadas, por exemplo, sentenças que incluem pronomes de primeira pessoa, levando o sujeito em causa a falar mais a respeito de si mesmo. Também nesta hipótese, o reforço pode ser verbal.

Uma questão pode ser colocada: no caso, trata-se realmente de condicionamento ou os sujeitos estão simplesmente cooperando com o experimentador, respondendo com o tipo de comportamento que este, por meio de acenos e concordância lhes indica ser o que deseja? Em certo sentido, o experimentador fala através desse reforço. (A resposta seriada da a partir da relação estabelecida).

Evidência mais recente, proporcionada por Spiegelberger (1962) sugeriu que a expressão do "condicionamento" é proporcional ao grau de consciência do sujeito - maior a consciência, maior o condicionamento. Isso sugeriria cooperação dos sujeitos com o experimentador, e sugeriria, ainda, que a suposta natureza operativa dos pronunciamentos, era apenas um produto experimental - o que soçaparia toda a

teoria do condicionamento operativo da aquisição da linguagem. Entretanto, mesmo para os sujeitos que do fato se dão menos consciência parece haver algum condicionamento. Sempre cabe, entretanto, indagar se estamos avaliando adequadamente a consciência que o sujeito tenha do processo. A essa indagação não temos como dar a resposta definitiva. Tudo o que se pode afirmar é que dentro de certos limites, os enunciados linguísticos podem comportar-se à semelhança de como se apresentam comportamentos operativos, tradicionais. Esse fato sugere que pelo menos certas partes da linguagem poderiam ser consideradas operativas, mas não provam que sejam. E não prova de modo algum que a linguagem seja adquirida por condicionamento operativo. Assim, embora, seja procedente e correto dizer que a linguagem poderia corresponder, para alguns propósitos, a classe de comportamento operativo, não decorre disto que a linguagem seja aprendida por condicionamento operativo.

Há, em verdade, boa razão para presumir que a linguagem não possa ser dominada apenas por meio de condicionamento operativo, tal como é este habitualmente concebido. Para demonstrar esse ponto basta tentar explicar a forma de aprender uma palavra. Se estivéssemos falando a linguagem do condicionamento operativo teríamos de presumir que ao estímulo físico do objeto a criança daria uma série de respostas sonoras. Se tais respostas se assemelham ao objeto, ver-se-ão reforçadas.

Nós nos inclinaríamos a predizer que, todas as vezes que a criança visse o objeto diria a palavra correspondente. E é, indubitável, porém que isso não ocorre. Não repeti-la todas as vezes que vê o objeto é sinal de que a criança domina a palavra que usa, pois que a utiliza não como resposta ao objeto, mas como uma referência a ele. A partir do condicionamento operativo, uma criança não poderia usar a palavra como referência. Poderia a criança adquirir condições de nomear as coisas, de produzir por condicionamento operativo, certos enunciados verbais diante de

um objeto, mas não poderia aprender por esse meio, a fazer referência a coisas não presentes. Aprofundaremos essa crítica, quando passarmos a examinar a teoria do comportamento verbal, elaborada por Skinner.

### 2.1. O esquema estímulo-resposta (S-R) - recusa ao problema do significado (Skinner).

Significado igual a comportamento (igual ao comportamento que leva à palavra e ao comportamento provocado pela palavra). Para o Behaviorismo ortodoxo, não existe a dimensão pragmática, ao menos em sua função relativizadora - (Peirce) de relação diádica signo-designado. Um signo atua como estímulo para o mesmo comportamento que foi provocado originariamente pelo objeto designado. O modo de proceder esta substituição, esclarece Watson, servindo-se de uma teoria do condicionamento à maneira de Pavlov, bastante simplificada: se se percebe várias vezes um estímulo condicionado (a saber o complexo sonoro) em proximidade temporal imediata a uma estímulo não condicionado (a saber, o objeto), o estímulo condicionado imediatamente provocará o mesmo comportamento que produzirá até então o estímulo não condicionado.

Para Skinner a psicologia é o estudo do comportamento. O psicólogo deve limitar-se a falar do comportamento e de fatos objetivos em geral. Cabe-lhe evitar a utilização de conceitos "invisíveis", intangíveis, não denotativos. Para ele, entre esses conceitos poderiam colocar-se os de "mente" ou consciência", pois não são diretamente observáveis pelos sentidos do pesquisador. Tais conceitos correspondem quando muito, à inferência a que se chega a partir do comportamento e, conseqüentemente, nada acrescentam ao enunciado simples daquilo que o comportamento é. Segue-se, do que ficou dito, que o significado pode pertencer à classe dos conceitos não-denotativos, e, se esse for o caso, seguir-se-á que Skinner (1957) não mencionará o significado em sua teoria.

Ter-se-á formulado uma teoria psicológica satisfatória quando o psicólogo se mostrar capaz de predizer e controlar o comportamento. Só então o psicólogo poderá dispor de uma teoria correta na medida em que conhecer as condições sob as quais determinado comportamento será observado, e na medida em que puder manipular essas condições de maneira tal que o comportamento de fato se manifeste. O termo "compreensão" perderá o sentido se, por intermédio dele, quisermos indicar algo diverso de uma especificação das condições em que um acontecimento particular se verificar. Um efetivo controle do comportamento poderá ser impossível ou extremamente difícil, por motivos de ordem puramente pragmática e a situação revelar-se demasiado complexa para admitir controle. Apesar disso, importa que continuem a existir meios de especificar as condições necessárias para que o comportamento em causa venha a manifestar-se.

Não podemos passar adiante sem fazer algumas observações acerca das noções que Skinner oferece a propósito da natureza de teoria. É importante saber que Skinner .. (1950) tem-se mostrado obstinadamente contrário a teorias - no sentido tradicional desse termo; em outras palavras: opõe-se, a que se recorra a entidades não suscetíveis de observação, residentes no interior de organismos (como consciência, mente por exemplo) para explicar o comportamento desses organismos. Essa oposição se apoia, aparentemente, em duas convicções: primeiro - a de que esses conceitos são subjetivos, não diretamente observáveis e, por consequência, não científicos; segundo - a de que esses conceitos são supérfluos, pois se definem a partir de estímulos observáveis e de comportamento observável. Por que pergunta ele, recorrer a um terceiro conceito, quando dois desempenham o papel completo?

Aparentemente, Skinner julga também que a psicologia não está madura para admitir a teoria. A teoria haveria de surgir quando se dispusessem de dados suficientes a respeito dos quais fosse possível teorizar. Obtidos os dados, a teoria tornar-se-ia, mais ou menos, auto-evidente. Os

críticos de Skinner replicam, dizendo que se não se apoiasse o investigador em alguma teoria, ao menos implícita, não teria condição de realizar qualquer pesquisa, pois sem ela não saberia quais os problemas a colocar.

O propósito da psicologia, ao ver de Skinner, é descrever as relações que, com caráter de lei, se estabelecem entre estímulos e respostas: sua teoria da linguagem é a descrição da subclasse particular de tais leis. Ao termo "estímulo" e ao termo "resposta" Skinner atribui definições operacionais de feição observável. Uma resposta é qualquer comportamento cuja decorrência de leis de condicionamento pode ser demonstrada; o estímulo é qualquer integrante da circunstância a que uma resposta pode ser condicionada. Há, no caso um aparente círculo vicioso. Todas as respostas (mas não todos os comportamentos) têm de ser condicionadas. (ou condicionáveis) pois, de outra forma, não poderão ser, por definição, resposta de maneira análoga, todo condicionamento há de corresponder a um aprendido estímulo-resposta pois algo que não obedeça às leis do condicionamento poderá ser estímulo ou resposta. Para sermos coerentes com o que Skinner propõe devemos assinalar que as definições do tipo por ele oferecidas pecam por serem tautológicas. Nem tudo quanto ocorre na circunstância em que se ache o organismo deve corresponder forçosamente a determinado estímulo. Estímulos são fatos que afetam o organismo de modo determinado, e respostas são tipos de comportamento dotados de certas propriedades passíveis de definição; para Skinner, essas propriedades resumem-se no fato de as respostas observarem as leis do condicionamento. Tanto os estímulos, quanto as respostas, são o que são por operarem como operam. Como o efeito que o estímulo exerce sobre o organismo tem, em algum nível, de assumir a feição de comportamento poderá esgotar-se em "comportamento" apenas neurológico - os estímulos não podem identificar-se independentemente do comportamento. Como as respostas são o que são - comportamentos causados por certas variáveis, entre as quais se acham os estímulos - segue-se que as respostas também não podem ser identificadas de maneira que in-



dependam inteiramente dos estímulos. Foram considerações dessa ordem que levaram Skinner a pronunciar-se pela posição que escolheu.

De acordo com Skinner, uma relação que tenha caráter de lei - tipo de relação com que a psicologia se ocupa - tem como características o ser ordenada e contínua. Para ele, relações com caráter de lei são as que não apresentam alterações ou interrupções súbitas.

Aceitar essa definição da natureza da lei psicológica é algo que irá ter profunda influência sobre os tipos de problemas estudados pelo psicólogo. Muito naturalmente, Skinner se preocupa apenas com os atributos de comportamento que apresentam essa espécie de legalidade. Essa limitação pode levá-lo a considerar apenas aquilo que é ordenado de maneira simples, chega-se a um conjunto de leis que também é simples, mas que se pode demonstrar ser quase totalmente irrelevante para a explicação de fatos da vida real mais complexamente ordenados.

Como se sabe, Skinner restringe sua investigação, de maneira quase total, ao estudo dos efeitos de programas de reforço sobre o índice de resposta, num paradigma operativo-condicionante. E com esses operadores pretende explicar o comportamento verbal, orientação esta seriamente criticada por Chomsky em seu "Review of Skinner's Verbal Behavior", como veremos mais adiante.

Para Skinner, o índice de resposta é suscetível de estudo numa situação em que a resposta possa admitir repetição; e fora do laboratório, uma situação de caráter repetitivo raramente se manifesta. Consequentemente, em vez de se referir a índice, Skinner alude, com frequência, à probabilidade de resposta ou à possibilidade de resposta ou à possibilidade de esperar que dada resposta se manifeste em dada ocasião. Estritamente falando, a probabilidade de resposta corresponderia ao número de vezes da sua ocorrência real, dividida pelo número de vezes de sua ocorrência possível. Note-se, porém que, numa ocasião determinada e particular, a probabilidade de resposta é indeterminada. Numa ocasião qualquer, a resposta pode ocorrer ou não ocorrer. Não

se pode estabelecer diferença entre alta e baixa probabilidade de resposta, uma vez que ambas são suscetíveis de se manifestarem ou de não se manifestarem. A probabilidade da resposta só pode constituir-se em conceito científico significativo quando se tem em conta uma longa série de situações que se repetem, podendo ocorrer em qualquer delas. Se considerarmos uma situação particular e determinada, a probabilidade se revestirá de reduzida importância.

Skinner fala, ocasionalmente, de intensidade de uma resposta, querendo aludir ao vigor com que ela se manifesta. Essa variável pode ser medida com facilidade num caso isolado. Mas, uma dificuldade logo surge. Embora Skinner assegure que o índice de responsabilidade, a probabilidade de resposta e a intensidade de resposta correspondem a aspectos diversos de um mesmo fenômeno - o quanto bem se conseguiu o condicionamento da resposta e o quanto foi ela reforçada - não há, em verdade, como fundamentar essa afirmativa. Com efeito, ratos podem ser condicionados para responder lentamente ou fracamente a um determinado estímulo, dando, porém, essa resposta fraca ou lenta com elevado índice de probabilidade. São admissíveis todas as permutas e combinações possíveis dessas variáveis: Qualquer aspecto de uma resposta pode sofrer acréscimo ou decréscimo, contanto que seja apropriado o reforço de que se lance mão. Se há uma lei capaz de refletir a relação entre essas variáveis do comportamento e o reforço usado, e se todos esses conceitos de comportamento obedecem à mesma lei, caberia suspeitar de que toda a relação é "artificial", decorre do fato de uma espécie particular de comportamento haver sido estudada dentro de uma situação experimental particular. Em outras palavras, essas leis não têm caráter de universalidade (Ver a excelente apreciação que Noam Chomsky (1959) faz da obra de Skinner intitulada "Verbal Behavior").

Considerando essa breve apresentação da visão "filosófica" que Skinner tem da psicologia e consideran-

do seus limites, passaremos ao exame da teoria da linguagem formulada por ele.

Desnecessário dizer que Skinner entende ser a linguagem aprendida totalmente segundo as leis do condicionamento operativo. Para começar, sustenta que tanto a produção de sons, como a seguir, a produção de certos fonemas, estão operativamente condicionados. Conforme notamos, para admitir que o aprendizado se dê segundo esse esquema, faz-se necessário admitir também que a criança seja capaz de proporcionar reforço a si mesma, pois não cabe esperar que os pais disponham de meios para executar adequadamente essa função: mesmo o reforço parcial que eles proporcionam é insuficiente para preenchê-la. A partir daí, elabora sua teoria de maneira tal que as verbalizações da própria criança e de terceiros se tornam reforço per se; são reforços secundários ou aprendidos, para usar a terminologia S-R típica de Skinner. É passível de crítica a maneira como Skinner coloca o problema. Explicar o reforço nunca foi um dos pontos fortes de Skinner.

Reconhecido o fato de que a criança emite sons, cabe-nos passar a explicar como adquire ela o domínio da linguagem. Para fazê-lo, devemos partir de alguma idéia do que seja a linguagem. Observa ele, muito oportunamente, que nem todos os enunciados linguísticos são semelhantes, que diferentes enunciados desempenham funções diferentes, e que pode haver uma classificação da linguagem em que diferentes classes sejam definidas em atenção a princípios algo diferentes. A simples observação nos mostra que a linguagem da criança começa a manifestar-se em enunciados breves (mand) que têm natureza de ordem ou de exigência. Em seguida, passa a fazer uso da linguagem de forma descritiva ("tact"). Torna-se menos dependente de terceiros, segundo ele, ao dominar a gramática.

É transparentemente verdadeiro que os primeiros enunciados da criança prendem-se ao tipo geral de

que nos estamos ocupando ("mand", demanda), as verbalizações da criança têm o objetivo de conseguir que os pais façam algo em seu favor, o que parece indicar algo de funcional.

Devemos perguntar-nos porém, se é possível estudar a linguagem, mesmo esta subclasse de linguagem, utilizando exclusivamente a terminologia do condicionamento operativo, tal como foi proposto por Skinner. Para dar uma resposta a essa pergunta, há que ter em conta dois elementos cruciais de sua definição de "mand": privação e reforço. A noção de privação deriva de pesquisas efetuadas com ratos e outros organismos inferiores, em relação aos quais se observou que o aprendizado, ou desempenho, é de melhor nível quando os animais se viram anteriormente privados de alimento, por exemplo - ou quando se permite que, após haverem resolvido com êxito um problema de aprendizado - satisfaçam necessidades imperiosas. Nesse tipo de pesquisa, o emprego do vocábulo "privação" tem plena justificativa. Algo foi efetivamente retirado dos animais. Nos casos comuns de privação de alimento, ou de água, sendo a porção retirada de vital importância, os animais poderão morrer.

Equivalem-se, então o sentido técnico e o sentido comum de "carência". Ambos significam que se retirou do animal algo que deveria ter, normalmente.

Qual, entretanto, o sentido da carência ou privação, quando se trata da linguagem?

Skinner recusa-se totalmente a falar do significado :

"Buscamos "causas" do comportamento que tenham "status" científico aceitável e que, favoráveis às circunstâncias, serão suscetíveis de medida e de manipulação. Dizer que isso equivale a "tudo quanto se traduz por idéias ou significados", é desfigurar a prática tradi-

cional. (...) A única solução está em rejeitar a formulação tradicional do comportamento verbal em termos de significação (109,10).

... O resultado é simplesmente a probabilidade de ser certa resposta emitida por aquele que fala, de forma determinada, na presença de um estímulo que sob certas condições amplas de privação ou de estimulação contrária, reuna propriedades especificadas. No que respeita a quem fala, essa é a relação de referência ou significado" (109, 115).

Claro está, portanto, segundo Skinner, que a criança não poderia atuar em seu favor um reforço, em razão do que "pretendeu efetivamente significar", nem poderia o que ela "pretendeu efetivamente significar" ver-se reforçado, pelo simples fato de que tal coisa não existe. Só comportamentos são suscetíveis de receber reforço. O que está a nosso alcance resume-se em que uma resposta é emitida. Se é emitida e recebe reforço, sua probabilidade de ocorrência aumenta. A conclusão é clara, erros linguísticos seguidos de reforço tenderão a perpetuar-se. A linguagem só se aperfeiçoa na medida em que sejam reforçados os enunciados corretos. Dá-se, porém, que, na vida real, o reforço assume caráter muito mais vago e geral, demasiado vago para explicar a especificidade da linguagem, se admitirmos que o reforço afeta apenas aquilo que é efetivamente enunciado. Se nos dispusermos a considerar que pode haver intenção ou significado subjacentes ao que é dito ou que pode haver, talvez, uma família de enunciados potenciais, de que o enunciado particular seja exemplo, aproximarmos-nos eventualmente de uma melhor compreensão do que seja a linguagem. Mas, Skinner não se dispõe a agir assim e, em razão disso, devemos considerar que falhou mesmo ao nível simples dos "mands".

Na perspectiva behaviorista, como vimos em Watson, o problema do significado se resume em aparecer como "uma pura abstração".

Como observou Chomsky (24), tudo leva a crer que Skinner, ao falar em carência, pretende significar que a criança quer alguma coisa, e, por isso, a reclama. Estabelecer igualdade implícita entre querer algo e carecer de algo - procedimento adotado por Skinner - é, a um só tempo falso e enganoso. É perfeitamente possível querer algo que já se tem e que se quer mais. Embora se trate de falta de algo, a falta só se faz notar quando já existe aquele algo. E, sem dúvida, não é este, para Skinner, o sentido comum do termo "carência". É igualmente possível alguém estar privado de alguma coisa, sem desejá-la, como o atestam exemplos de pessoas que fazem greve de fome. Talvez o ponto mais importante seja o de que o recurso à idéia de privação empresta à teoria uma feição de rigor técnico totalmente enganosa, pois é errôneo o uso que se faz do vocábulo "privação". O comportamento verbal é equiparado ao comportamento dos ratos, pelo fato de as mesmas palavras serem usadas para descrever um e outro. Contudo, a este nível de análise, não há evidência que fundamente a validade dessa equiparação. Privação é um termo que pode ser usado como conceito explicativo do comportamento do rato, porque se define independentemente do indivíduo do qual algo é retirado.

É lógico e cientificamente inaceitável explicar um comportamento por si mesmo: a manifestação de um querer não pode ser explicada simplesmente pelo querer, do qual a manifestação é sua única evidência.

Skinner falha ao explicar a ação de alguns operadores verbais, nesse nível lógico básico. Ele passa do sentido técnico que o termo carência ou privação tem no laboratório, para o sentido comum que tem na vida de todos os dias. Aparentemente, uma crítica de fundo semelhante pode ser dirigida contra o emprego de "reforço". Não cabe definir o reforço como algo que satisfaz uma privação, se o próprio conceito de privação não tiver significação real. Sendo muitos os casos de "não-reforço" durante o comportamento de aprendizado de uma criança, esta, conseqüentemente, teria que extinguir as suas demandas, ou seja, seus pedidos verbais, provocando uma pobreza progressiva de certas verbalizações.

Para Skinner, um reforço é um reforço (109) e todos são funcionalmente idênticos. Analogamente, todas as forças operantes são idênticas, no sentido de que são idênticamente afetadas pelo reforço.

Mas em nenhuma parte está tão clara a simplicidade do método behaviorista ortodoxo como em Skinner.

A importância de sua obra (Verbal Behavior, 1957) baseia-se antes de tudo, em desenvolver uma "psicologia da linguagem", prescindindo do conceito de "significado".

A atenção dominante prestada à dito conceito havia levado a psicologia da linguagem a uma espécie de impacto e parada - e isto sugere que um afastamento de uma visão mentalista impediu maiores progressos em outros domínios da psicologia.

Skinner evita em todo o seu livro designações como as de linguagem (language) e inclusive comportamento de linguagem (language behavior ou linguistic behavior), que poderiam sugerir a idéia de uma "comunidade" linguística e, portanto de algo supra-individual (na forma, por exemplo, da "langue" de Saussure). Para ele a linguagem não é nenhuma entidade: só existe o comportamento, e como uma forma especial do comportamento, o comportamento verbal.

Skinner pretende oferecer uma análise funcional do comportamento verbal. Isto significa que se deve identificar as variáveis determinantes do comportamento verbal e se determinar a forma de sua interação. Tais variáveis devem ser descritos na "linguagem objetiva", isto é, dentro do possível, mediante definições operacionais, para o que se há de eleger termos como os de estímulo, resposta, reforço. A análise terá êxito se se permite prever o comportamento verbal de um falante com a ajuda de outros elementos observáveis do comportamento ou da situação. A acertada predição e com ela o controle do comportamento, é a prova do êxito da análise. A busca das variáveis determinantes do comportamento verbal consiste na estimulação atual e no reforço anterior, de tal forma que a estrutura interna não desempenha papel algum na análise, entre outras razões, porque a estrutura não pode ser equiparada ao comportamento.

Na medida em que se esforça por analisar o comportamento verbal nas mesmas determinantes como o faz com relação a outros comportamentos, Skinner explica detalhadamente o que distingue o comportamento verbal de outros comportamentos. O comportamento altera usualmente o meio ambiente de seu objeto por um efeito mecânico. Portanto, o comportamento verbal - e isto diferencia - o das outras classes de comportamento - é um comportamento

que conduz a sua finalidade (e assim, ao reforço) por interposição de outra pessoa (Skinner fala de "mediation of other persons"). Só o ouvinte faz possível, ao menos no essencial, que o comportamento verbal consiga sua finalidade. Deste ponto de vista, a maneira de se comportar do falante e do ouvinte pode compendiar-se no que Skinner chama episódio verbal. Neste episódio não há mais que a soma das maneiras de comportamento dos indivíduos afetados.

Para conhecer e sentir o verdadeiro valor e peso desta última frase de Skinner, devemos opô-la a outra: "El lenguaje es el órgano formador del pensar. La actividad intelectual, que discurre en lo esencial psíquicamente, internamente y, en cierto modo, sin dejar huellas, se exterioriza y se hace perceptible para los sentidos en el habla mediante el sonido" (Humboldt, citado por Hörmann, pag.277) A opinião de Humboldt, que é um dos autores que seguimos de perto para a direção de nossas reflexões, representa a oposição completa ao behaviorismo; para Humboldt, a linguagem tem uma existência que vai além do ato verbal concreto: tem um poder criativo e de orientação no mundo. (Idéia, retomada por Chomsky).

Skinner rechaça tal idéia com veemência. Antes, explica-se comportamento verbal como expressão de idéias; mas que são as idéias mais que as palavras? O falante não exterioriza idéias ou representações ou pensamentos (isto é, elementos subjetivos) mas, palavras. O procedimento de Skinner é consequente. Não só recusa conceitos como os de "idéias" ou "representações", como também os de "significado" e "informação".

O comportamento verbal, para Skinner, é o comportamento reforçado (reinforced) por mediação de outras pessoas. Por isso ele dá grande importância ao aspecto da aprendizagem. A linguagem humana, diferente da maioria das formas de comunicação do reino animal, é aprendida. Portanto, sua aquisição e posse devem seguir as leis da aprendizagem.



Estas leis decidem por que na situação determina da devem ser empregadas estas expressões linguísticas e não outras. Tais leis da aprendizagem apresentam para Skinner, que não quer estabelecer qualquer teoria, a força de uma descrição do que ocorre e das condições em que ocorre. A isto chama precisamente, análise funcional. Esta descrição deve realizar-se necessariamente, com a ajuda de - estímulo e resposta - oriunda da situação presente e do reforço passado.

A possibilidade de por sob controle, e, portanto, de determinar-se o comportamento verbal mediante o governo externo de um mecanismo de aprendizagem, é um fato indubitável em face dos nossos atuais conhecimentos. Mediante o reforço, a resposta se une a um estímulo determinado: e como está unida ao estímulo, pode ser predita, uma vez conhecidas as qualidades do estímulo da situação.

Skinner afirma que o comportamento verbal está sempre, em cada situação, controlado pelo estímulo.

Acerca do conceito de reforço mostra Chomsky que Skinner trata de levar ao campo da psicologia da linguagem a "boa objetividade" que têm os conceitos estímulo, força da resposta, etc., sem assegurar-se do emprego preciso de ditos conceitos. Segundo Skinner, reforço é o oferecimento de um determinado estímulo em relação temporal com outros estímulos ou com uma resposta (a "hum" do método experimentador atua como reforço, porque segue de modo imediato, no campo, a resposta que há de ser reforçada). Mas observando-se o emprego do conceito de reforço no "verbal behavior" logo se vê que uma pessoa fala consigo mesma, porque isto é "reinforcing" para ela. Uma criança imita os sons que ouve, e isto é "reinforcing". O comportamento verbal do falante é reforçado pelo comportamento do ouvinte: em resumo: - um falante diz o que quer dizer, porque é "reinforcing" para ele. A existência do reforço se deduz simplesmente do fato de que existe um comportamento verbal. O conceito de reforço perdeu pois seu sentido (coisa que não ocorre em Hull, Pavlov, Gunthrie ou Thorndike, que defendem o reforço de forma independente).

Portanto, a aceitação de conceitos da teoria da aprendizagem provoca óbvias dificuldades, desde que separados d'esses conceitos de seu contexto operacional. O fato de que Skinner empregue os mesmos termos da psicologia da aprendizagem na psicologia da linguagem, cria "a ilusão de uma rigorosa teoria científica, com uma ampla esfera de proteção, por mais que os termos talvez... sejam só homônimos". "O grande fracasso deste intento de apreender o conceito de comportamento verbal é uma medida da importância dos fatores a que Skinner se referiu por alto, e uma indicação do pouco conhecido que é o complexo fenômeno de linguagem" (24, 30 e 28).

O ponto fundamental psicológico-linguístico de Skinner é constituído pela repugnância comum a quase todos os psicólogos de orientação empirista, o recorrer, quando operam com o conceito de significado, idéia ou outros estados de consciência. Fisa-se terreno seguro segundo ele a se falar somente de comportamentos e explicar a textura condicional deste comportamento segundo os modelos da psicologia da aprendizagem.

As teorias da substituição - partem assim do critério fascinadoramente simples, de que o estímulo condicionado, "palavra", atua como substituto do estímulo incondicionado, "objeto", para provocar a resposta que até agora provocava o "objeto".

Outra solução, que permitirá conservar o modelo simples de condicionamento, que veremos a seguir, consiste em transpor a resposta "correspondente" ao significado (Noble Bonsfield, Deese). A resposta implícita constitui também a base das teorias de mediação de Bonsfield e de Osgood, que veremos no capítulo que se segue. É precisamente neste último que identifica o significado com uma resposta-parcial emocional que a teoria behaviorista do condicionamento encontra seu último refúgio.

## 2.2 - Esquema Mediacionista: Teoria mediadora do significado (Osgood)

Charles Osgood e seus colaboradores (1957), trabalhando no âmbito do associacionismo estímulo-resposta, nos termos em que foi desenvolvido por C. I. Hull (1942, 1952), tentaram elaborar uma teoria do significado. Entendem que o significado é o mais crítico dos problemas que uma teoria da linguagem deve enfrentar e, conseqüentemente, buscam solucioná-lo no começo de seus estudos. Tal como veremos, as pesquisas por eles conduzidas têm pouca importância direta para quaisquer outros problemas da linguagem. Com efeito, tanto a teoria quanto a pesquisa por eles realizadas baseiam-se no pressuposto de que o significado pode ser tratado independentemente da linguagem e visto como um todo. O êxito de ambas depende da validade desse pressuposto fundamental.

De saída, Osgood presume que o significado seja algo adquirido, mais ainda, adquirido por meio de alguma forma de condicionamento. Tendemos a pensar que o condicionamento tem muito a ver com os comportamentos ou respostas abertas. Mas é igualmente conceber o condicionamento de respostas menos diretamente observáveis: p. ex., alterações na pulsação cardíaca ou na pressão sanguínea. Em verdade, demonstrou-se a possibilidade de condicionar a atividade do próprio sistema nervoso central, de tal modo que a manifestação de um estímulo condicionado provoca, digamos, um padrão particular de atividade nervosa central. O fato de poder ocorrer esse condicionamento do sistema nervoso sugere claramente a possibilidade de o significado ser adquirido por meio de processos de condicionamento, sem que ao mesmo tempo, o significado corresponda a um comportamento aberto. A correspondência entre significado, de um lado; e de outro, o comportamento e seus estímulos foi o pressuposto que causou mais dificuldades a Skinner.

Segundo Osgood, devemos considerar o significado como um mediador. Em outras palavras, o significado de qualquer estímulo, seja ele uma palavra, seja outra coisa qualquer, é, algum acontecimento interno que se interpõe entre

aquela estímulo e o comportamento aberto. Ele se põe como intermediário entre estímulo e resposta, no sentido de que a resposta não é causada diretamente pelo estímulo. Este faz surgir o mediador central que, por que vez, origina a resposta. Assim as respostas não correspondem diretamente a propriedades do estímulo, mas aos mediadores despertados pelos estímulos. Essa noção nos permite explicar o fato de dois estímulos diferentes provocarem a mesma resposta, presumivelmente porque fazem despertar um idêntico mediador. Poderíamos dizer, no caso, que esses dois estímulos correspondiam à mesma coisa ou encerravam o mesmo significado. Não há exagero em conceber o significado como algo que se põe entre a palavra quase estímulo, tal como ouvida ou vista por um sujeito, e a resposta que é dada a essa palavra - uma resposta que poderia ser praticamente qualquer outra.

Devemos indagar, agora, que tipo de processo de condicionamento poderia produzir esse mediador. Clark Hull lança o fundamento da resposta, aceita por Osgood. Para compreender como os animais de laboratório aprendem a resolver problemas - o rato a orientar-se num labirinto, por exemplo - Hull julgou necessário presumir que esses animais, de certa forma, "antecipam" o objetivo (1937). Há, disse ele, três espécies de estímulos que controlam todas as respostas dadas: estímulos provenientes de objetos externos, colocados no contorno; estímulos produzidos por estados de carência (fome, etc); estímulos que se prendem a respostas imediatamente anteriores, dadas pelo próprio animal, estímulos que brotam de seus nervos sensoriais, prospectivos e cinestésicos. É característica dos estímulos de carência o fato de somente eles persistirem ao longo de uma dada tentativa de solução de problemas. Ao fim da tentativa, serão reduzidos ou parcialmente afastados pela recompensa proporcionada quando o objetivo é alcançado. O objetivo mesmo se caracteriza por uma resposta particular que tem caráter de consumação; o animal faz algo, come ou bebe o que reduz seu estado de carência. Pelo fato de o objetivo, que deve ser concebido como estímulo, sempre se acompanhar de um reforço imediato, isto é, de uma redução do estado de carência, a

resposta que dele deriva-se torna condicionada a quaisquer estímulos existentes e condicionada mais fortemente que qualquer outra resposta dada para resolver o problema. Todas as outras respostas, são mais afastadas no tempo do que a recompensa, que é uma resposta encontrada no objetivo e, por conseguinte, aquelas respostas ficam menos fortemente condicionadas.

Dessa forma, a resposta encontrada no objetivo, afirma Hull está intensamente relacionada com todos os estímulos, inclusive como é natural, com o estado preexistente de carência ou estímulo de impulsão. Que acontece se fazemos o animal tornar ao começo do labirinto, depois de um adequado período de privação? Como existe uma forte associação entre estímulos de carência e as respostas encontradas no objetivo, seria de esperar que o animal procurasse esta resposta. Naturalmente, entretanto, não está presente o objeto-mota e seria tolo esperar que o animal comesse quando não há alimento. Ao invés disso, segundo Hull, ele dá uma resposta que é parte ou fração da resposta dada no objetivo. Essas respostas parciais se apresentam com duplo caráter: 1º são uma parte da resposta dada no objetivo, mas 2º podem ser dadas na ausência do objetivo, sem que haja interrupção de outros comportamentos que se vêm processando, tal como o de correr pelo labirinto. Como agora essas respostas parciais são dadas antes de ser atingido o objetivo, elas de certa forma, o antecipam e se transformam naquilo que para Hull explicaria a natureza destas respostas aparentemente voltadas para o objeto do comportamento que levaria à solução do problema.

O modo como Hull utilizou esse artifício não é questão que nos deve preocupar. Basta dizer que ele postulou um tipo de aprendizado em que o comportamento aprendido não é aberto ou diretamente observável, servindo o comportamento como mediador com relação a certos atos mais diretamente observáveis - correr pelo labirinto, no caso acima figurado.

Os aspectos da medição e orientação surgem por via da propriocepção ou cinestesia. Em outras palavras, todo o comportamento envolve movimento muscular ou glandular. E todo movimento ativa os receptores que existem em todos os músculos. Esses receptores enviam ao sistema nervoso central mensagens relativas que dizem respeito ao movimento. Cada uma das respostas produz estímulos e as respostas parciais com relação às dadas nos objetivos não constituem, nesse ponto, uma exceção. Assim, embora a resposta parcial seja uma resposta, ela produz estímulos aos quais outras respostas podem ver-se condicionadas. Ela pode, pois, colocar-se entre um estímulo e uma resposta abertos, os quais não estão diretamente relacionados entre si, mas se relacionam por força dessa resposta mediadora.

Osgood generaliza essa noção para explicar o significado. Suponhamos que uma palavra é ouvida por determinado sujeito (uma criança) ao mesmo tempo em que lhe é dado ver um objeto. Temos, aqui, a combinação de dois estímulos, e as leis do condicionamento clássico nos levariam a supor que um dos estímulos adquiriria o poder de provocar a resposta, tipicamente dada ao outro estímulo - ou seja, a resposta incondicionada. Assim, pelo condicionamento clássico, a resposta ao objeto passa a poder ser provocada pela palavra. Logicamente, não parece haver razão para não ocorrer também o oposto, ou seja, provocar o objeto alguma resposta "condicionada" produzida pela audição da palavra. Osgood prefere ignorar esta última possibilidade, aparentemente pela errônea suposição de que ela pudesse conflitar com sua teoria. Em verdade, porém, ela faria sentido, tanto do ponto de vista do bom senso, quanto do ponto de vista psicológico.

Mas a palavra não é o objeto. Resultados surpreendentes ocorreriam se alguém se sentasse na palavra "cadeira" e não numa cadeira objetiva. Nesses termos, presume Osgood, o que efetivamente se torna condicionado à cadeira, a alguma fração da resposta que pode manifestar-se independentemente da presença do objeto. Como resposta, essa

resposta fracionária dá lugar aos seus próprios estímulos. Assim a resposta fracionária 1ª - é uma resposta a algo (a palavra falada); a 2ª - transformar-se em estímulo para outras respostas. Para Osgood essa resposta fracionária identifica-se com o significado. Como tal, veremos que ela encerra um dos atributos geralmente associados ao significado - o significado como causado ou como resposta a algo, e capaz por sua vez, de causar ou estimular outras atividades. As coisas têm significado e reagimos ao seu significado, o que é dizer o mesmo em linguagem mais comum.

Qual porém, a natureza dessa resposta mediadora, que Osgood identifica como o significado? Antes de tudo, em que sentido é ela uma resposta? Claro que não podemos tomar o termo "resposta" demasiado literalmente. A resposta mediadora não é necessariamente um movimento muscular ou glandular, nos termos da resposta fracionária de Hull. Aparentemente, segundo Osgood, pode ser um simples acontecimento neural. É uma resposta apenas em sentido circunstancial, ou seja, é uma resposta porque pode condicionar-se a estímulos. Analogamente, é um estímulo porque pode controlar respostas e não porque esteja de qualquer maneira relacionada a atividade dos receptores sensoriais ou a áreas corticais sensoriais. Entretanto, mesmo como evento neural, constitui também alguma fração da resposta ao objeto. Devemos determinar, é claro, a que fração possa corresponder. Devemos estabelecer que parte da resposta ao objeto pode ser dada na ausência do mesmo objeto. Uma das possibilidades é traduzida pela emoção. As emoções ligadas ao objeto poderiam surgir na ausência do mesmo objeto, e de uma forma que não seria possível surgirem reações a esse objeto. Osgood não se satisfaz, porém em especular sobre esse problema. Para identificar a natureza da resposta mediadora, devemos tentar descrevê-la ou medi-la. Devemos, pois, enfrentar o problema da medida do significado, o que Osgood e seus colaboradores passam a fazer.

Como medir o significado? Uma vez que a medida uma forma precisa de descrição, por que não tentar pedir

aos sujeitos que descrevem palavras, procurando verificar se essas descrições proporcionam resultados que nos inclinariam a identificar como significados. Há numerosas maneiras segundo as quais um psicólogo usando a técnica experimental poderia pedir aos sujeitos que descrevam algo. Seja como for a técnica por ele escolhida, deverá conter como primeira característica a confiabilidade. Em outras palavras, os resultados proporcionados pela técnica de medida devem ser possíveis de repetição. A objetividade e utilidade das medidas é função daquela confiabilidade.

Torna-se necessário, conseqüentemente, controlar, de algum modo as descrições dadas pelos sujeitos, para eliminar, na medida do possível, fatores ou variações puramente pessoais, subjetivas, que levariam à não confiabilidade das descrições de significado. Na medida em que o sujeito seja livre para fornecer qualquer descrição que lhe ocorra, poderá dar, em diferentes ocasiões, diferentes descrições do mesmo acontecimento. Uma vez que difiram, essas descrições não serão inteiramente de crédito. Mas por outro lado, restringir as descrições para eliminar as variações, leva ao risco de não se obterem descrições inteiramente precisas e exaustivas, na medida em que as descrições não sejam completas pode estar sendo deixado de lado algum aspecto crítico do significado. Devemos ter em mente essas considerações ao apreciar os métodos propostos por Osgood.

Osgood inclinou-se pela descrição de palavras, feita com base em escalas de avaliação. Cada escala se estendia entre dois polos determinados por adjetivos autônomos. Outra exigência era a de que a escala se dividisse em sete segmentos, presumivelmente da mesma extensão - pressuposto que já mais encontrou validação.

Osgood e seus colaboradores referem-se à técnica da escala de avaliação que mede esses três fatores, dando-lhe o nome de diferencial semântico, pois se trata de um método por meio do qual se pode diferenciar ou discriminar objetivamente entre os conceitos ou a natureza semântica da palavra. O significado de uma palavra pode ser graficamente



expresso, sendo ela tratada como um ponto específico num espaço tridimensional e sendo dada dimensão desse espaço abstrato definida por um dos três fatores mencionados. Cabe portanto, imaginar um novo tipo de dicionário que consistiria apenas de um conjunto de pontos no espaço. Cada ponto indica uma palavra e os pontos que se acham mais próximos um do outro indicam existência de maior similaridade entre o significado das palavras associadas a esses pontos de que pontos que se acham mais afastados. É possível, por consequência, utilizar o diferencial semântico para colocar palavras na posição apropriada dentro do espaço semântico. Importa sublinhar que não existe algo a que se possa chamar "o diferencial semântico". Qualquer conjunto de escalas que avalie cada um dos três fatores ou dimensões do espaço semântico constitui um diferencial semântico, independentemente de quais sejam as escalas específicas utilizadas.

Há certa ambiguidade na teoria de Osgood. Não faz claro se três convenções devem ser concebidas como dimensões descritivas de respeito mediadora que denominamos significado, ou se há três respostas mediadoras para cada palavra; uma para avaliação, outra para atividade, e uma terceira para potência.

Aparentemente, pois, o diferencial semântico de Osgood não está medindo o significado comum. Osgood reconheceu esse ponto e afirma que está medindo o significado afetivo emocional ou "conotativo". Em lógica, a palavra "conotação" é usada para fazer alusão aos atributos definidores de uma classe, em contraste com a palavra "denotação", que indica os elementos da classe. Osgood não está usando o vocábulo neste sentido. Antes, usando "conotação", refere-se ele a um significado que é essencialmente privado, particular, emocional. O diferencial semântico que, seria consequentemente, o significado no sentido de que mede as emoções sentidas por alguém, com referência à frase ou às palavras que classifica.

Em geral, a crítica que se faz ao método de Osgood quanto suas considerações sobre o significado é a de

ser verificado apenas um aspecto parcial deste - ou seja o conotativo. Em 1962 tenta corrigir sua posição falando de um "sistema afetivo de mediação que está biologicamente determinado" e tenta fazer de proceder distinções que ampliariam a técnica do diferencial semântico. Contudo, com isto não consegue corrigir os atributos essenciais do significado.

A dificuldade de ordem teórica ou conceitual, que se liga ao diferencial semântico, consiste em que nunca se faz exatamente a conexão teórica que acaso exista entre a teoria da resposta mediadora do significado e o diferencial semântico. Se concebermos o significado como uma resposta mediadora, isto é, fechada, microscópica e, talvez, confinada exclusivamente ao sistema nervoso central, há um sentido definido em que medí-la é uma idéia que não teria o menor sentido. Sem usar técnicas fisiológicas, de que ainda não dispomos, torna-se claro que o conceito de diferencial semântico de maneira alguma decorre do conceito de uma teoria da resposta mediadora para explicar o significado. Por conseguinte, é correto dizer que a validade ou não validade do diferencial semântico, em termos de instrumento, não tem qualquer influência sobre a verdade ou falsidade do conceito de resposta mediadora, com respeito ao significado.

Não há um fundamento teórico consistente que explique como a noção de resposta mediadora proporciona o instrumento conceitual apropriado para a compreensão dos significados (88). A teoria da resposta mediadora tem como explicar o fato de poder referir-se ao objeto nomeando-o - presumindo que a palavra provocou parte da resposta adequada ao objeto. Tal resposta é a resposta mediadora. No entanto, Osgood não explica o processo pelo qual algo vem a ser chamado por seu nome. Considera a palavra como um estímulo a que se condiciona a resposta apropriada a um objeto. Não considera a palavra falada como condicionada em termos de resposta ao objeto e, em verdade, não poderia proceder dessa forma. A teoria do condicionamento, nos termos de resposta ao objeto, em verdade, nos termos em que ele a

utilize, proíbe que algo seja tido como estímulo externo a esse estímulo, ao mesmo tempo; muito embora o conceito de resposta mediadora obscureça consideravelmente a distinção estímulo-resposta. Na medida em que não pode explicar o fato de serem as palavras tanto estímulos quanto respostas, Osgood vê-se impossibilitado de explicar o significado.

Comparações entre Skinner e Osgood levam-nos a verificar que cada um deles abordou um aspecto diferente da linguagem: Skinner, o problema de saber quando um enunciado se manifesta, e Osgood o de saber a que se refere um enunciado. Nos termos atuais, o método de estudo preconizado por Osgood envolve uma tentativa de levar a linguagem ao laboratório, enquanto Skinner tenta impor resultados de laboratório à linguagem usada na sociedade. A consequência parece ser que ambos chegaram a um quadro irreal da linguagem - cada um por um motivo.

Não é nosso propósito esgotar todas as orientações de inspiração behaviorista quanto ao problema da linguagem, mas deixar, em suas linhas gerais, explicitados os padrões em que se inspiram.

Resumindo se pode dizer com Hörman que "o significado é o conhecimento de uma relação provocada por um signo" (51, 291)

As considerações que se opõem ao modelo do condicionamento adotado nas últimas concepções da teoria da mediação, estão relacionadas com problemas da aprendizagem do significado, que não correspondem ao que se propõe ao modelo do condicionamento.

Hörman, criticando o condicionamento do significado, propõe a seguinte hipótese: "el significado de un complejo sonoro no consiste primariamente en estar asociado con otros estados de cosas. Para el empleo del signo lo decisivo no es que exista o se crie esta relacion, sino conocimiento de una asociación".

Com isto se introduz um conceito cognitivo, em consequência, não behaviorista, tendo-se em vista que os

conceitos de comportamento não são suficientes para a discussão e compreensão do significado. "Exprimer pour le sujet parlant, diz Merleau-Ponty, c'est prendre conscience" (84,4).

É na Linguística de inspiração mentalista que vamos encontrar uma compreensão do fenômeno da linguagem com a complexidade que lhe é própria e extrair destas considerações posições teóricas e epistemológicas que abrem perspectivas novas para as ciências humanas. Nesse sentido procuraremos desenvolver nos capítulos que se seguem as contribuições significativas de Saussure e Chomsky dois cientistas da linguagem que revolucionaram não só a Linguística mas abriram perspectivas de mais alta importância no campo das ciências humanas, o 1º possibilitando o método estruturalista e o 2º a gramática gerativa, ambas contribuições decisivas para o pensamento científico.

Antes de iniciarmos os estudos sobre estes dois importantes linguistas de orientação mentalista, queremos ilustrar de forma representativa as idéias de um linguista tipicamente de orientação condutista, - Leonardo Bloomfield (1933) cuja repercussão na história da linguística marcou época e teve inúmeros discípulos e adeptos.

### 2.3 - O Behaviorismo linguístico: Leonard Bloomfield

Em 1914, Bloomfield, que havia voltado da Alemanha, apresentava-se como discípulo de Wundt e ainda se mantinha no analogismo neo-gramático.

É verdade que Wundt, como psicólogo, contrapõe-se incisivamente a Herbart, que inspirou aos neo-gramáticos. Nesse sentido, possui uma psicologia lingüística muito diversa da de Wundt. Enquanto Herbart partia dos fatos psíquicos individuais, Wundt propugnava por uma psicologia coletiva (Volkspsychologie) e dela deduzia as psiques individuais.

Tratava-se, porém, de uma síntese em que os indivíduos eram vistos como que dissolvidos. Assim, "a alma coletiva" era entendida por Wundt à maneira de que o tem sido tradicionalmente a língua, no que se refere à fala entre indivíduos. Em relação à língua, ainda se estava muito longe de um conceito de estrutura, que, como aqui se assinalou de início, é muito diverso do de síntese. Daí o julgamento de Cassirer (20, 172): "Em princípio, pouco importava que se formulassem essas leis (psicológicas) nos termos da psicologia de Herbart, ou nos da psicologia de Wundt. Em qualquer caso, o objetivo era derivar as 'leis de associação' e interpretá-las na mesma base".

Por influência de Watson, Bloomfield fez-se um convicto behaviorista, e à luz de seu behaviorismo filosófico passou a considerar a linguagem.

Ora, como vimos, a filosofia do comportamento, ou behaviorismo, desiste de explicar os fenômenos mentais em si mesmos. Concentra-se no estudo do comportamento humano, no qual aqueles fenômenos se refletem.

Bloomfield transpõe essa atitude para a linguística.

Ao mentalismo, ou estudo do background mental da linguagem, que procurava fazer início da linha de Wundt, substitui o que ele próprio chamou de "mecanismo". Entendia por essa designação o sistema fônico de uma língua e o mecanismo das suas combinações morfológicas e sintáticas. Dos segmentos fônicos providos de valor gramatical, excluía os conceitos, que lhes dão esse valor e criam a semântica. A própria frase ou unidade de uma comunicação, era apreciada behavioristicamente pelos seus efeitos sobre o ouvinte, e não por qualquer conteúdo imanente.

Como se sabe, diz Matoso Câmara: "Em Bloomfield assistimos a uma guinada, que afasta a linguística das elucubrações semânticas. Fica assim eliminada uma grande parte da filosofia de Sapir, que era, em essência, "mentalista"

Numa obra publicada em 1955, "A Manual of Phono

logy". Charles F. Hockett supõe que a descrição bloomfieldiana de uma situação lingüística é muito simples, porque apresenta o enunciado como necessariamente ligado ao "campo de estímulo" (field of stimulation) do indivíduo num instante determinado. A relação s e r, r e s no esquema de Bloomfield, é uma relação de probabilidade (probabilística, não determinística). Seria longo expor aqui o esquema bastante complexo que Hockett propõe para explicar estes mecanismos. Até mesmo alguns psicólogos criticaram a concepção estritamente behaviorista de uma situação lingüística (por exemplo John B. Carroll, em *The Study of Language*: 1955). Ele denuncia o caráter exageradamente mecanicista da linguagem do esquema de Bloomfield. A concepção behaviorista da linguagem não leva em conta a inteligência, diz ele, isto é, neste caso a possibilidade que o homem tem de reagir de modo novo, em vez de produzir a resposta habitual (to take a new step). Conclui ele "It is precisely the intervention of the individual cerebral (or mental) event between stimulus and response that effectively rescue language from being an automatic mechanist affair".

Em sua obra, Bloomfield rejeita também a interpretação psicológica que Hermann Paul (influência de Wundt) propõe para os fenômenos lingüísticos e pretende que os processos "mentais" construídos no falante, pelos quais Paul crê explicar as características do mundo lingüístico, estão longe de trazer um suplemento de clareza. Para ele, Paul e, de modo geral, a lingüística foram até agora dominados pela herança das especulações dos filósofos gregos sobre a linguagem.

No capítulo II, do seu livro "Language" dedicado ao uso da linguagem, Bloomfield expõe seu conceito materialista-mecanicista e behaviorista dos fatos lingüísticos. Esta concepção se resume, como se sabe, em termos de estímulo e resposta no conhecido esquema S-r-s-R. Neste esquema um estímulo (S) induz alguém a falar, a resposta lingüística do falante constitui para o ouvinte um es

tímulo lingüístico (S) que provoca uma resposta prática (R). S e R são, pois, "acontecimentos práticos" que pertencem ao mundo extra-lingüístico; pelo contrário r e s constituem o ato lingüístico; como ilustração disso pode-se citar um dos tradicionais exemplos de seu behaviorismo: (14, XII, 2936-7): Jill quer a maçã que está nas árvores (ou melhor eliminado o termo mentalista (quer") deve-se dizer "sente fome e vê a maçã", ou melhor, "em seu corpo se produzem determinados fenômenos, devido aos quais etc"); em lugar de fazer esforço, de procurar maçãs, Jill que não sente vontade de subir na árvore, pede maçã a Jack (isto é "faz um pequeno número de movimentos na garganta e na boca", os quais produzem um "ruído"; esta é uma reação não lingüística que consistiria em ir diretamente colher as maçãs desejadas; e dita reação lingüística constitui para Jack um estímulo, pelo qual ele vai colher a maçã e dá para Jill. Portanto, diz Bloomfield, "a linguagem faz com que uma pessoa tenha uma reação (R) determinada, quando outra pessoa experimenta o estímulo (S)".

Ante uma enorme variabilidade de respostas que um estímulo determinado possa provocar, Bloomfield, não aceita o ilusório intento de soluções mentalistas, que atribui dita variedade a um fato não físico ("conhecimento", "vontade", "mente") que se subtrairiam das regulares "configurações de sucessões (sequência de causa e efeito) do mundo material" (14, 33). O behaviorista considera os pensamentos, conceitos e imagens, atos de vontade, como "simples termos populares para explicar diferentes movimentos corporais" (14, 142) que, no caso da linguagem, podem ser processos em escala ampla" de importância social, por meio dos quais obtemos as expressões lingüísticas normais ou "contrações musculares e secreções glandulares em pequena escala, obscuras e muito variáveis, "que não aparecem representadas pelas expressões lingüísticas normais ou, por último, "movimentos silenciosos dos órgãos vocais, que substituem os movimentos da fala e não são perceptíveis para os demais "pensar em palavras" (14, VII).

Bloomfield escolhe a solução mecanicista que atribui a variabilidade do comportamento humano ao fato de ser "o corpo humano um sistema muito completo; particularmente (14, 33) responsável pela linguagem é o sistema nervoso, que é um "mecanismo com disparador" de tal maneira que se podem realizar as ações mais complicadas (apresentar respostas macroscópicas) em consequência de um estímulo aparentemente sem importância, como "as minúsculas percussões das ondas sonoras sobre a membrana do tímpano" (14, 33).

Bloomfield considera que esta visão behaviorista da linguagem é a única maneira de discurso científico, "sin embargo", diz Mounin "no por ello hay que con decir "movimientos sublinguales en lugar de ideas se ha hecha algún progreso; por el contrario, la terminología mentalista es hoy sin duda la más adecuada (y en muchos casos la única posible para las innumerables cuestiones con que le linguista tiene que enfrentarse" (74, 112).

É esta preocupação com a "cientificidade" que o behaviorismo ortodoxo, influenciado muitas vezes pela fisiologia da época, prescreve radicalmente entidades "mentalistas" ou cognitivas. Aplicado ao sujeito observado, a linguagem é um estímulo material; proveniente dele, ela é uma resposta material ao estímulo que lhe foi aplicado. Em outros termos, no nível epistemológico em que se procura estabelecer, o behaviorismo recusa radicalmente o princípio cartesiano do conhecimento através de palavra humana, de qualquer tipo de "alma racional" no indivíduo humano observado. É verdade, que na prática cotidiana, nem todos os behavioristas vêm as coisas de modo tão óbvio e simples assim. Em suma, para o behaviorismo, é impossível a existência tanto de uma psicologia da introspecção, quanto de uma psicologia da observação exterior imediatamente interpretada. O esquema positivo estímulo-resposta "S-R" da observação-experimentação, em que pesem os sacrosantos de certos psicólogos de tendência mais explicativa e interpretativa, deve ser tomado em seu sentido estritamente positivo entre dados materialmente observáveis: toda interpretação "psicológica" das condutas e dos atos de palavras deve ser excluída de modo sistemático.



O behaviorismo lingüístico coaduna-se com a posição da doutrina behaviorista, reduzindo a própria linguagem a não ser outra coisa do ponto de vista epistemológico, se não um simples comportamento entre outros. Ele coloca entre parênteses a referência, espontaneamente admitida pelo senso comum, do significante lingüístico ao seu significado mental (Saussure); só conserva dessa referência a materialidade e o modo material de construção. Da palavra-estímulo à palavra-resposta, é colocado fora do circuito epistemológico tudo aquilo que se refere ao significado, ao sentido, à vida mental, constituindo-se como princípio de significação e de sentido. E é precisamente esta colocação fora do circuito que o behaviorismo declara como epistemologicamente necessária para a constituição da psicologia como ciência verdadeira e independente.

Na mesma época em que começa a se afirmar o behaviorismo Ferdinand de Saussure já havia ministrado um curso de lingüística. Mentalista, psicologicamente falando, Saussure procura na introspecção pelo menos uma parte da justificação de suas concepções em matéria de lingüística. Seu conceito de signo lingüístico e outras colocações novas acerca da linguagem revolucionaram não só o campo da lingüística, como o das ciências humanas, como veremos a seguir.

## CAPÍTULO 3

## A LINGUÍSTICA DE ORIENTAÇÃO MENTALISTA

3.1 - O signo lingüístico: Ferdinand de Saussure

Continuando a linha do pensamento da nossa exposição, abordaremos alguns pontos básicos do pensamento de Ferdinand de Saussure, que abriu uma nova era para as ciências humanas. O pensamento lingüístico e, de modo mais geral o pensamento teórico atual assimilou profundamente em seu discurso científico a problemática proposta por Saussure.

Apresentaremos apenas alguns pontos básicos que integram o instrumental conceitual necessário para dar continuidade aos questionamentos propostos neste trabalho.

A teoria de Saussure baseia-se, em princípio, numa definição de linguagem que modifica todo o rumo das pesquisas anteriores da lingüística. É uma definição operatória, que se pode considerar como o axioma ou o postulado fundamental de todo o sistema. Este postulado tem um caráter metodológico, no sentido de que implica um novo rumo no domínio da investigação científica: é ao mesmo tempo, e de maneira inseparável, definição do objeto e indicação de um método de aproximação a este objeto.

Saussure, no curso de suas exposições, apresentou seu sistema de várias maneiras, e seu postulado fundamental encontra-se referido em várias passagens de seu livro "Cours de Linguistique Générale", tal qual foi recomposto por Bally e Séchehaye.

No capítulo III da "Introdução de lingüística", encontra-se esta citação que é oportuno assinalar:

"No es el lenguaje hablado el natural al hombre, sino la facultad de constituir una lengua, es decir, un sistema de signos distintos que corresponden a ideas distintas (102, 26) (citação da edição espanhola).

A primeira noção importante que extraímos da de finição é a de "sistema". Saussure foi um dos primeiros a demonstrar que a língua é um todo organizado cujo estudo de ve ser feito mediante a observação constante do funcionamento do conjunto um pouco à maneira do biólogo que, qualquer que seja o objeto particular que estude, tem consciência de que este objeto é um elemento do organismo.

Tal intuição é altamente familiar aos que conhe cem a linguagem da teoria dos conjuntos, mesmo ao nível ru dimentar. Em um sistema, os elementos não têm significado em si mesmo tomados isoladamente, mas apenas quando postos em relação com o todo do sistema: o inteligível são as cor respondências e as relações que unem os elementos, não nos elementos propriamente ditos.

Toda transformação profunda de um elemento modi fica a totalidade do sistema, posto que o elemento está uni do ao sistema, por um núcleo dialético.

Saussure, como veremos mais adiante, nunca utili zou o termo "estrutura" para designar a totalidade organizada da língua; mas no entanto, pode-se dizer que seu postu lado é o primeiro postulado estruturalista em ciências humanas.

Para seu ponto de vista, que naquela época era muito original, Saussure utilizou uma comparação célebre: a linguagem do xadrez. Escreve: "Si reemplazo unas piezas de madera por otras de marfil, el cambio es indiferente para el sistema; pero si disminyo o aumento el número de las piezas tal cambio afecta profundamente a la gramática del juego" (Introducción Capítulo V "Elementos internos y externos de la langue, pg. 43).

Ao atrair assim a atenção sobre o que hoje se chama organização estrutural da língua, Saussure põe fim, em lingüística, à supremacia do ponto de vista atomista que presidia a maior parte dos estudos especializados de seu tempo.

A sua segunda noção importante é de "signo" que introduz o problema especificamente humano do sentido e do significado, pois a função essencial da língua é significar, comunicar e expressar idéias. Se a noção de sistema diz respeito à organização formal da língua, a de signo refere-se à sua função psico-social.

Saussure, que concedia uma grande importância a esta última questão, teve simultaneamente duas excelentes intuições, e se inclusive a tendência geral posterior da lingüística foi eliminar as considerações do sentido em proveito das considerações puramente formais, consideradas como as únicas positivas, temos que nos dar conta de que a intuição estrutural em si não teria podido tomar forma sem o desenvolvimento paralelo de uma intuição sem lógica.

Com efeito, Saussure chamou Semiologia a "una ciencia que estudia la vida de los signos en el seno de la vida social" (102, pg. 33) e via na lingüística "una parte de esta ciencia general".

Qua a intuição semiológica estivesse nele tão presente como a outra, a intuição formal, temos disto prova: "Para nosotros el problema linguistico es ante todo semiologico y todos nuestros desarrollos toman su significado en este importante hecho" (pg. 34)

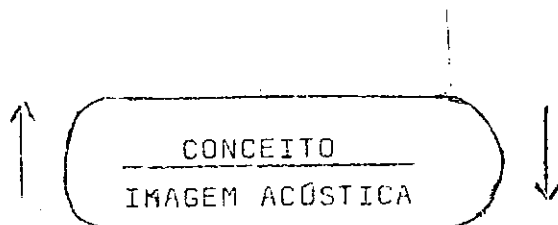
Mas, vejamos como Saussure considera o signo lingüístico. Antes de tudo para ele, é um elemento do sistema da língua, ou seja da "la unidad linguistica" (pg.98).

Lembrando-se dos seus antigos estudos de Química, Saussure, valeu-se de um recurso analógico, expresso pela fórmula química  $H^2O$ , para, no domínio de seus novos estudos, definir a natureza do signo lingüístico, cuja unidade resulta da composição dialética de elementos opostos.

Referindo-se à associação destes dois componentes psíquicos diz: "... el signo linguistico une no una cosa y un nombre, sino un concepto y una imagen acústica..." Portanto, o signo não é a palavra que designa a coisa, senão uma dupla entidade mental com um caráter abs

trato e complexo, cujos termos estão dialeticamente unidos.

Para ilustrar a natureza do signo, Saussure ~~er~~ viu-se do seguinte esquema, no qual as setas indicam a relação dialética.



A imagem acústica é a percepção psíquica da palavra ao nível da fonético "al margen de toda concretización verbal", tal qual como se experimenta por exemplo, na maior parte dos sonhos, nos quais se sonham palavras ou frases, como se as pronunciássemos internamente. O conceito é a idéia ou o conjunto de idéias que a ela se associa. Como as duas palavras "conceito" e de "imagem acústica", tinham todavia um caráter demasiadamente particular, Saussure preferiu substituí-las rapidamente por dois termos absolutamente formais: "significante" e "significado", cuja composição terminológica deixa ver que ambas estão relacionadas a uma mesma realidade. Estes dois termos são os que, finalmente por causa de sua perfeita transparência lógica, foram adotados pela reflexão linguística, já que os precedentes conservavam uma certa ambigüidade.

Assim é que Saussure se dá conta no célebre capítulo "Natureza del signo linguístico" da mudança dos termos:

"La ambigüidad desaparecería se designásemos las tres nociones aquí presentes por nombres que se relacionem reciprocamente al mismo tiempo que se oponen. Proponemos conservar la palabra "signo" para designar la totalidad y reemplazar conceptos y imagen acústica, respectivamente, por significado y significante; este últimos terminos tienen la ventaja de señalar la oposición que los separa, ya sea entre si, ya sea del total del que forman parte" (C.L.G., 99).

Deve-se precisar que o significado na língua não se identifica totalmente com o objeto designado e que a oposição significante/significado não recobre a oposição palavra/objeto. Um único significante pode ter, segundo também as épocas, diversas categorias de significado, em virtude de todas as variações psico-sociológicas e históricas.

O significado, da mesma forma que o significante, é algo psíquico e não uma espécie de objeto exterior e imutável, único referente do seu significante. Por outro lado, do ponto de vista lingüístico, dificilmente pode-se falar de objetos, na medida que os objetos não existem por si mesmos, para o homem, independentes de uma representação que deles fazemos, precisamente sob a forma de signos, isto é, de uma associação de um significante e um significado.

A vantagem da noção de signo assim definida, reside precisamente em possuir um valor abstrato mais preciso do que, por exemplo, a noção vaga e tradicional da "palavra", que é superada totalmente por aquela; especialmente se vê, se percebe, sem nenhuma possibilidade de equívoco, que o signo recobre todas as categorias de palavras, as palavras de construção ou puramente gramaticais como as palavras portadoras de sentido e, portanto, com a mesma razão tanto as primeiras como as segundas estão providas de um sentido, mas enquanto este tem simplesmente um valor puramente sintático ou gramatical, o significado de outra categoria de palavras tem um valor semântico.

A outra vantagem da distribuição significante/significado é considerável: a de demonstrar que na história humana a forma de uma língua (os significantes da língua), pode evoluir independentemente da evolução do conhecimento e dos modos de estruturação sintática, cujas características são "sustentadas", se se pode falar assim, pelo significado do signo.

A terceira e última noção importante na definição operatória de Saussure, é a diferença que implica os termos "signos distintos que correspondem a idéias distintas". Esta noção, mais diretamente "estruturalista", remete a de sistema e deve ser explicada ao mesmo tempo que esta.

Saussure precisou desta noção no que desenvolve ram, recompilando-o Balley e S  chaye no capítulo Identidades, R  alidades, Valores (102, 105 e 55) (150 e sgs). Pode-se ler: "El mecanismo ling  stico discurre enteramente sobre identidades y diferenciais, no siendo estas más que la contrapartida de aquellas" (102, 151), ou também: "En la langue solamente existen diferencias" (102, 156). Isto significa que para isolar a unidade da língua    preciso captar uma rela  o entre dois elementos ou de um elemento e todo o conjunto de outros elementos: "En la lengua - cada termino tiene su valor por su oposición con todos los demas terminos" (C.L.G., pg. 126).

E quanto a estas valores, "cuando se dice que corresponden a unos conceptos, se sobreentiende que estos son puramente diferenciales, no definidos positivamente por su contenido sino negativamente por sus relaciones con otros terminos delosistema. Su característica m  s exacta es la de ser lo que los otros no son" (C.L.G. pg. 162).

   exatamente por esta maneira negativa e relacional de definir os valores de um sistema, que se trata do seu aparecimento no l  xico de uma língua, do sentido das palavras ou do jogo morfol  gico ou sint  tico das fun  oes gramaticais, o que caracteriza o modo de análise conhecido mais tarde sob o nome de estruturalismo, quando se descobriu que era aplic  vel evidentemente também a outros objetos abstratos, além do sistema da língua.

O importante a propósito da no  o de diferença (ou segundo outra terminologia, mais ou menos equivalente de oposi  o distintiva),    compreender que, na língua, o elemento n  o existe por si mesmo. O que existe    a rela  o de oposi  o entre elementos:

"En la lengua, como en todo sistema semiol  gico, lo que distingue un signo es todo que constituye. Es la diferencia la que da carater como da el valor y la unidad" (C.L.G., pg. 168).

Esta descoberta atualmente foi estendida a outros domínios que não são os do campo restrito da Lingüística, por que, como veremos mais adiante, trata-se de uma propriedade universal do pensamento humano quando se estrutura em termos de linguagem.

A definição aparentemente simples da língua como "sistema de signos distintos", foi um MARCO decisivo que põe em causa o próprio objeto das ciências humanas. Antes de desenvolvermos esta colocação, exporemos algumas características do SIGNO, relevantes para o tema de nosso trabalho.

### 3.1.1 - Caráter psíquico do signo lingüístico

A noção de signo, ou ao menos a sua definição tal qual foi vista acima, é como já afirmamos, uma das descobertas principais de Saussure. No entanto, é possível de equívocos, se não observamos o que concerne à verdade de sua natureza. É necessário saber em que plano nos estamos colocando quando falamos em signo lingüístico. O mesmo se pode dizer em relação a Freud, no sentido de que o mesmo possibilitou o plano dos estudos psicológicos modernos, demonstrando que o plano destes estudos era radicalmente distinto do plano da psicologia acadêmica ou da biologia e recorreu para designá-lo à antiga palavra grega "psyché" para não ter que utilizar a de alma, com ressonâncias pouco científicas.

Ao dar Saussure sua definição abstrata da língua como sistema de signos, foi um dos primeiros a demonstrar, sem equívocos, que o plano de seus estudos lingüísticos "não era material" e que, embora seja possível abordá-lo através de manifestações físico,, ele mesmo nada tem de físico.

Isto é muito importante, posto que de princípio, uma primeira consequência se depreende disto a saber, que o objeto dos estudos lingüísticos não é acessível diretamente aos sentidos, como tão pouco o objeto dos estudos psicológicos a que se refere Freud (37); unicamente a inteligência



abstrata, pode, mediante o trabalho, oferecer, se é que se pode dizer, uma certa "percepção intelectual" deste objeto. Enquanto a maior parte dos gramáticos do seu tempo estudavam indistintamente a fonética, a psicologia da articulação, da sintaxe, os textos etc., Saussure, na mesma época de Freud, demonstrou, definitivamente, que o signo sendo psíquico, tudo o que é lingüístico se desenvolve no plano psíquico e não no plano físico ou biológico.

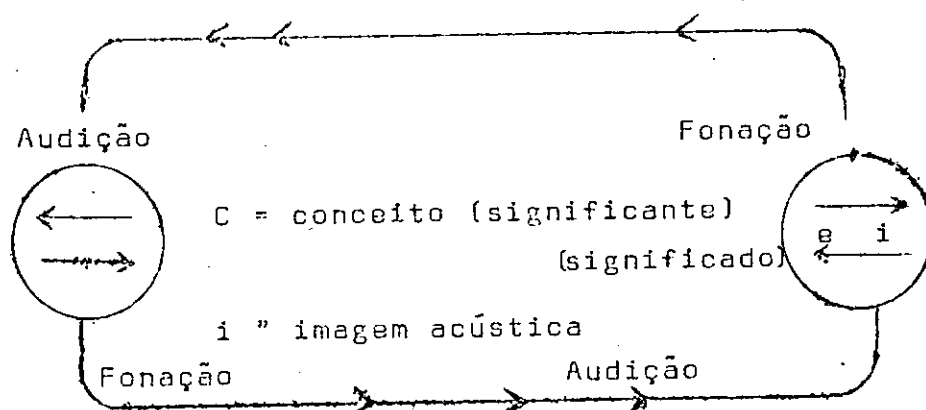
Portanto, se não perdermos nunca de vista o caráter psíquico do signo, compreenderemos melhor a tendência geral para qualificar de "abstrata" ou mentalista esta ciência

As passagens do "Cours" nos quais se trata do caráter psíquico da língua ou do signo, são inumeráveis, e da mesma forma que hoje se reconhece até que ponto é esclarecedor reler a Freud com conhecimentos lingüísticos, e sob um ponto de vista lingüístico, pode-se pensar que também seria interessante reler hoje Saussure sob um ponto de vista e com alguns conhecimentos psicanalíticos. Saussure repetiu muitas vezes sua intuição "psicológica" da língua, intentando toda classe de formulações para fazer-se compreender melhor: "Los términos implicados en el signo lingüístico son psiquicos y están unidos en nuestro cerebro por el lazo de la asociación" (102, 98) ou também "El carácter psíquico de nuestras imágenes acústicas aparece claramente cuando observamos nuestro próprio language (idem), e finalmente "En el fondo todo es psicológico en la lengua, incluidas sus manifestaciones materiales y mecánicas" (102, 21).

Indubitavelmente, tais formulações podem parecer, em certos aspectos, atualmente superados, face ao estdo da obra de Chomsky, mas a idêia básica permanece e se converte numo evidência na prática da investigação: o que o lingüísta estuda não se confunde com a física nem com a biologia.

O fato de que o aspecto material da língua "depende" de processos psíquicos está claramente ilustrado por Saussure de uma maneira clara e evidente no que se chama o

esquema do circuito da fala (102, 28)



Os dois circuitos significam os dois cérebros no ato da comunicação. Em cada um deles, quer se trata da recepção, quer da emissão de uma mensagem, produz-se uma operação de associação. Foi através desta operação que Saussure definiu o signo.

A imagem acústica (ou significante), recebida, associa-se ao conceito (ou significado) correspondente: trata-se, então, dos aspectos auditivos; o conceito associa-se a seu significante, realizando a tarefa que corresponde à formação, que é operação ativa.

Em sua base, todas estas operações são puramente psíquicas; produzem-se exatamente como o curso do sonho, de acordo com o que diz Freud em *Interpretações do sonho* (1901), onde os comportamentos orais e gerais só têm coexistência mental, estando separados de sua realização pelos órgãos executores. A execução efetiva depende da fase psíquica, e está submetida a ela.

"Suponhamos - diz Saussure - que un concepto da do desencadena en el cerebro una imagen acustica correspondiente: es un fenómeno enteramente psíquico, seguido a su vez de un proceso psicológico; el cerebro transmite a los órganos de la fonação un impulso correlativo a la imagen".

[C.L.G. pg. 28]

Porque esta fase psíquica é a fase determinante, Saussure que queria descobrir os processos mentais, postulou nos termos de sua época, a existência de uma: "... facultad más general que ejerce su autoridad sobre los signos, y que sería la facultad linguística por excelência (C.L.G.pg.27); e representa-a como uma: "...facultad de asociación y de coordinación, que se manifiesta desde el momento en que no se trata de signos aislados" (C.L.G. pg. 29); e acrescente: "...És esta facultad la que representa el papel más importante en la organización de la lengua como sistema" (idem).

Através destas frases, que atualmente parecem muito vagas, temos a intuição, "avant la lettre" de que existe uma capacidade estrutural na inteligência, análoga à que estrutura a percepção visual, como o demonstra, por exemplo, a Gestaltheorie. Inferimos de suas intuições que a faculdade lingüística é de certo modo uma faculdade global, que permite "sentir", ao mesmo tempo, toda uma rede de relações abstratas, toda uma configuração feita de correspondências que unem fenômenos, ou funções, ou sentidos, num sistema de conjunto.

Percebemos que existe uma composição estrutural na linguagem que permite detectar toda uma rede de relações abstratas, toda uma configuração composta por correspondências que unem fenômenos, funções e sentidos num sistema abrangente de conjuntos. Esta possibilidade de operar se efetua tanto no caso da criação como no da compreensão da linguagem. Ela é ao mesmo tempo percepção das relações internas entre os elementos da totalidade em questão.

Esta atividade é sem dúvida, única, no seu valor específico, na medida em que atua ao nível do processo criativo e da compreensão, não só da linguagem propriamente dita, como em outros tipos de atividade simbólica: musica, mitos, linguagem pictórica, etc. Saussure faz comparações no seu "Cours" de operações espontâneas da estruturação da linguagem com a música, com a imagem visual que provam ser esta atividade uma forma generalizada, possuidora de uma base comum.

Disto resulta a possibilidade de demonstrar a in dependência da língua como sistema em relação a sua execu ção verbal; expressa este ponto de vista utilizando o metá fora musical:

"La fonación, es decir, la execución de las ima gene acusticas, no efecta para nada al sistema mismo. Bajo esta relación se puede comparar la lengua a una sinfonia, cuya realidad es indepen dente de la manera que se efecte" (C.L.G., pg. 36)

No mesmo sentido ocorre em relação à explicação de que o aparelho vocal não pode explicar a realidade do fe nômeno lingüístico:

"Después de haber explicado todos los movimientos del aparato vocal necesários para producir cada una de las impresiones acusticas, no se ha acla rado en nada el problema de la lengua. Esta es un sistema baseado en la oposición psíquica de estas impresiones acústica, lo mismo que una ta picería es una obra de arte producida por la opo sición visual entre los hilos de colores diver sos; portanto, lo que importa para el analisis es el juego de ciertas oposiciones, no los proce dimientos por los cuales han sido obtenidos los colores" (C.L.G. pg. 56).

Se ao nível abstrato as relações internas do sis tema da linguagem podem ser percebidos da mesma maneira que as de uma obra de arte, musical ou visual, podemos portanto, pensar que a "faculdade lingüística" é a faculdade que pre síde todas as operações mentais de criação ou de compreen são em todos os domínios.

Em Chomsky, como veremos mais adiante, o conceito de competência lingüística, repete de certa maneira mais de finitiva, a intuição de Saussure, formulada de modo não tão preciso, mediante os termos de "faculdade lingüística". Chomsky centralizou sua problemática sobre a criatividade

da linguagem, pondo fim à tendência improdutivo de considerar a língua como um sistema fechado.

Pode-se observar, para concluir, que ao atrair a atenção sobre o caráter psíquico do signo lingüístico e, portanto, sobre o fato de que a língua não se situa num plano material, Saussure (como mais tarde Chomsky) adota um ponto de vista segundo o qual se unem a possibilidade dos estudos lingüísticos e os estudos psicológicos posto que todos eles têm em comum a busca de seu objeto no mesmo plano não físico, no que se chama psiqué, alma, espírito ou como se queira. Não diz o Cours que a lingüística é uma parte da semiologia, que, por sua vez, é uma parte da Psicologia geral?

O texto de Saussure é bem claro:

"Se pueda pues, concluir una ciência que estudia la vida de los signos en el seno de la vida social. Tal ciência sería parte de la psicología social y por **consiguiente** de la psicología general. Nosotros la llamaremos Semiología (do grego Semeiôn, "signo") (...) Al psicólogo toca de terminar el puesto exacto de la semiología; la tarea del lingüista es definir qué es lo que hace de la lengua un sistema especial en el conjunto de los hechos semiológicos" (C.L.G. pg. 60)

Comentando a significação da obra de **Ferdinand Saussure** para o pensamento científico do século XX, Emile Benveniste testemunha:

"Ensemble d'aperçus génieux dont chacun appelle une exégèse et dont certains mûrissent encore la controverse, projetant la langue sur le plan d'une semiologie universelle, ouvrant des vues aux quelles la pensée philosophique d'aujourd'hui seveille à peine" (8,7).

Entre as contribuições contidas no "Cours de Linguistique Générale", utilizaremos alguns conceitos que compre

enõem algumas das distinções famosas de Saussure que abriram perspectivas marcantes, não só para a lingüística como também para as ciências humanas.

Outra distinção famosa de Saussure, cujo destaque damos aqui é a do langue-parole (língua/palavra), que constituiu uma grande novidade em relação à lingüística anterior, preocupada em procurar causas explicativas das mudanças internas da língua, através de associações e de analogias, ou seja, por uma lingüística de características individuais. Para elaborar esta célebre dicotomia, Saussure partiu na natureza "multiforme e heteróclita" da linguagem, que se revela à primeira vista como uma realidade inclassificável, cuja unidade não se pode isolar, já que participa, ao mesmo tempo, do físico, do individual e do social. Desse todo heterogêneo, abstrae-se um puro objeto social, conjunto sistemático das convenções necessárias à comunicação, indiferente à matéria dos sinais que o compõem e que é a língua (langue) diante da qual a fala (parole) recobre a parte puramente individual da linguagem (fonação, realização das regras e combinação contingente de signos).

O processo aqui apresentado é de natureza dupla, psicológica e fisiológica.

Langue e Parole, cada uma delas terá sentido em pleno processo dialético que une uma a outra: não há língua sem fala, e vice-versa. Diante da língua, instituição e sistema, a fala é essencialmente um ato individual de seleção e atualização; constituem-na primeiro as combinações, "graças às quais o falante pode atualizar o código da língua com vistas a exprimir o pensamento pessoal".

Língua e Fala estão, portanto, numa relação de compreensão recíproca; de um lado a Língua é o "tesouro depositado pela prática da Fala nos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade, (102, 30), e por ser uma soma de coisas individuais, só pode ser incompleta considerado o nível de cada indivíduo isolado; a Língua existe como tal, propriamente, na "massa falante".

A Língua é, em suma, o produto e o instrumento da Fala, ao mesmo tempo trata-se, realmente, de uma verdadeira dialética. Não poderia haver para Saussure uma lingüística da Fala, só há ciência da Língua.

Isto afasta, portanto, duas questões: é inútil perguntar se cumpre estudar a fala antes da língua; a alter nativa é impossível pois só se estuda imediatamente a fala no que ela tem de lingüístico. É inútil, igualmente, pergun tar, como separar a língua da fala; não se trata aí de uma diligência prévia, mas, muito ao contrário, da própria essên cia de investigação lingüística.

O alcance metodológico do conceito, Langue/Parole é evidente. Cedo se sublinhou a afinidade manifesta entre a língua saussureana e a concepção de Durkeim da consciência coletiva, independente de suas manifestações individuais.

A noção saussureana teve, sabe-se, um grande desen-  
volvimento na área da Antropologia; a referência a Saussure é demasiadamente explícita na obra de Claude Levi-Strauss, co mo no caso de Psicanálise na obra de Jacques Lacan. Para Levi-Strauss, a oposição tem um valor epistemológico: o es tudo dos fatos da língua depende da interpretação estrutural (por oposição ao estatístico). Quanto ao caráter incons- ciente da língua, postulado explicitado por Saussure, comen- ta R. Godel (Les sources manuscrites du Cours de Linguistique General): ... "Não há nunca premeditação, nem mesmo medita ção ou reflexão acerca das formas, fora do ato da ocasião da fala, e não ser uma atividade inconsciente, a atividade de classificação" (pg. 53).

Reencontra-se a mesma colocação nas posições sig nificantes e fecundas de Claude Levi-Strauss na Antropolo gia, a saber, que não são os conteúdos que são inconscientes (críticos aos arquétipos de Jung), mas as formas isto é, a função simbólica; idéia próxima da de Lacan, para quem o pró prio desejo é articulado como um sistema de significações, o que acarreta, como veremos no capítulo sobre Lacan, que o imaginário coletivo, seja visto não por seus "temas" como se

fez até agora, mas por suas formas e funções ou, dizendo de outro modo: por seus significados e significantes.

Vê-se por estas indicações sumárias, como as noções saussureanas aqui apresentados dentro da perspectiva de nosso trabalho são ricas de desenvolvimentos extra ou meta-lingüísticos.

Através da exposição de seus principais conceitos, poder-se-á chegar à tarefa difícil de tentar compreender o que seja a linguagem. Vemos no problema de compreender o fenômeno da linguagem, como atividade simbólica, o ponto de convergência das ciências humanas.

Disto resulta o valor das considerações de Saussure, não utilizando artifícios explicativos em relação ao seu campo de investigações. Nisto reside a grande força de suas pesquisas: a não redução metodológica para atingir o seu objeto de estudo. Não é pois sem razão, haver surgido de suas descobertas geniais toda uma possibilidade metodológica para as ciências humanas - o estruturalismo.

Concluindo estas reflexões sobre a linguagem como atividade simbólica, que se realiza a um nível de especificidade tal, ao ponto de fazer da linguagem a atividade própria do homem, abrindo todo um campo metodológico para as ciências humanas, fazemos nossas as palavras de Nicolas Ruwet no seu artigo "Lingüística e Ciência do Homem":

..."O homem, contrariamente ao animal, se define pela função simbólica, e que é possível pensar na cultura como um conjunto de sistemas simbólicos - linguagem, parentesco, mito, arte, economia etc. - que estabelecem a comunicação entre os homens em diferentes níveis. Desse ponto de vista, como a linguagem é ao mesmo tempo o mais perfeito, o mais importante - porque a base de todos os outros - e o que é mais conhecido de todos esses sistemas é natural que a lingüística forneça um primeiro modelo a uma teoria antropológica geral" (100,78)



### 3.1.2 - Posteridade de Saussure nas Ciências Humanas

Ferdinand de Saussure, pode, sem dúvida nenhuma, ser considerado como o lingüista cujo pensamento exerce, ao menos nos últimos cinquenta anos, na Europa, a maior influência sobre as posteriores investigações dos lingüistas, e, ao mesmo tempo, sobre as de muitos dos grandes autores nos outros domínios das ciências humanas, como Lévy-Strauss, na Antropologia, e Lacan na Psicanálise.

Com Saussure abre-se de fato, o período da chamada da lingüística estrutural, inaugurando o estudo científico da Lingüística.

Pode-se dizer que atualmente o léxico útil fundamental de que dispõe a maioria dos investigadores nas ciências humanas e técnicas (principais instrumentos conceituais criados por Saussure: o da diacronia/sincronia; da oposição significado/significante no seio do signo; a noção de diferença e oposição distintiva; quanto à noção de própria noção de sistema, termo empregado por Saussure, foi substituído pelo termo equivalente de estrutura, por certas razões que abaixo exporemos rapidamente.

Foi historicamente no domínio anexo à lingüística, o da fonologia ou estudo do sistema dos fonemas (unidades distintivas) característicos de cada língua, onde as intuições metodológicas de Saussure, produziram maiores frutos. Foi através do desenvolvimento da fonologia que se deu uma forma definitiva ao que hoje é popularizado como estruturalismo.

Foi o Círculo de Praga, com Jakobson, Karcevsky, e Troubeskov que definiu os princípios do método estruturalista. Suas teses repetem sistematicamente as intuições análogas, e, em particular, levam às últimas consequências a constatação de que no sistema não são os termos que contam, mas as relações.

Nessa época houve, pelo menos nas ciências humanas, uma nova atitude de pensamento, cujo caráter de preci

são e de clareza tem a vantagem de possibilitar à lingüística, e das demais ciências humanas, um quadro metodológico que até então fazia falta; ao mesmo tempo, o grau de agitação que permitiu alcançar, abrindo pensamento crítico, perspectiva que levaram Levy-Strauss por exemplo, a expressar-se assim: ... "A fonologia não pode deixar de representar, frente às ciências humanas, o mesmo papel renovador que a física nuclear por exemplo, representou para o conjunto das ciências exatas". (67, 40). E reportando-nos a um artigo de Troubetzkoy, que assim definiu os "quatro passos fundamentais do "método fonológico" - Em primeiro lugar, a fonologia passa ao estudo dos fenômenos lingüísticos conscientes ao de sua infra estrutura inconsciente; nega-se a tratar os termos como entidades independentes, tomando, pelo contrário, como base de sua análise, as relações entre os termos, introduzindo a noção de sistema. E, finalmente, tem como objetivo o descobrimento de leis gerais, deduzidas logicamente, "o que lhes dar um caráter absoluto. Pode-se ver que tudo isto já se encontrava no "Cours" de Saussure que Levi-Strauss não cita aqui. De uma maneira geral, é frequente que Saussure não tenha sido redescoberto senão mais tarde, a propósito da leitura dos fonólogos, o que é o caso de Levi-Strauss.

É importante, no entanto, estar alerta como o fez Chomsky (22), quanto a uma aplicação exagerada do método fonológico, o que leva, com frequência a um positivismo mítico, que concede à noção de estrutura propriamente dita mais importância do que realmente ela pode suportar, ou seja, a de ser uma possibilidade de método de trabalho.

Sumarizamos assim, as contribuições de Saussure, que através do desenvolvimento de nosso trabalho, aparece como um dos pensadores que melhor soube apresentar a possibilidade de uma reflexão lingüística, já que merece ser qualificado, por seu "Curso de Lingüística Geral", como um grande clássico do pensamento científico moderno.

Admitindo que se possa considerar Chomsky superior a Saussure, não se segue que se pretenda subestimar os méritos do segundo. A distância que pode ser notada entre os dois

concerne apenas a uma diferença de perspectivas, mas o essencial é que a nova problemática não está em contradição com a precedente.

### 3.2 - A revolução da gramática gerativa

Noam Chomsky

A perspectiva da teoria e da análise aberta por Chomsky constitui uma renovação nos estudos lingüísticos, tais como haviam sido desenvolvidos na Europa e nos Estados Unidos, depois de Saussure. Pode-se dizer, de início, que esta nova perspectiva se caracteriza pelo fato de superar as teorias de inspiração behaviorista. Trata-se de uma síntese da moderna metodologia das antigas idéias gerais em matéria de linguagem. Efetivamente, por um lado, supera pontos de vista e atitudes que, em sua maioria, tinham surgido das grandes obras básicas da lingüística estrutural européia, assim como da lingüística positivista americana (principalmente Bloomfield, cuja concepção lingüística, como vimos, se baseia nos princípios da psicologia behaviorista). Por outro lado, retorna, em grande escala, a certas perspectivas tradicionais já quase universalmente esquecidas, em nome da "ciência", pelos lingüístas, voltando a utilizar os princípios filosóficos fundamentais, para enquadrar-se na investigação atual, investigação que, sem este marco corre o perigo de ser ultrapassada continuamente pela abundância de instrumentos, tanto materiais, como conceituais, de que dispõe.

Estas perspectivas são aquelas que, antigamente, instruíam a "gramática filosófica", e que Chomsky, que lhe consagrou um especial estudo, chama de "lingüística cartesiana", isto é, todas as teorias sobre a linguagem surgidas da revolução cartesiana do século XVII. Entre elas a figura importante "Grammaire de Port-Royal" (1660), cujos princípios de análise prefiguram os de Chomsky e era uma das principais fontes de reflexão dos gramáticos antigos (cf. cap. I).

Na primeira conferência de "Linguagem e Pensamento", Chomsky explica, em várias ocasiões, que o traço caracte-

terístico da atual investigação lingüística nos Estados Unidos advém de ter tomado consciência de que o desprezo a que tinha sido relegadas as teses filosóficas da tradição cartesiana era prejudicial ao desenvolvimento da investigação, e que lingüístas, tinham posto seu interesse em levar a sério as conclusões filosóficas desta tradição para armar com elas as hipóteses de seus trabalhos. Daí esta sua declaração: "Parece-me que se torna cada vez mais evidente que as hipóteses e as aproximações que hoje parecem frutíferas têm em si mesmas um sabor manifestamente tradicional. Em geral, nestes últimos anos, tem sido amplamente vivificada uma tradição até agora muito desdenhada, e suas contribuições têm sido recebidas com bastante seriedade". E mais adiante: "Em resumo, me parece muito adequado neste momento do desenvolvimento da lingüística e da psicologia em geral, voltar-se para as questões clássicas e perguntar acerca de quais aquisições foram alcançadas a partir delas e como as conclusões clássicas podem possibilitar direções à investigações e ao estudo contemporâneo (23, 21).

A teoria de Chomsky, como veremos, é, de certo modo, o redescobrimento dos problemas lingüísticos fundamentais propostos pelos filósofos do século XVII, por um investigador que havia esgotado as possibilidades da teoria exclusivamente estruturalista dos lingüístas modernos.

Conhecendo profundamente os pontos de vista dos lingüístas de sua época, Chomsky pode demonstrar os seus limites.

Com relação a Chomsky pode-se falar de um retorno à filosofia, dentro da lingüística, no sentido em que constitui-se centro de reflexão aquelas preocupações já presentes em Saussure: o problema da ligação entre o sentido e som, o problema do ato da palavra e o das condições da comunicação, e outros problemas tradicionalmente tratados por filósofos: o caráter inédito da linguagem e as características de sua aprendizagem, a diversidade de princípios que presidiriam o aparecimento de cada uma delas. Da mesma for

ma que Saussure em seu tempo, viu-se obrigado a superar o caráter heterogêneo e fragmentário das investigações em curso, propondo uma visão de conjunto, Chomsky logra encontrar um ponto central a partir do qual se poderia organizar, uma problemática única, todos os problemas particulares que se colocam nas investigações atuais; ao fazer isto se diferencia da prática mais difundida em seu campo: a pura e simples investigação dos fatos, sua acumulação sem considerar a compreensão ou também a simples aplicação de toda uma herança metodológica sem uma verdadeira reflexão sobre seus limites. "Los partidarios de la gramática filosófica se interesaban poco por la acumulación de los hechos, excepto en la medida en que dichos hechos podían, ser utilizados como pruebas en relación a procesos más profundos y más generales" (23, 31).

Assim veremos como Chomsky, ao propor uma nova organização da matéria lingüística, ao fixar a investigação de novas perspectivas e procedimentos, se vê levado a eliminar do campo operatório certas orientações teóricas que julga inadequadas e em particular as que fundamentam, ainda hoje o que se pode chamar de cientificismo americano.

Na medida em que a obra de Chomsky muda a problemática sobre a língua e enriquece consideravelmente todas as leituras retrospectivas que se podem fazer, tanto da "lingüística cartesiana" como as de duas fundadoras do estruturalismo, compreendendo Saussure, novos conceitos se encontram em harmonia com a renovação atual do campo da ciência contemporânea.

### 3.2.1 - Ponto Central: A criatividade da Linguagem. Competência/Desempenho

A intuição fundamental da qual procede a tomada de consciência de Chomsky é a da criatividade da linguagem: todo indivíduo que fala uma língua, ou a compreende, que é capaz de produzir ou receber um número infinito de frases distintas, ao enunciá-las, na maior parte, é de modo absolu

tamente inédito que o faz; dito de outra maneira, a língua é algo que os indivíduos também criam. Chomsky chama "competência lingüística", a possessão intuitiva de um determinado sistema pelo indivíduo e opõe ao que se chama "atuação" (de desempenho), isto é o ato particular de produção que está em função da competência. Esta "competência" é, portanto, a intuição particular que todo indivíduo possui de sua própria língua e dos meios para utilizá-la. É o que explica que uma pessoa sem ter um conhecimento consciente das regras que regem o uso de uma língua, conheça de modo bastante seguro seu manejo para não cometer erros ao falar, ou para reconhecer um enunciado produzido por outra pessoa, ou de sua língua. Desta forma, além do comportamento lingüístico de superfície que se materializa na "atuação", único objeto das investigações lingüísticas habituais, existe o sistema motor que determina este comportamento "o sistema de competência lingüística que sustenta o comportamento mas não pode circunscrever-se de maneira simples ou direta no comportamento" (23, 16). E é este sistema de competência, o que, muito mais que os desempenhos particulares, interessa ao lingüista e que Chomsky se propõe descrever e analisar. "A pessoa que adquiriu o conhecimento de uma língua internalizou um sistema de regras que relaciona o som e o sentido de um modo determinado. O lingüista que elabora uma gramática de uma língua propõe, na realidade, uma hipótese que concerne a este sistema assimilado (26, 46) Chomsky, chama de "gramática gerativa" a este sistema dinâmico que caracteriza a competência lingüística de um indivíduo:

"Tudo ocorre como se o sujeito falante, ao inventar de alguma maneira a **língua à medida que se expressa, descobrisse de novo, à medida que ouve falar em torno de si, tivesse assimilado em sua própria substância pensante um sistema** coerente de regras, um código gerativo que determina por sua vez a interpretação semântica de um conjunto de frases reais, expressas ou ouvidas. Tudo ocorre como se dispusessem de uma "gramática gerativa";

de sua própria língua, como se diz com frequência hoje em dia. Este tipo de gramática deve poder dar conta de toda frase autenticamente possível e oferecer uma descrição formal dela que contenha todas as instruções previstas no código genético da língua e compreenda tanto o sentido, o conteúdo semântico da frase, como a forma, sua estrutura fonológica (Do artigo "Algumas constantes da teoria lingüística", citado em J. Lyons, "As idéias de Chomsky").

Por gramática gerativa entende Chomsky, "uma descrição da competência tácita do falante-ouvinte, competência que serve de base a sua atuação efetiva na produção e na percepção (compreensão) do discurso. Uma gramática gerativa ideal específica, uma união de representações fonéticas e semânticas num domínio indefinido; desta forma, constitui uma hipótese para explicar como interpreta o falante-ouvinte os enunciados, abstração feita de numerosos fatores que se misturam na competência tácita para determinar o desempenho efetivo (23, 16). Podemos desde agora, antes de ver como o processo de análise de Chomsky permite que alguém se dê conta do que ele chama a União do nível fonético e do nível semântico, fazer algumas observações sobre as vantagens da nova problemática que caracteriza este método de aproximação da linguagem.

Ao criar os conceitos de competência e desempenho, que logicamente remetem aos da gramática gerativa Chomsky ataca fortemente a tendência do pensamento a considerar a língua, não como um processo, mas, como um sistema fechado e estático, estabelecido, em certo modo, de uma vez para sempre. É oportuno citar aqui uma passagem típica da "Lingüística Cartesiana" (21-41), onde Chomsky apresenta as teses fundamentais de Humboldt, que estão em completo acordo com o seu próprio ponto de vista: "A importância que os cartesianos outorgam ao aspecto criador do uso da linguagem humana, como característica essencial encontra sua mais convincente expressão no intento feito por Humboldt para desenvolver uma

teoria de conjunto da lingüística geral. A caracterização de Humboldt da linguagem em termo de energia (atividade em evolução) antes que érgon (obra feita) como uma "produção ativa", antes que como um "produto sem vida", amplia e elabora algumas vezes, com os mesmos termos - as formulações típicas da lingüística cartesiana, assim como também a filosofia de linguagem e a teoria estética dos românticos. Para Humboldt, a única definição verdadeira da linguagem é "genética": "É necessário ver o trabalho indefinidamente renovado que leva a cabo o espírito a fim de adaptar o som articulado à expressão do pensamento"; Chomsky emprega a miude o termo de código genético da língua para designar, a título metafórico, o conjunto de regras gerativas que constituem a origem da produção da língua. "Há um fator constante e uniforme que está sob este "Trabalho do Espírito: este fator é o que Humboldt chama a "Forma da Língua". Somente as leis básicas da geração são as que estão fixas na linguagem. O mais importante aqui é o descobrimento de que o resultado das produções lingüísticas é praticamente imprevisível, se é um objeto demasiado mutável, o processo de produção deve ser, pelo contrário, algo constante e analisável. E é esta a regra do jogo lingüístico que ele vai formular: "Para utilizar a mesma terminologia empregada por Wilhelm von Humboldt nos anos de 1830 - declara Chomsky na primeira conferência da "Linguagem e Pensamento" (23, 33) - o falante faz um uso finito de meios finitos". Esta célebre e surpreendente fórmula faz compreender perfeitamente o que é a gramática gerativa em relação aos enunciados realmente emitidos. Nesta perspectiva se pode comparar o falante com um artista, ou com um técnico que dispõe de um certo instrumento e de regras para utilizar de forma criativa.

A distinção de Chomsky entre a ordem da competência e a ordem do desempenho logra superar algumas insuficiências da distinção saussureana de langue e parole.

Sua problemática se baseia, no fundo, numa oposição mais positiva, a que existe entre o consciente e o



inconsciente. A competência é algo que pertence à ordem do inconsciente, enquanto que o resultado do desempenho é algo consciente. O trabalho da língua é o processo de realização inconsciente de alguns enunciados de que o falante toma consciência, à medida que os pronuncia. Este tipo de problemática substitui a oposição do concreto e do abstrato, muito presente em Saussure, por uma oposição que é mais fundamental nas ciências humanas, desde o nascimento da teoria freudiana

Certamente, podemos reconhecer, numa leitura retrospectiva de Saussure, que debaixo da oposição língua/fala se escondiam, de fato, todos os problemas cuja formulação renovada, constituirá a obra de Chomsky, a criatividade da linguagem, a existência de uma competência e de uma gramática gerativa e o problema do caráter inato de uma gramática universal. Saussure só podia intuir sua importância; mas para chegar a superar a insuficiência desta distinção dentro do contexto geral da sua doutrina, seriam necessárias outras condições históricas.

E para encerrar este capítulo, algumas observações sobre as condições da gênese da nova teoria, para demonstrar de que maneira se operou em Chomsky o redescobrimto de lingüística cartesiana e porque se viu obrigado a superar a doutrina mais então em voga nos Estados Unidos - o behaviorismo com o qual sua teoria estava em total desacordo.

### 3.2.2 - Superação do behaviorismo Lingüístico-Psicológico

Quando Chomsky começa a desenvolver sua teoria fundamental na criatividade da linguagem, a reflexão lingüística geral se divide em duas grandes tendências: a lingüística estrutural e a lingüística behaviorista, baseadas nos raciocínios mecanicistas da psicologia do comportamento. O principal representante dessa tendência é como vimos L. Bloomfield, cujo prestígio entre os lingüísticos americanos

era imenso, antes do começo da lingüística gerativa. Vamos ver, de forma sintética, como a teoria de Chomsky "corte" (no sentido de ruptura de Bachelard) com os pressupostos do behaviorismo lingüístico fazendo patente o que ele propõe sobre a linguagem como fenômeno especificamente humano.

Do ponto de vista lógico, vemos que o behaviorismo ortodoxo (Watson) da mesma forma que uma concepção demandadamente sistemática estruturalista (Bloomfield) do uso da linguagem, corresponde perfeitamente, como método de aproximação aos fenômenos lingüísticos, ao que Bachelard chamaria o primeiro sistema de representação "sistema epistemológico que corresponde a uma tendência para simplificar a complexidade de um fenômeno em detrimento de aspectos ricos, cujo acesso exigiria outro tipo de tratamento e que a teoria científica adequada deve superar" (4,38).

A maior parte das críticas que Chomsky faz ao behaviorismo e, de forma especial, à lingüística behaviorista, está em seus estudos "Review of Skinner Verbal Behavior" e "Language and mind". O essencial da conferência intitulada de maneira muito otimista de PASSADO, consiste numa apresentação retrospectiva das primeiras perspectivas teóricas, além das quais se situa a gramática generativa: a gramática filosófica antiga, isto é, o conjunto dos textos teóricos que Chomsky chama "lingüística estrutural" e o behaviorismo.

A lingüística behaviorista, como vimos, considera a linguagem unicamente em termos de "condicionamento", de "reflexos" de "hábitos", aplicando aos comportamentos lingüísticos o estudo dos mecanismos de atuação, os modos de análises e raciocínios da psicologia de igual nome, isto é, reduz todas as manifestações lingüísticas a todas mais ou menos complexas de reações do tipo estímulo-resposta:

Observa John Lyons que debaixo do pretexto de "biência", como reação também contra as tendências psicologistas de "lingüística mentalista". Bloomfield propõe uma teoria de linguagem humana que não leva em conta a existência do pensamento, princípio este que é julgado demasiadamente subjetivo e que, por tanto, constitui uma redução da lín

gua a esquemas de uma extrema pobreza qualitativa.

Podemos ver que Chomsky, não tem medo de lançar um desafio aos partidários do behaviorismo lingüístico. O próprio título de seu livro "Language and mind" (Linguagem e pensamento), tendo como subtítulo mais explicativo "Contribuições lingüísticas ao estudo do pensamento" (notar que o termo inglês "mind", que em português foi traduzido por "pensamento", pode também ser traduzido por "entendimento" ou "espírito"), revela o que ele quer designar como a faculdade especificamente humana escamoteada pelas problemáticas positivistas.

Para o behaviorismo ortodoxo, a linguagem humana é apenas um sistema mecânico condicionado, que se baseia, ainda que seja muito complexo em seu conjunto, num único tipo de operação simples, o qual, obviamente, faz com que se relacione, conseqüentemente, pura e simplesmente, com as máquinas cibernéticas, programadores e "computers".

"A idéia - declara Chomsky - de que o comportamento lingüístico consiste numa "resposta" a alguns "estímulos", é um mito igual à idéia de que só consiste numa questão de hábitos e generalizações. Para conservar tais crenças frente aos fatos atuais, deve-se suprimir todo significado técnico preciso, nos termos "estímulo" e "resposta" (como também de "hábito" e generalização") Selected Readings, p. 156.

A ilusão principal se baseia no fato de os modos de análise behaviorista são válidos quando são aplicados a "fenômenos mais simples e mais evidentes". Vejamos como Chomsky descreve o período áureo do behaviorismo:

"Os progressos tecnológicos da década de 1940, simplesmente reforçaram a euforia geral. Os computadores estavam no horizonte e a iminência de se vir a dispor deles reforçava a crença de que bastaria obter uma compreensão teórica dos fenômenos mais simples e mais superficialmente evidentes, e o resto se revelaria meramente ser "o

de, menos"; uma complexidade aparente que seria resolvida pelas maravilhas eletrônicas". (23, 14)

Face a tudo isso, a potente ilusão redutora de que participam quase todos os investigadores, na crença de que as matemáticas, a lingüística e a psicologia behaviorista, convergiam para um ponto de vista muito simples e claro, inteiramente adequado a oferecer a compreensão fundamental" daquilo que a tradição tinha envolvido em mistério", convicção segundo a qual o marco da psicologia estímulo-resposta seria ampliado até o nível em que fosse capaz de oferecer uma explicação satisfatória das capacidades humanas mais misteriosas (23).

Chomsky e alguns outros tomam consciência de que há algo inadequado isto é fundamental, neste modo de considerar os problemas da linguagem:

"Uma análise minuciosa - declara ele - a propósito da psicolingüística estímulo-resposta, demonstrou, na medida em que o sistema de conceitos e princípios então propostos, podia parecer aceitável, era também possível demonstrar a inadequação dos seus fundamentos. Os tipos de estruturas realizáveis, em termos destas teorias, não são os que se podem postular como base no uso da linguagem"; devem satisfazer condições empíricas mínimas". (23, 15)

Se considerarmos o estudo atual da metodologia lingüística de estímulo-resposta (quer seja estendida, quer não, a "teoria da mediação"), ou os modelos probabilísticos ou teórico-automáticos para o uso da linguagem, verificamos que em cada um desses casos houve um desenvolvimento paralelo. Uma análise cuidadosa revelou que na medida em que o sistema de conceitos e princípios propostos podia tornar-se preciso, demonstrou ser inadequado de uma maneira fundamental. Os tipos de estruturas realizáveis em termos dessas teorias, simplesmente não são aqueles que devem ser postulados como subjacentes ao uso da linguagem, se quisermos satisfazer as condições empíricas de adequação. (23, 15)

Encontramos, nas páginas seguintes desta conferência, numerosos pontos indicando que, para superar esta falta de adequação deve-se buscar algo que seja "qualitativamente diferente" (23, 16) e que apareça mediante a criação do conceito de "competência lingüística", para explicar os mecanismos que servem de apoio ao uso criador da linguagem.

Chomsky propõe a superação do behaviorismo lingüístico nestes termos:

"Este sistema de competência lingüística é qualitativamente diferente de qualquer outra coisa que pode ser descrita em termos dos métodos taxonômicos da lingüística estrutural, dos conceitos da psicologia E-R, das noções nascidas da teoria da comunicação ou da teoria dos autônomos simples" - (23; 25).

E mais:

"As estruturas mentais não são simplesmente "mais ou menos o mesmo", mas são qualitativamente diferentes das redes e estruturas complexas que podem ser constituídas por elaboração dos conceitos que pareciam tão promissores a tantos cientistas há poucos anos atrás. Não se trata de uma questão de grau de complexidade mas, antes, de qualidade de complexidade. (idem).

Aqui é precisamente, onde se acha o corte epistemológico, do qual procede a teoria de Chomsky e nas páginas dessa sua importante obra por nós citada: várias são as palavras que designam este corte: "o fosso", "falha significativa", "um abismo"; estes termos metafóricos indicam perfeitamente que a teoria de Chomsky está desde seu ponto de partida, em aberto conflito e ruptura completa com o behaviorismo lingüístico.

Como consequência de tudo isso, Chomsky (o texto de sua conferência permite seguir passo a passo o seu descobrimento no momento mesmo da gênese da teoria), vai romper

com os, pressupostos behavioristas e centrar suas investigações em outras bases.

Aqui é que entra a participação da leitura dos lingüistas cartesianos e onde se encontra uma confirmação para suas próprias investigações nesta "gramática filosófica". No seu livro "La linguistique cartesienne", Chomsky toma conhecimento de que a linguagem é, em primeiro lugar, o que distingue especificamente os homens dos animais e dos autômatos, por mais perfeitos que estes sejam.

Da mesma forma que Descartes, que opunha o homem com sua faculdade de "razão" ou de "entendimento", aos animais-máquinas, Chomsky se nega a participar da crença da maioria que lhe rodeava, segundo a qual a linguagem humana é uma simples máquina, apenas mais complicada.

Na linguagem, diziam os cartesianos, existe algo que não se verifica no comportamento dos animais ou das máquinas: para caracterizar o homem com relação a ambos, "faz-se necessário, conseqüentemente, invocar um princípio inteiramente novo, postular, em termos cartesianos, uma segunda substância, cuja essência é o pensamento".

Este princípio novo tem "um aspecto criador" que se manifesta claramente, acrescenta Chomsky, e que podemos designar como a faculdade especificamente humana de expressar pensamentos novos e compreender expressões de pensamentos novos no marco de uma "língua instituída", produto cultural submetido a leis e a princípios que lhe são, em parte, próprios, e que refletem propriedades gerais do pensamento. (Linguagem e Pensamento, pp.18-19).

Outro grande pensador do passado que Chomsky gosta de citar é o médico espanhol Juan Huarte, que no final do século XVI publicou um estudo amplamente traduzido, sobre a natureza da inteligência humana: "...Para Huarte la raiz de la palabra "ingenio" significa: engendrar; y la pone en relación con signo, genero, ingenero". (23)

Assim descobriu que havia no homem duas potências gerativas: uma delas comum aos animais e às plantas,

e, a outra que participa de "substâncias espirituais". Segundo ele, "el espíritu - ingenio - es una potencia generativa ...el entendimiento tiene una virtud y una fuerza naturales para producir y crear" (citado por Chomsky).

Foi sob a inspiração de Huarte que Chomsky e sua equipe escolheram, sem dúvida, o termo de gramática gerativa para designar o novo objeto sobre o qual iam fixar nas investigações lingüísticas, este sistema interiorizado de regras que caracteriza a competência lingüística de um indivíduo, e uma tal competência só o homem a possui.

Mas na realidade, em que consiste exatamente este "aspecto criador do uso da linguagem", que distingue o homem do animal e dos programadores?

Chomsky define três importantes observações:

1<sup>a</sup> - "La primera es que el uso normal del lenguaje es innovador, en el sentido de que gran parte de lo que decimos cuando utilizamos normalmente el lenguaje, es totalmente no vo, que no es la repetición de lo que ya he mos oído anteriormente, ni tampoco un calco de la estructura - cualquiera que sea el sentido que se da a las palabras "cal co" e "estructura" - de frases o de discur sos que hayamos oído en el pasado" (pg. 23, 26).

2<sup>a</sup> - "La utilización normal del lenguaje no es sólo innovadora y de una extensión poten cialmente infinita, sino que está libre de todo control de estímulos observables, sean externo o internos. Gracias a ésta liber tad frente al control de estímulos es como el lenguaje puede servir de instrumento de pensamiento y de expresión individual" (23, 27)

3<sup>a</sup> - "La discusión cartesiana de las limitacio nes de la explicación mecanicista, revela

una tercera propiedad del uso del lenguaje, es decir, su coherencia y su "adecuación a la situación" la cual es claramente diferente del control por estímulos externos. No podemos decir de manera inequívoca y definitiva en que consisten exactamente esta "adecuación" y esta "coherencia", pero estos conceptos son, sin duda alguna, significativos. Podemos distinguir entre el uso normal del lenguaje y de las divagaciones de los dítos de una calculadora con algún elemento mal regulado" (23, 22)

Esta percepção imediata da adequação ou da coerência que um indivíduo é capaz de ter a propósito de um enunciado de sua própria língua, é um aspecto da competência que não pode ser explicado, de nenhuma maneira, mediante raciocínios de tipo mecanicista. Três são as características que distinguem a língua humana de qualquer comportamento animal, ou de qualquer realização cibernética: a capacidade inovadora, a ausência de controle por parte de estímulos e a adequação à situação, sendo a última a única verdadeiramente humana. (23)

A diferença da linguagem humana, os sistemas de informação ou de comunicação animal, ou cibernético, são absolutamente condicionados e põem de manifesto a explicação mecanicista. Os sistemas de comunicação animal são atualmente bastante conhecidos e, a este respeito, se fala muito das abelhas e delfins; mas quando nos perguntamos que é a linguagem humana, declara Chomsky: não encontramos nela grandes semelhanças com os sistemas de comunicação animal:

"No hay nada especialmente util que decir acerca del comportamiento y del pensamiento al nivel de abstracción en el qual se unen la comunicación animal y la comunicación humana". (L.e P. pg. 105)



As diferentes formas de comunicação do animal e do homem, diz ele, só se encontram a um nível de generalidade de que engloba também qualquer outro tipo de comportamento. De fato, a "linguagem animal" é um sistema de sinais muito mais próximos dos sistemas mecânicos inventados pelo homem do que o é a própria linguagem humana.

Aqui continua Chomsky a opor-se a Bloomfield, que como a maior parte dos behavioristas, postula uma continuidade entre o tipo de sistema da linguagem animal e o da linguagem humana, considerado o segundo simplesmente como mais complexo, ainda que com o mesmo gênio de propriedade. "Para Bloomfield não existe uma diferença fundamental entre a linguagem humana e os sistemas de comunicação animal; a linguagem possui simplesmente uma "maior diferenciação". Dito de outro modo, sua função é similar (23, 31)

Entre a linguagem humana e a linguagem animal existe, portanto, uma distância enorme que nenhum esforço de reflexão teórica poderia esconder. "A idéia segundo a qual - prossegue Chomsky - a linguagem humana seria simplesmente um exemplo mais complexo de algo que se encontraria por todas as partes no mundo animal parece não ter nenhuma consistência. Isto coloca um problema para o biólogo, se é certo, seria um belo exemplo de emergência" - aparecimento de um fenômeno qualitativamente diferente num estágio particular de complexidade organizativa" (23, 106). Deste modo, voltamos a encontrar a antiga necessidade de postular a existência de um "salto qualitativo" entre dois tipos de organização, salto que definiria, em oposição ao biólogo, o "nível" linguístico e o homem, ou para dizer de outro modo, a "esfera" linguística e a biológica; o novo de tudo isto é que esta distinção que tradicionalmente só o filósofo poderia fazer, em nossa época é o linguista, que sob pena de não explicar satisfatoriamente o objeto de seu estudo, deve postular sua existência, da mesma forma que o psicanalista de postular a existência do "psiquismo" como esfera não redutível à fisiologia. Enquanto os teóricos positivistas supunham a continuidade entre duas ordens e o passo progressivo de um a

outro, a teoria de Chomsky, pelo contrário, parte do postulado de uma ruptura qualitativa (4), e é nesta perspectiva que ele se aproxima verdadeiramente da reflexão filosófica tradicional.

### ESTRUTURA PROFUNDA E ESTRUTURA DE SUPERFÍCIE

Partindo da idéia de que todo enunciado numa língua é produto ou o resultado de uma operação criadora, a linguística gerativa aborda o problema da análise dos enunciados de uma maneira completamente nova: é necessário apresentar aqui 3 conceitos essenciais que determinam mutuamente:

- as estruturas superficiais (surface structure)
- as estruturas profundas (deep structure)
- as transformações gramaticais.

Neste problema de análise, como no caso das perspectivas filosóficas gerais, Chomsky viu-se obrigado a re-encontrar o estado de espírito dos gramáticos da linguística que ele chama de cartesiana. Para clarificar a exposição, apresentaremos em primeiro lugar o princípio da análise chomskiana, a partir de um célebre exemplo tomado da "Grammaire de Port-Royal" que Chomsky utiliza bastante na "Linguística Cartesiana", do mesmo modo que o seu "Linguagem e Pensamento".

Da mesma forma que os linguistas de Port-Royal, Chomsky distingue dois níveis de análise do enunciado: por uma parte, deve-se considerar a ordem sintagmática aparente que o falante emite, ou que o ouvinte percebe, ou seja, a "estrutura superficial", por outro lado, há que descobrir, por trás deste produto, as regras que o fazem surgir, as idéias que recobre a "estrutura profunda", ou o conjunto das estruturas de base que, combinadas e transformadas no ato da atuação, se concretizam debaixo da forma geralmente complexa deste enunciado particular.

A análise do enunciado deve ter em conta, sob pena de ser somente descritivo, e não explicativo, um conjun

to escondido, constituído pelas regras operatórias que fazem nascer o enunciado. E estas regras que o linguista vai tratar de formalizar a partir do estudo dos enunciados particulares, são as operações mediante as quais se materializa um certo conteúdo semântico (tomando esta palavra no sentido metafórico), em uma seqüência fônica de um certo número de fonemas convenientemente ordenados.

O exemplo clássico dado pela "Grammaire de Port-Royal" e copiado por Chomsky, para expor seus princípios de análise, está exemplificado na frase:

"Dieu invisible a créé le monde visible"

Os gramáticos do século XVII, constatavam que por esta frase, tão simples na aparência, o ouvinte podia perceber um sistema de 3 proposições que expressam, por assim dizer, 3 idéias:

- 1 - que Deus é invisível
- 2 - que Deus criou o mundo
- 3 - que o mundo é visível

Na primeira aproximação de pode dizer que a seqüência fônica: "Deus-invisível-criou-o-mundo-visível", constitui o que Chomsky chama a estrutura superficial, enquanto que as proposições subjacentes formam sua estrutura profunda.

A estrutura superficial se pode decompor em um sujeito complexo: "Deus invisível" é um atributo ou predicado complexo; "criou o mundo visível" é a estrutura profunda feita, pelo contrário, por proposições simples do tipo sujeito-predicado, que são a decomposição em idéias simples da frase completa.

Para utilizar uma terminologia recente - escreve Chomsky na "Lingüística cartesiana" (pg. 62) - "podemos distinguir a estrutura profunda de uma frase de sua estrutura superficial. A primeira é a estrutura abstrata e subjacente que determina a interpretação semântica. A segunda é a organização superficial em unidades que determinam a inter

pretação fonética e que se refere à forma física do enunciado efetivo, a sua forma expressa ou percebida".

Em geral, a estrutura superficial não corresponde à estrutura profunda: por exemplo, na frase citada anteriormente, a estrutura superficial é uma estrutura única sujeito-predicado, apesar de que seus elementos sejam do tipo complexo, enquanto que a estrutura profunda está formada por três proposições de tipo sujeito-predicado.

A estrutura profunda, ainda que só indiretamente apareça no enunciado, é sem dúvida essencial para sua compreensão, isto é, para sua interpretação semântica, e deve encontrar-se no espírito do falante ou recompor-se no do ouvinte quando se emite o enunciado ou sinal.

Chomsky utiliza distintas expressões para caracterizar esta presença da estrutura profunda: "Quando o sinal é emitido, com sua estrutura superficial, intervém uma análise mental correspondente, que poderíamos chamar de estrutura profunda diretamente ligada não ao som, mas ao sentido (L. e P. pg. 32-33). E também: "Naturalmente, esta estrutura só existe de modo implícito" (L. e P. pg. 63). E, finalmente: "a estrutura profunda constitui uma realidade mental subjacente - um acompanhamento mental do enunciado - com que a forma superficial do enunciado produzido correspondendo ou não diretamente ponto por ponto" (L.C. 25).

As transformações gramaticais definidas logicamente, são as operações, quaisquer que sejam, que caracterizam o passo da estrutura profunda para a estrutura superficial. Deste ponto de vista lógico, "transformação" é, portanto, o nome que se lhe dá quanto à relação que une as duas ordens de estruturas: "A estrutura profunda está unida à estrutura superficial por certas operações mentais; segundo a terminologia moderna, por transformações gramaticais" (L.P. pg 33) E também: "Uma estrutura profunda que comporta certo número de proposições elementares, organizadas segundo certas relações com objetivo certo, pode converter-se numa estrutura superficial mediante uma série de operações formais

que podemos chamar "transformações gramaticais" (Diógenes, n.º 51, pp. 17).

Como o número de enunciados possivelmente diferentes numa língua dada é infinito, infinito é o número das estruturas profundas, associadas aos enunciados; o que Chomsky, da mesma forma que os gramáticos cartesianos, supõe finito, é, pois, em primeiro lugar, em sistema de regras de transformações das regras que caracterizam o acoplamento: "O falante faz um uso infinito de meios finitos. Sua gramática deve conter, portanto, um sistema de regras que engendram uma infinidade de estruturas profundas e superficiais ligadas de maneira apropriada" (L.P. pg. 33)

Nisto se vê que em certo sentido o que é propriamente, e de maneira central, objeto de investigações linguísticas, é o comportamento sintático, posto que compreende o conjunto das regras que determinam as estruturas profundas, as estruturas de superfície, e do acoplamento de umas e de outras.

Mas o estudo da sintaxe de uma língua supõe, também, que se tenha em conta os outros componentes:

"O estudo dos três componentes se fará, desde logo, de uma maneira integral e cada um deles pode ser objeto de uma investigação, na medida em que as condições que os outros componentes lhe impõem são conhecidas" (L.P., id.)

Aqui deixamos, estas considerações que separadas da prática da análise linguística, logo se fariam inúteis e se apresentariam à crítica reforçando as definições citadas; são apenas tentativas provisórias de uma formulação geral (Chomsky classifica, inclusive, a última definição de "primeira aproximação informal"), que conduzem à análise puramente técnica de um caráter mais preciso. Recordamos que a linguística é, antes de tudo, uma prática, e que é esforço vão pretender uma definição geral.

Chomsky demonstra claramente a insuficiência prin

principal da lingüística que se limita ao estudo da estrutura superficial e não leva em conta a estrutura profunda, nem as regras de transformação, isto é, que prescinde completamente de todo o sistema de produção dos enunciados, isto é, da gramática gerativa destes enunciados, interessando-se só pelo resultado do ato de produção em si mesmo:

"La relación entre la teoría de Port-Royal y la lingüística estructural descriptiva moderna es relativamente clara. Esta última se limita al análisis de lo que he llamado la estructura superficial, a las propiedades formales en el signo y a los sintagmas y unidades que pueden ser puestos de manifiesto mediante técnicas de segmentación y clasificación" (36).

### 3.2.3 - A hipótese dos universais e inatismo lin güístico

Na época da Grammaire de Port-Royal, os filósofos da escola cartesiana consideravam como algo já sabido que as diversas línguas do mundo debaixo de sua aparente multiplicidade, escondiam, de fato, ao nível mais profundo, uma organização comum, que era o reflexo da universalidade da "natureza humana", com sua característica de "razão/e "lógica", que a distinguiu da natureza das demais espécies animadas.

Esta estruturação universal das línguas humanas, que era considerada como uma característica inata, tinha, então, a designação de "universais da linguagem" ou "gramática universal", postulada pela especulação filosófica como algo que era o substrato comum a todas as línguas naturais.

Vimos, anteriormente, que Chomsky tinha como finalidade, em primeiro lugar, fazer explícito o sistema de regras que constituem o que chama de "gramática gerativa" da língua, sistema interiorizado inconscientemente pelo falante -ouvinte e que se converte nesta capacidade prática designada como sua competência lingüística. Por outro lado, a gramá

tiça gerativa da língua, era definida no curso da análise como um certo número finito de regras que coordenam um número virtualmente infinito de estruturas superficiais e de estruturas profundas, contendo a estrutura superficial, sem entrar em detalhes, mas o essencial do que se necessita para a interpretação fonológica, e a estrutura profunda para a interpretação semântica.

Será a propósito dos problemas filosóficos e psicológicos clássicos da aprendizagem da linguagem, que a problemática teórica de Chomsky vai demonstrar toda sua eficácia; com efeito, se este velho problema volta a ser examinado, com todos os dados teóricos precedentes, como ocorreria este processo?

Pode-se recorrer, diz ele, a duas hipóteses diferentes: "Una hipótesis plausible es que (los principios generales y abstractos de organización que sostienen todas las lenguas particulares) son inatos y por tanto universales. Otra hipótesis plausible se adquiere mediante la experiencia y el entrenamiento. Una y otra hipótesis pueden precisarse más; y es a este precio como cada una de ellas va a tomar todo su significado y a merecer que se ponga atención en ella (Selected Readings, pg. 158)

E acrescenta bem claramente sua crítica às teorias de aprendizagem da linguagem que consideram a linguagem em termos de hábitos e condicionamentos:

"De una manera general, me parece practicamente imposible explicar muchos de los aspectos más profundos del lenguaje sobre las hipótesis del entrenamiento y de la experiencia y esta es la razón de que se deva buscar la explicación ou términos de organización intelectual interna. Un rechazo casi superticioso para tomar en serio esta proposición ha retardado considerablemente, según mi opinión, la lingüística y al mismo tiem-

po la psicología. En el estado actual me parece que no existe ya ninguna razon para suponer que los principios de base de la gramática son adquiridos, como tampoco, hay que hacer una suposición análoga para la percepción visual, pongo por acaso. Resumiendo, ya no hay ninguna razón para suponer que un individuo aprende que el ingles tiene una gramatica generativa de classe muy particular que se puede explicitar casi por entero, como no la hay para suponer que el mismo individuo aprende a analizar el campo visual en terminos de línea, ángulo, movimiento, objetos compactos, personas con su rostro, etc" (idèm)

Deve-se precisar que, na hipótese de um esquematismo lingüístico inato, a estrutura detalhada do sistema, possui como no caso da córtex, uma organização específica não determinável e a priori independente da análise. O que é inato no espírito é precisamente o conjunto de princípios abstratos gerais definidos, no curso das análises, sob o nome de gramática universal, os quais nenhuma especulação pura a priori ou generalização indutiva poderiam descobri-los. Estas considerações não exercem um papel considerável na teoria da aprendizagem da linguagem.

Se Chomsky adota, portanto, uma posição radicalmente oposta à dos behavioristas (Skinner) que pensam dar conta da aquisição da linguagem somente pelos estímulos verbais recebidos do exterior e pelos mecanismos habituais do condicionamento e reforço, sua posição difere também - embora de maneira menos categórica da dos psicólogos de inspiração piagetiana (H. Sinclair), que pensam ser a descrição estrutural de Chomsky compatível com uma gênese em que as estruturas pré-lingüísticas, também adquiridas (esquemas sensoriais motores), "prefigurariam" as estruturas lingüísticas e lhes dariam origem (do mesmo modo que, para



Piaget, a filiação das estruturas lógicas deve ser procurada nas estruturas próprias dos estágios precoces do desenvolvimento).

A hipótese inatista de Chomsky, foi objeto de tentativas de verificação indireta: assim, McNeil (1966), recolhendo enunciados de crianças que mal começavam a formar frases, constatou que todos esses enunciados confirmam as propriedades das "estruturas profundas", determinantes em outro âmbito pelo lingüista.

Como McNeil pensa que as estruturas profundas são constituídas em grande parte de universais inatos, o resultado obtido vem apoiar a hipótese inatista.

Outras análises efetuadas a partir de enunciados de crianças russas e japonesas, levam à mesma conclusão.

De modo geral, os psicólogos, de inspiração chomskiana consideram que os universais inatos residem no mecanismo de aquisição da linguagem (chamada por Chomsky "language acquisition device", transcrito abreviadamente L.A.D) o qual permite à criança delimitar as estruturas programadas, utilizando apenas os dados da performance.

Esse mecanismo seria o equivalente do que a teoria é para o lingüista; esse componente é que seria inato.

Acéita a hipótese do caráter inato dos princípios da gramática universal, isto é, o caráter de uma competência lingüística, entendida, por sua vez, como algo inteiramente abstrato, é possível desenvolver uma teoria muito coerente da aprendizagem. Chomsky parte, como em todas as suas considerações mais gerais, de uma constatação muito simples, isto é, que a criança quando aprende uma língua se encontra confrontando com alguns dados lingüísticos muito limitados e parciais, pelo que deve ser reconstruída a mesma gramática gerativa da língua falada em seu ambiente. Sobre a base de experiências muito pobres, o conceito mais importante aqui é o do ambiente lingüístico, conceito análogo no domínio da "cultura" ao da "meio" em ciências naturais.

Chomsky reconhece, como os partidários das outras hipóteses da aprendizagem em termos de S-R, que a criança só pode aprender a língua do meio em que se encontra, já que a reconstrução do sistema universal não pode fazer-se por simples generalização indutiva, a partir de alguns dados fornecidos pelo ambiente, deve-se considerar que a competência existe, em primeiro lugar, como sistema virtual no espírito da criança e que o ambiente não faz mais que estimular esta competência inata.

Por tal concepção, Chomsky encontra-se mais uma vez, com o que chama a tradição cartesiana, ou seja, com "la idea racionalista según la cual la lengua no se aprende en realidad - y desde luego no es enseñada sino que más bien se desarrolla "desde el interior" de una manera esencialmente predeterminada, cuando las condiciones apropiadas se han realizado".

Repete de um modo mais expressivo a mesma convicção quando declara:

"La lengua se "reinventa" cada vez que se aprende, y el problema empirico al cual debe hacer frente la teoria del aprendizaje es el de saber como tiene lugar esta invención (L. e P., pg. 126).

Encontramos, pois, de novo, a idéia central de que na base da língua existe uma atividade criadora; desta forma, pode-se dizer que, desde o começo, cada indivíduo, segundo Chomsky, possui nele, em seu espírito, a competência lingüística universal.

O que nos interessa não é tanto conhecer o detalhe desta estrutura inata, posto que é ainda prematuro querer conhecê-la, como compreender o marco geral dos estudos que permitirão um dia precisar sua natureza.

Com efeito, pode-se considerar que a hipótese do caráter inato de um esquematismo restritivo tem um consideravel interesse, tanto do ponto de vista filosófico como psicológico.

Uma análise taxonômica não deixa lugar para a estrutura profunda no sentido da gramática filosófica. A linguística "estrutural" não faz senão analisar os mecanismos superficiais. Chomsky classifica muitas vezes a gramática "estrutural" de descrições. A oposição à gramática filosófica (ou linguagem cartesiana) e à gramática gerativa, já que estas procuram descrever os mecanismos profundos e podem ser qualificadas, portanto, de teorias explicativas.

Por isso pode dizer:

"La gramática filosófica, al igual que la gramática gerativa se desarrolla en oposición deliberada a la tradición descriptiva que interpretaba la tarea del gramático como de simple registro - una especie de historia natural- afirmaba muy justamente a mi parecer - que dicha restricción era empobrecedora e inútil y que **cualquiera** que fuera su justificación, no tenía nada que ver con el método científico que se interesa en los datos, pero no en cuanto tales datos, sino como testimonio de principios que no se pueden descubrir "en los fenómenos" ni derivar de estos fenómenos mediante un tratamiento taxonómico de los hechos, del mismo modo que los principios de la mecánica celeste no hubiera podido desarrollarse conforme a estas observaciones" (idem, p.31).

O "vício" inerente à problemática da linguística estrutural é considerar somente a estrutura superficial que leva ao linguísta a descrever, ignorando totalmente sua origem - um objeto virtualmente infinito. Por outro lado, não se lograria nunca conhecer o que normalmente deveria ser o objeto central da investigação linguística - ou seja, os próprios mecanismos linguísticos.

O fato é que Chomsky tende realmente ao conhecimento do funcionamento do espírito humano.

A crítica que Chomsky faz à lingüística behaviorista é a que fazemos à psicologia behaviorista, também descritiva do comportamento, não se preocupando com as "estruturas profundas" do comportamento humano.

Neste sentido, a atribuição de Chomsky na lingüística não é retomar uma tradição filosófica como visão do homem (Descartes, Humboldt, Cassirer) dentro da lingüística, mas, alertar o psicólogo para não reduzir sua perspectiva do humano dentro das coordenadas behavioristas do esquema S-R e derivados do mesmo nível.

Para concluir, pode-se dizer que o marco geral dos estudos lingüísticos propostos por Chomsky tem o duplo interesse de chegar a conclusões de grande importância, mas até agora recusadas em nome de uma certa concepção da ciência, ao mesmo tempo que antecipa as investigações que se realizam em outro domínio, como nos estudos, biológicos, em particular os que concernem à estrutura nervosa do cérebro.

Talvez não seja absurdo imaginar que não demore o momento em que investigações lingüísticas e investigações biológicas chegarão a conclusões definitivas não contraditórias entre si, antes, permitirão confirmar a exatidão das idéias gerais expostas por Chomsky com tantas precauções.

Assim para Chomsky a lingüística aparece como um ramo privilegiado de uma psicologia humana visto ser a linguagem "una sonda muy util para explorar la organización de los procesos mentales" (23, 136).

"He tratado de sugerir que el estudio del lenguaje puede muy bien, como tradicionalmente se sue punía apontar perspectivas especialmente favorables para el estudio de los procesos mentales en el hombre (...). El estudio empírico de los universales lingüísticos, ha llevado a la formulación de hipótesis muy restrictivas y yo creo muy plausibles, en lo que concierne a la variedad possible de las lenguas humanas, hipótesis

que contribuem al intento de desenvolver una teoría de la adquisición del conocimiento que da a la actividad mental intrínseca el lugar que le es debido. Me parece pues, que el estudio del lenguaje debería ocupar un lugar central en la psicología general (140).

As idéias de Chomsky repercutiram em outros campos da ciência, em destaque na Biologie (Lenneberg), nos estudos dos problemas genéticos (Monod, Jacob) e no campo dos lingüistas que realizaram estudos de seus aspectos filosóficos (Katz, Searle, entre outros) Pela proximidade do problema que ora tratamos, o inatismo e os universais, faremos algumas considerações sob o ponto de vista biológico e genético.

A obra de Eric Lenneberg, intitulada Biological Foundations of Language reflete bem a intenção do autor. Diz as mesmas coisas que Chomsky sobre o assunto que nos ocupa, mas de outra maneira. Para Chomsky, trata-se de construir um modelo dedutivo que explique, entre outras coisas, o problema da aquisição da linguagem.

Lenneberg aborda o problema sob um outro ângulo, o da biologia, o que não modifica somente a ótica, mas também a linguagem, embora a questão colocada permaneça fundamentalmente a mesma: a faculdade da linguagem é uma característica do Homo Sapiens, porque ela é uma faculdade inata. Lenneberg, referindo-se à comunidade biológica da espécie humana, afirma a universalidade das estruturas profundas ("estruturas latentes"), assim como o caráter inato das estruturas lingüísticas, idênticas às da gramática gerativa.

No capítulo de seu livro intitulado "Innate Mechanism" - diz que o conceito de inatismo (innateness) estava banido da linguagem científica. A biologia não faz outra coisa atualmente senão explorar o caráter inato das diversas formas: "A descoberta e a descrição dos mecanismos inatos são passos inteiramente empíricos e fazem integralmente parte das investigações científicas contemporâneas (69). Isso

vale também para a linguagem. É graças às regras que governam a sintaxe, dispondo das frases enquanto materiais iniciais de operações mentais, que obtemos resultados em conformidade com a lógica. Isto prova segundo Lenneberg - que essas regras são uma propriedade inata do espírito humano: "Quando dizemos que as regras foram integradas no analisador gramatical, sugerimos a existência de um aparelho dotado de propriedades específicas ou, em outros termos, de uma organização interna específica" (69, 339).

O Capítulo IX, que resume sua tese, contém a proposição a qual o processo de maturação chega a um estado de "potencialidade lingüística" (language readiness) que, a ação do meio que fornece os materiais sob a forma da língua utilizada pelos adultos, se transforma em ato, isto é, em aquisição da linguagem.

A emergência da linguagem em um indivíduo é um processo de atualização no curso do qual a estrutura latente se transforma em estrutura realizada. "A maneira pela qual a linguagem se distingue ao indivíduo é estritamente determinada pelo processo de maturação, único em seu gênero, ao qual é submetido o conhecimento humano, podendo-se dizer que a potencialidade lingüística" (language-readiness) equivale a um estado determinado da estrutura latente da linguagem".

Assim, não somente se solidariza com o tipo de raciocínio que caracteriza a gramática gerativa, mas adere também - a partir de premissas biológicas - ao programa da gramática universal.

Vamos encontrar na biologia molecular, representada principalmente por Jacques Monod, uma posição claramente favorável em favor das estruturas lingüísticas inatas. No seu livro, prêmio Nobel, "Le hasard et la Nécessité", ele se coloca nos limites da biologia e da filosofia, e é seguramente uma das obras mais fecundas e estimulantes destes últimos anos.

Para retomar a questão fundamental, basta o texto infra citado como prova patente de sua adesão à tese de Chomsky:

"Sabe-se que, segundo Chomsky, e sua escola, sob a extrema diversidade das línguas, a análise lingüística aprofundada revela uma "forma" comum a todas as línguas. Essa forma, após Chomsky, tem sido considerada como inata e característica da espécie. Essa concepção escandalizou alguns filósofos e antropólogos que vêem nisso um retorno à metafísica cartesiana. Se é isso, a capacidade lingüística que se revela no curso do desenvolvimento epigenético do cérebro, faz hoje parte da própria "natureza humana" de finida no seio da linguagem de modo radicalmente diferente do código genético (150 - 151).

Neste mesmo sentido, Roman Jakobson desenvolve uma síntese intitulada "Linguistics", em que aborda igualmente a relação da lingüística com a biologia. E ainda que se dissocie vigorosamente das tendências demasiado biologistas na interpretação dos fenômenos da linguagem, é ele que formula o que pode parecer paradoxal - o argumento, na minha opinião, mais pertinente com relação à tese sobre o equipamento genético (genetic endowment) do homem em vista da linguagem.

Assim, segundo R. Jakobson, as pesquisas realizadas nessas últimas dezenas de anos permitiram descobrir uma série de universais no domínio da fonologia, assim como modelos (patterns) gramaticais da linguagem. Elas permitiriam estabelecer que a criança possui disposições inatas para aprender qualquer língua. Segundo Jakobson, para explicar a existência de universais lingüísticos, basta recorrer à lógica interna das estruturas lingüísticas. Não se fazendo necessário, o argumento das "instruções genéticas".

Com isto queremos mostrar a repercussão das idéias de Chomsky dentro do campo científico e a importância de suas descobertas para as ciências humanas.

No capítulo que se segue, trataremos do que intitulamos - a "Gramática da Linguagem Inconsciente" - que consiste nos estudos que Lacan propõe da obra de Freud à luz do modelo lingüístico que possibilitará uma penetração na própria estrutura do inconsciente humano.

## CAPÍTULO IV

## A GRAMÁTICA DA LINGUAGEM INCONSCIENTE

Lacan preconiza um retorno a Freud, utilizando as contribuições da lingüística, como ciência piloto que possibilita às ciências humanas uma abertura de pesquisa até então impedida por uma preocupação "cientificista" de procurar soluções para seus problemas em níveis inadequados à complexidade dos fenômenos tratados por elas.

Podemos dizer, de início, que assim como Chomsky procura o sujeito lingüístico num nível das estruturas profundas e nos universais lingüísticos, criticando uma orientação mecanicista extremada, representada pelo behaviorismo de Skinner, Lacan critica também severamente, aqueles que fazem da Psicanálise uma simples técnica de adaptação do comportamento. A psicanálise não tem nada a ver, diz Lacan, com a busca de um "pattern" de comportamento. Opõe-se a toda a forma de psicologia que se esforça por envolver a psicanálise em aproximações particulares ou paralelas a outros tipos de tentativas de "verificação" de uma psicanálise de laboratório, saída dos mesmos padrões estabelecidos para os comportamentos dos ratos, pombos e outras cobaias.

Em seu informe para o Congresso de Roma efetuado em 26 e 27 de setembro de 1953, critica abertamente a transposição de um determinado tipo de behaviorismo ambicioso que pretende explicar a complexidade humana ao nível da psicanálise, tentando reduzi-la aos seus esquemas. Diz com uma certa ironia Lacan: "Pensez-donc, un homme qui a reproduit la névrose ex-pé-ri-men-ta-lé-ment chez un chien ficelé sur une table et par quels moyens ingénieux: une sonnerie, le plat de viande au'elle annonce, et le plat de pomme qui arrive à contratemps je vous en passe. Ce n'est pas lui, du moins lui-même nous en assure qui se laissera prendre aux "amples ruminations", car c'est ainsi qu'il s'exprime, que les philosophes ont consacrées au probleme du langage. Lui va vous la prendre à la gorge". (63,273)



Duvida profundamente que seja possível esclarecer os fenômenos patológicos (neuroses, fobias, psicoses, etc.) mediante uma transposição do condicionamento de ratos. Insiste em que o processo do surgimento do sujeito mediante o acesso à linguagem é incompatível com a perspectiva behaviorista. No que se identifica com as idéias de Chomsky. Insiste também em posicionar a linguagem ao nível das atividades simbólicas à semelhança e influência de Cassirer.

Lacan aproxima-se muito de Chomsky quando insiste na especificidade da linguagem como forma definidora do homem e como êle, procura uma formalização de uma lógica-matemática de estruturas profundas que fundamentam a linguagem.

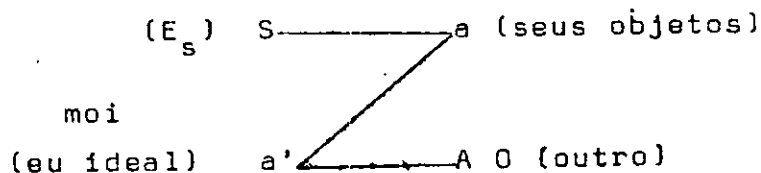
Lacan concebe o inconsciente estruturado como uma linguagem. A psicanálise lacaniana conduz a uma concepção formal do inconsciente. O regresso a Freud preconizado por Lacan deve ser portanto, um retorno à função da palavra e do significante no sujeito". A análise do inconsciente, em Freud, é uma análise lingüística. Todas as formas desviacionistas, da psicanálise, segundo Lacan, têm em comum o abandono da dimensão da palavra, que é a dimensão fundamental da cura.

O inconsciente é estruturado como uma linguagem, e o seu funcionamento se esclarece à partir dos esquemas lingüísticos. Pode-se perguntar porque o primado de estrutura formal da linguagem na releitura que Lacan faz de Freud. Althusser, que seguimos neste momento, ressalta que por detrás do ingresso na Linguagem, encontra-se um problema mais geral: a "hominização do pequeno animal humano em homem ou mulher (constituição do sujeito)"(3, 29). O primado da palavra não se dá apenas de fato, mas de direito, uma vez que reflete a própria estruturação do objeto da psicanálise. As palavras não só servem de instrumento para a cura analítica, como são elas que providenciam a estruturação do humano, conferindo, assim, legitimidade contológica à terapia através da palavra. E o momento do salto do animal humano ocorre no complexo de Édipo.

"Aqui está - diz Althusser - a parte mais original da obra de Lacan: êle demonstrou que esta passagem da existência biológica à existência humana (criança humana) se opera sob a Lei da Ordem, que chamaria de Lei da Cultura, e que esta Lei da Ordem se confunde em sua essência formal com a ordem da Linguagem" (3, 30). Não há continuidade de essência entre a existência biológica do homem e sua existência histórica.

Fácil é reconhecer que através da palavra do pa<sup>ci</sup>ente o analista descobre no inconsciente uma estrutura de linguagem. Já fica claro, com Freud, que se trata de "decifrar sintomas, sonhos, atos falhos. Ou seja, numa linguagem cara a Lacan, fica claro que o inconsciente fala, quer dizer: "Isso fala" (O inconsciente). Encontramos aí dois níveis: 1º) a palavra do sujeito e 2º) o sujeito da pala<sup>va</sup>. No primeiro, a palavra é o relato do paciente e sujei<sup>to</sup> é o Eu (analisado) que está diante de nós. No segundo ní<sup>vel</sup>, é preciso determinar quem é o sujeito disso que é fala<sup>do</sup> - é quando se percebe que se trata de um "Outro". Assim, o sujeito da palavra é o " sujeito do enunciado", enquanto que o Eu é apenas o " sujeito da enun-ciação". É este o lugar do outro, o lugar do código. Assim atingimos a Ordem do Significante.

O esquema L, dito topológico, é o que explicita em Lacan esta referência a uma dupla inscrição fundadora da subjetividade. Este esquema demonstra as relações signifi<sup>cativas</sup> entre sujeito pretendido, sujeito atualizado na sua relação ao objeto do desejo, isto é, no seu fantasmático, e o Outro como lugar do significante:



O sujeito se orienta para os objetos ("autre"; "pé-  
tit a") numa relação imaginária e constroi um eu alienado,  
esquecendo que é o Outro (Autre) absoluto da ordem simbólica  
que o comanda e o constitui.

Portanto à pergunta - Quem fala? Devemos respon-  
der: Isso fala. Isso - o id. O Inconsciente, o Outro, o lu-  
gar da ordem significante, é necessário, se pretendo decodi-  
ficar o discurso que me é revelado na "cura do falante", que  
se determine a natureza deste código, suas estruturas. Desta  
forma, a experiência analítica é um processo que se desenro-  
la na dimensão da linguagem. É através desta ordem signifi-  
cante que chegamos ao simbólico, o lugar comum do Inconscien-  
te, da Linguagem e de sua estrutura. Na medida em que Lacan  
se encaminha ao Simbólico, visa a constituição de uma lógi-  
ca formal da linguagem inconsciente. Em termos lingüísticos,  
foi o que Saussure resumiu sob a forma de famoso algoritmo:

$$\text{e(nunciado)} \cdot \frac{\text{S(ignificante)}}{\text{s(ignificado)}}$$

Quando Freud estabeleceu o ponto de partida da  
psicanálise - os sintomas fazem sentido - coloca em evidên-  
cia uma distinção desta natureza. Há uma separação radical,  
que na fórmula é evidenciada pela barra, entre significado e  
significante, entre o que Freud chamou de conteúdo manifesto  
e conteúdo latente. Daí o discurso ser necessariamente ambí-  
guo na medida em que possibilita dupla leitura: o manifesto  
e o latente. A passagem de um a outro destes níveis é preci-  
samente a hermenêutica ou interpretação.

Por um lado, o símbolo participa da linguagem pe-  
la ambiguidade semântica de sua constituição. Por outro, co-  
mo nota Maurice Corvez, o sintoma, considerado como sinal,  
se resolve numa análise da linguagem, por ser estruturado co-  
mo linguagem. O que, por extensão, permite que o inconscien-  
te possa ser considerado como linguagem. Ao chegar a lin-  
guagem o sujeito estará apto a fazer sua entrada na  
ordem do simbólico e não é dominada, mas, cone-

tituído por essa ordem. O sujeito está, por assim dizer, tecido pela trama da linguagem.

Percebe-se a influência saussuriana; recordemos aqui que para êle a língua é uma distribuição - um sistema - de significantes em todos os níveis, desde as menores oposições fonéticas até as "locuções compostas", que analisa a lingüística moderna (frase, discurso, retórica...) Quanto à noção de significado, se ajusta bastante bem à concepção saussuriana da fala, que para Saussure é uma variação pessoal da Língua. Segundo Lacan, o conjunto dos significados, assim como para Saussure a fala, atua sobre o código da Língua.

Lacan nos mostra a importância do estudo das ligações próprias dos significantes, e como estas intervêm na gênese do significado. Tal estudo nos remete ao inconsciente, pois este é habitado pelos significantes (63). O significante remete ao significado por causa da mediação do conjunto do sistema significante; todo significante remete à ausência de outros significantes que se define por sua posição no sistema.

A ordem simbólica da linguagem é uma ordem de signos interdependentes, unidos por leis precisas. O registro dos significantes, por oposição aos significados (conceitos) só se integra com este último pela mediação do conjunto dos primeiros.

Em sua perspectiva estrutural, considera o inconsciente como a estrutura escondida sob a aparência de uma disposição consciente e lúcida de si. E, ainda, estruturado como uma linguagem. O reprimido é da ordem do significante, e os significantes inconscientes são organizados numa cadeia, onde ocorrem diversas relações de associações (sobretudo metonímicas e metafóricas). Entre o consciente e o inconsciente forma-se no decorrer do tempo, uma cadeia completa de significante, segundo um modelo lingüístico, o que é revelado pelas formações do inconsciente, ou seja, sonhos, sintomas, atos falhos e chistes.

Como vimos, até agora, o pensamento de Lacan é nitidamente influenciado pela lingüística, mas de acordo com Anika Rifflet-Lamaire: "...ses emprunts à cette science sont traités avec un éclairage qui lui est propre et qu'impose d'ailleurs le sujet dont il s'occupe: l'inconscient humain" (63, 87)

A concepção lacaniana do inconsciente é bastante discutida num texto de J. Laplanche e S. Leclair (66), elaborado em 1959 para o VIº Colóquio de Bonneval, dirigido por Henri Ey. Aqui, deter-nos-emos apenas no que Lacan pensa sobre o inconsciente, sem entrarmos nessas discussões, pois fugiríamos muito ao assunto do nosso trabalho.

Para Lacan, como já referimos, a linguagem é condição do inconsciente, e este é o lugar do outro, é um outro discurso.

L'inconscient, à partir de Freud, est une chaîne de signifiante qui quelque part (sur une autre scène, écrit-il) se répète et insiste pour interférer dans les coupures que lui offre le discours effectif et la cogitation qui'il informe" (63, 799).

O inconsciente, para Lacan, não é pois coextensivo ao consciente, como uma outra significação correspondendo ponto por ponto. É uma letra, um outro sistema que interage com o discurso consciente, surgindo lacunas do texto manifesto. Estas lacunas são preenchidas pelas formações do inconsciente, ou seja, sonhos, lapsos, atos, falhas, chistes.

O que ocorre com o inconsciente que, segundo acabamos de nos informar, com a ajuda de Saussure, está estruturado como uma linguagem? Antes de propor uma de suas mais claras definições Lacan apela resolutamente para o descobrimento freudiano: "C'est bien cette assumption par le sujet de son histoire, en tant qu'elle est constitué par la parole adressée à l'autre, qui fait le fond de la nouvelle méthode à quoi Freud donne le nom de psychanalyse" - (63, 257).

Numa conferência pronunciada na Sorbonne, em 8 de maio de 1957, intitulada "L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud", Lacan se esforçou por mostrar o "sentido da letra no inconsciente, na medida em que a experiência analítica encontrada no inconsciente, é toda a estrutura da linguagem. A elucidação principal recai, pois, sobre a natureza do símbolo. Que se deve entender, antes de tudo, por letra?

"Nous designons pour lettre le support matériel qui le discours concret emprunte au langage".  
(63, 495)

Assim a concretização do inconsciente feita por Lacan remete imediatamente à obra de Freud, a "Interpretação dos Sonhos," onde os mecanismos do processo primário que regem o inconsciente são a Condensação e o Deslocamento. Isto permite o estabelecimento de uma "cadeia significante" (63). "Um sistema de diferenças cujos elementos portadores podem ser múltiplos: elementos sonoros da língua falada, letra da escrita, figuras de sonho. Estas últimas não têm, com efeito, para Lacan, nenhuma relação expressiva, natural, imediata, com relação aquilo que representam no inconsciente, muito menos como seja lá o que for da natureza biológica dos instintos. Passando-se ao estágio psíquico, os estados são "representados" por formulações radicalmente diversas dos 'humores corporais' (...) O processo de enunciação da língua e o pensamento inconsciente no psiquismo não possuem outra lei que não sejam eles próprios" (10, 989 - 990).

O inconsciente não é pois um simples precipitado do consciente. As leis que regem os processos primários são as do significante e sem elas os processos da consciência não poderiam existir. "Os significantes inconscientes, segundo Lacan, correspondem então à teoria do signo estruturalista" (10, 991). Esta a chave para a compreensão da "leitura" do discurso que é a livre-associação onde o Id fala.

Na medida em que a linguagem encontra sua determinação em significantes que agem independentemente da significação e em dependência de outros significantes, conclui-se que o indivíduo procede em função de algo que não é o Real, o objetivo, mas sim em função das ligações inconscientes existentes entre os significantes.

Assim, diz Deschamps, descobrimos uma peculiaridade da linguagem inconsciente: "Seus significantes não têm mais significados, estão disponíveis para significar, sem que o Eu o saiba, as situações que ele vive e investir as mais anódinas formas de afetividade dos quais estão en carregados, dos desejos e dos medos que captaram" (31,222-3)

Esta autonomia e disponibilidade do significante determina o fenômeno da repetição, quando o paciente perde-se num hábito, não podendo ser uma história. "O fundamento da repetição é a insistência do significante inconsciente, isto é, o fato de que a despeito (e por causa) do desconhecimento no qual o termo, permanece no centro de nossa vida e esta não faz senão realizar as possibilidades que a estrutura prescreve" (31, 223). Em Freud esta situação de repetição pode ser considerada como persistência de um hábito havendo a possibilidade de libertação na medida em que, ocorrendo concretização, o automatismo se dissolve e cede lugar à memória. Abaixo deste nível, Lacan descobre um determinante lingüístico: a persistência do significado. É nestas condições que se fala. Na sessão analítica se estabelece a confirmação daquilo que o analisando pretende ser: da Palavra Plena, aquela que revela a verdade do sujeito da Palavra, do Simbólico.

Nos textos **precedentes** em particular no "Seminário sobre a carta roubada", se vê que o homem está verdadeiramente constituído pelo símbolo. Esta afirmação é retomada da seguinte maneira:

"Le sujet aussi bien, s'il paraît se fier du langage, l'est plus encore d'un discours dans le mouvement universel duquel sa place est déjà

inscrite à sa naissance, ne serait ce que sous la forme de son nom propre" (63, 495)

Com efeito, a linguagem, no sentido mais corrente do termo, a língua falada, "com sua estrutura, preexistente, ao iniciar-se nela cada sujeito, a um movimento de sua evolução mental. (53, 582). A linguagem é constitutiva da cultura, Lacan distingue as sociedades humanas das sociedades animais, de modo que a condição humana se estrutura segundo a tríade: "a natureza, sociedade e cultura".

A primeira vista, como vimos, Lacan retoma a fórmula saussuriana, na qual cada significante recorta o significado correspondente,  $\frac{S}{s}$ , e isto numa relação arbitrária, convencional, com relação à realidade representada. Lacan se refere uma vez mais a Saussure para estabelecer "o deslizamento incessante do significado debaixo do significante". "Na cadeia dos significantes, o sentido insiste (...) mas nenhum dos significantes consiste na significação de que é capaz no momento mesmo". (63, 401)

Significante e significado seriam, pois, duas cadeias de relações que não se confundem. A primeira cadeia, a dos significantes é a estrutura sincrônica do material da linguagem, onde cada elemento é diferente do outro. A segunda cadeia, a de significados, é o conjunto diacrônico dos discursos. A cadeia significante comanda, por suas leis de estrutura, o advento da fala (parole). Em se tratando da fala (parole), a significação surge da estruturação dos termos, formando um conjunto com múltiplos jogos de retornos de significantes em significantes.

Para Lacan, portanto, significante e significado são duas ordens distintas, separadas por uma barra resistente à significação, dois fluxos paralelos onde os pontos de correspondência são mínimos. O que não implica a impossibilidade de se chegar à significação das frases. A maneira como se atinge esta significação, Lacan anuncia como "point de capiton".



"Ce point de capiton, trouvez en la fonction dia\_ chronique dans la phrase pour autant qu'elle ne boucle sa signification qu'avec dernier terme chaque terme étant antécipé dans la construc\_ tion des autres et inversement scellant leur sens par son effet rétroactif (63, 805).

#### 4.1. - As formações do inconsciente e os proces\_ sos da Metáfora e da Metonímia.

Uma aproximação imediata seria possível entre os trabalhos de Jakobson sobre a afasia e as leis de elabora\_ ção dos sonhos. A condensação, efeito de substituir-se um significante por outro em função da semelhança, é a Metáfo\_ ra; o deslocamento, quando a energia produtora do sonho desvia-se de um significante para outro que lhe esteja as sociado (causa/efeito; parte/todo; contigüidade etc.) vem a ser Metonímia.

Jacques Lacan se fixa mais sobre estes procedi\_ mentos de estilo que sobre as leis que presidem a organiza\_ ção sintática da frase num nível superficial. Isto lhe tem aberto rapidamente o acesso aos mecanismos do pensamento. As formações do inconsciente, sonhos, lapsos, chistes, sinto\_ mas, estão cheios destes procedimentos estilísticos.

A articulação do significante no inconsciente po\_ de-se dar pela combinação de um termo com outro termo, atra\_ vés do mecanismo do deslocamento, o que corresponderia a metonímia, na qual o significante se encontra incluído numa pluralidade de cadeias - Tecnicamente, a metonímia é a figu\_ ra que sublinha a conexão de um significante; ela estabele\_ ce uma ponte entre vários significantes, cujo parentesco é menos evidente do que na metáfora.

Para Lacan, as leis da linguagem metafórica e me\_ tonímica se reencontram sob a forma da condensação e do deslocamento, que já são modos de estruturação.

"As duas vertentes geradoras do significado que constituem a metonímia e a metáfora são efeitos determinados pelo duplo jogo de combinação e da substituição no significante. É este deslizeamento do significado sob o significante, sempre em ação (inconsciente) no discurso, que faz surgir o sintoma, o qual não é o simples índice de um processo psíquico, mas um efeito articulado na sua própria estrutura... Os mecanismos que compõem o regime do inconsciente recobrem exatamente as funções que a Linguística moderna deverá determinar nas formas as mais radicais dos efeitos da linguagem: a metáfora e a metonímia; em outras palavras, os efeitos de substituição e de combinação do significante nas dimensões, respectivamente, sincrônica e diacrônica, onde eles aparecem no discurso (29, 35).

Lacan nos ensina que no sintoma devemos procurar, de um lado, o significante inconsciente, e, de outro lado, a expressão do desejo que este significante revela. Isto se fará, especialmente, na análise do sonho, já que este é o representante do desejo.

O desejo recalçado aparecerá e transparecerá na metáfora ou na metonímia do simbolismo.

Ele terá o cuidado de contestar as perspectivas biológicas, mostrando a diferença entre desejo e necessidade. A necessidade situa-se no nível psíquico; acima e abaixo de um pedido, não pode jamais ser satisfeito nem gratificado plenamente.

O desejo é submetido à condição de se fazer passar pelas figuras do significante, isto é, pela imagem ou "fantasma"; este é o sustentáculo do desejo do homem, o qual entrará na categoria de significante, sendo assegurado na sua concatenação simbólica. A significação manifestada nas imagens do sonho não possui um valor em si mesmo, a não ser como um meio de nos introduzir no significante que nele se mascara.

Sem dúvida, Freud nos ensinou que o sonho tem a estrutura de uma frase e que o instrumento que temos para a sua versão são as técnicas de decifrar. Ele nos indicou ain

da uma regra: é preciso procurar sempre nos sonhos a expressão de um desejo, mas Lacan insiste em dizer que se o motivo dos sonhos é o desejo, este só encontra "seu sentido no desejo de outro, não tanto porque o outro detém as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é de ser reconhecido pelo outro" (63, 268).

Jakobson deu uma substancialidade nova ao estudo da metáfora e da metonímia, dentro da lingüística. Suas identificações deixam de ser descritivas, isoladas e gramaticais, para serem descobertas em nível subjacente, estrutural e relacional. A metáfora é então tomada em relação à metonímia, cujo conjunto é mostrado como um dos polos básicos de emprego do código verbal. Para tanto, foram decisivas as pesquisas de Jakobson fez acerca do problema da linguagem nas perturbações afásicas (cap. I). Tais estudos mostraram que a afasia afeta a capacidade de selecionar ou a de combinar vocábulos na frase. De conformidade com a área afetada, o paciente se mostra incapaz, respectivamente, de utilizar as relações de similaridade ou as de contigüidade. Por fim, no primeiro caso, resulta o desaparecimento da capacidade de uso da metáfora, e, no segundo, do uso da metonímia.

linguagem-----eixo da seleção-----desaparece-----supressão  
metáfora  
relacional  
de similitude

o que afeta na linguagem  
Tipos de afasia-----eixo da combinação-----desaparece-----contigüidade-----  
— supressão relacional de metonímia

Metáfora e Metonímia são, assim, as expressões mais condensadas dos processos desenvolvidos sob as relações de similaridade e de contigüidade. Ou, ainda, são os resultados explícitos de demarches inconsciente, ancorados nos dois eixos básicos presentes no código expressivo humano verbal.

Segundo Fages os mecanismos da formação de uma me  
táfora são estudados de um modo mais detalhado atualmente pe  
la lingüística moderna e pela retórica. A metáfora, "pura  
mente falando, não é uma substituição de sentido mas a modi  
ficação do conteúdo semântico de um termo". (35, 28)

A. Rifflet - Lémaire afirma que a lingüística mo  
derna "designa a metáfora com o nascimento de um sentido no  
vo em relação de substituição de significantes apresentando  
entre eles um elo de similaridade" (99, 101). Ela nos diz  
ainda que, agora, já se pode apreender de modo imediato o  
papel representado pela metáfora na autonomia do significan  
te em relação ao significado.

Lacan define assim a metáfora: "Il faut définir  
la metáphore par l'implantation dans une chaîne signifi  
cante d'un autre signifiant, par quoi celui qu'il supplante  
tombe au rang de signifié et comme signifiant latent y per  
pétue l'intervale où une autre chaîne signifiante peut y  
être entrée (63, 708).

Lacan assimila os mecanismos próprios das forma  
ções do inconsciente, isto é, a condensação e o deslocamen  
to, respectivamente, aos processos lingüísticos da metáfora  
e da metonímia: "Il s'agit de retrouver dans lois que ré  
gissent cette autre scène, les affects qui se découvrent au  
niveau de la chaîne d'éléments matériellement instable que  
constitue le langage - effect. déterminé par le double jeu  
de la combinaison et de la substitution dans le signifiant  
selon les deux vertant générateurs du signifié: la metapho  
re et la métonymie (63, pags. 688, 689).

Como se viu anteriormente autonomia do significan  
te sobre o significado é devido à metáfora e à metonímia, na  
medida em que a línguagem tende sempre a significar outra  
coisa diferente do que ela anuncia. A mediatização da lín  
guagem tem como consequência a alienação do significado.

O conceito de condensação em Freud (Verdichtung)  
pode ser resumidamente descrito como "um dos principais mo  
dos de funcionamento dos processos inconscientes: uma re

apresentação Única representando por si só várias cadeias associativas, na intersecção das quais se encontra. Desde o ponto de vista econômico, se encontra carregada de energias que, unidas a estas diferentes cadeias, se somam a ela" (66, 129).

Quanto ao conceito de Deslocamento (Verschiebung) é assim sintetizado no "Dicionário de Psicanálise" Laplanche e Pontalis: "consiste em que o acento, o interessa, a intensidade de uma representação pode desprender-se desta para passar a outras representações originalmente pouco intensas, ainda que ligadas à primeira por uma cadeia associativa" (66, 162).

No "Petit Larousse" a metáfora e a metonímia são assim definidos: Metáfora - "s.f. (grego methaphora, transporte) Figure par laquelle on transporte la signification propre d'un mot à une autre signification qui ne lui convient qu'en vertu d'une comparaison sans-entendue"

Segundo Fages (35) os mecanismos da formação de uma metáfora são estudados de um modo mais detalhado atualmente pela lingüística moderna e pela retórica. A metáfora "propriamente falando, não é uma substituição de sentido mas a modificação do conteúdo semântico de um termo" "Retórica Geral Larousse".

Anika Rifflet-Lemaire afirma que a lingüística moderna "designa a metáfora como o nascimento de um sentido novo em uma relação de substituição de significantes apresentando entre eles um elo de similaridade" (99, 319) Ela nos diz ainda que, agora, já se pode apreender de modo imediato o papel representado pela metáfora na autonomia do significante em relação ao significado.

Quanto à metonímia usamos a definição encontrada no Dicionário de Littré: "s.f. (grego metonymia, mudança de nome) la métonymie est définie comme une figure de rétorique par laquelle un mot est mis à la place d'une autre dont il fait entendre la signification"

Os estudos de lingüística moderna nos dizem em que metonímia está fundada na substituição de significantes que mantêm entre sí relações de continuidade, de conexão contextual. Como já vimos Jakobson, define a metonímia como uma substituição de significantes que têm entre si relações de continuidade.

Lacan fazendo uso destas duas figuras de estilo sintetiza da seguinte forma o seu pensamento:

"Il s'agit donc de définir le topique de cet in conscient. Je dis que c'est celle-là même que définit l'algorithme  $\frac{S}{s}$ .

Ce qu'il nous a permis de développer de l'incidence du signifiant sur le signifié de sa transformation en :  $f(S) \frac{I}{S}$

C'est de la coprésence non seulement des éléments de la chaîne signifiante horizontale, mais des ses alternances verticales, dans les signifiés que nous avons montré les effets, repartis selon deux structures, fondamentales dans la métonymie et dans la métaphore. Nous pouvons les symboliser par:  $f(S...S') S=S (-) s$  soit la structure métonymique, indiquant que c'est la connexion du signifiant au signifiant, qui permet l'éllision par quoi, le signifiant installe le manque de l'être dans la relation d'objet en se servant de la valeur de renvoi de la signification pour l'investir du désir vivant ce manque qu'il supporte. Le signe placé entre ( ) manifestant ici le maintien de la barre -, qui dans l'algorithme premier marque l'irréductibilité où se constitue dans le rapports du signifiant au signifié, la résistance de la signification. Le signe = désigne la congruence". (63,515).

Segundo Fages, Lacan na metonímia parece prender-se à acepção tradicional precisada por Jakobson, embora segundo ele, seja melhor dizer - sinédoque (35, 106).

Relativamente à explicação psicanalítica, vimos no texto de Lacan, que ele nos fala no significante que instala a falta de ser na relação de objeto, referindo-se ao de

sejo que preenche a falta, num remetimento constante de significante a significante. Trata-se da passagem da falta, ao desejo e à demanda. A necessidade instala a falta, que o desejo se esforçará por preencher na busca dos objetos que venham a substituir o objeto perdido (irrecuperável). "O desejo é uma metonímia" (Lacan) na medida em que a falta de ser (a necessidade) em sua relação com o objeto (que lhe falta) se inscreve no significante (parcial), metonímico. Daí a alineação do homem na linguagem através do desejo.

Lacan se distingue dos lingüístas na medida em que não acentua a relação de similaridade estabelecida entre os elementos substituídos um ao outro na metáfora.

Isto se explica pela diferença entre as relações inconscientes e as do processo secundário, não sendo as primeiras tão dependentes das relações de analogia como as segundas.

Fages nos fala que estão antecipadas em Lacan as análises atuais da metáfora, desde que a substituição não é total (se afetua em superfície) conservando alguma coisa de significante substituído. Apenas há uma diferença quanto à pertinência do lingüísta e do analista, onde o primeiro estabelece a dosagem entre elementos substituídos e elementos, mantidos. Lacan instaura uma estiagem entre os elementos da superfície e os que permanecem latentes (35, 55).

Comparando a metáfora com a condensação e a metonímia com o deslocamento A. Rifflet-Lemaire estabelece as seguintes equivalências:

- |                |                            |
|----------------|----------------------------|
| I. 1 metáfora  | II. 1 metonímia            |
| 2 substituição | 2 combinação               |
| 3 sincronia    | 3 diacronia (assimilações) |
| 4 condensação  | 4 deslocamento lacanianas) |

Anika Rifflet-Lemaire para justificar de modo mais claro as relações entre a metáfora e a metonímia respectivamente com a condensação e o deslocamento, nos remete a Freud em suas duas obras "Interpretação dos sonhos" e "a Introdução à Psicanálise".

, Sobre condensação na "Introdução à Psicanálise" se lê que "la condensation opère par voie d'omission de certains pensées latentes et donc par restitution lacunaire de ces pensée. Elle s'agit par choix selectif d'éléments latentes" (99, 340)

A aproximação efetuada por Lacan não pode se efetuar, pelo menos não o pode totalmente, se forem consideradas as definições lingüísticas de seleção e de metáfora.

"la sélection linguistique retient un signifiant parmi d'autres unis par des liens de similarité et susceptibles par là d'être substitués au premier (99, 341)

"la méthphore est une substitution d'un signifiant à un autre, le premier étant pris dans une chaîne de termes synchroniques et similaires par le sens ou le son. Or Freud spécifie que les pensée latentes qui surdés terminent tel détail du manifeste ne sont pas nécessairement reliées entre elles" (99, 345)

Conclui então A. Rifflat-Lemaire: "Il nous semble que la notion de méthaphore chez Lacan est plus vaste, plus lâche, parce qu'elle s'applique à l'humain et surtout à l'inconscient où la logique n'existe pas. J. Lacan reprend à la linguistique les notions de sélection et de substitution, la notion de l'enchainement synchronique de termes signifiants, mais il s'intéresse peu à la similarité..." (99, 353).

#### 4.2 - A constituição do sujeito e o acesso ao simbólico através da linguagem

No seu capítulo "L'homme dans la subjectivité dans le langage", Benvenista demonstra como é a própria constituição da linguagem que exige a condição de subjetividade dentro do próprio discurso: descobre-se assim um sistema parti



cular de signos que não sofre nenhuma transposição no simbolismo lógico: "Le langage est ... la possibilité de la subjectivité du fait qu'il consiste en instances discretas. Le langage propose en quelque sorte des formes "vides" que chaque-locuteur en exercice de discours s'approprié et qu'il rapport, à sa personne" definissant en même temps lui même comme je et un partenaire como tu" (8, 28

É pois "dans et par le langage que l'homme se constitue como sujet", isto é, "como l'unité psychique qui transcende la totalité des expériences vécues qu'elle assemble, et qui assure la permanence de la conscience" (8, 30).

É na linguagem, diz êle que se constitui pela via de contraste, a personalidade do outro ao qual eu dirijo-me efetivamente, sob a menção do tu. Pela linguagem enfim, é que se torna possível um modo de comunicação tipicamente humana.

Noam Chomsky utilizando palavras de Schlegel, diz que os animais e as crianças vivem num mundo de "estados" - (Zustände) e que só a linguagem faz possível instaurar a ordem do mundo e operar assim os atos de reflexão, de consciência sobre o mundo e sobre as impressões sensíveis. Prossegue dizendo que a linguagem serve antes de tudo de meio do pensamento, da consciência e da reflexão. Em consequência dota o espírito (mind) a mente de uma autonoma sobre o vivido, autorizando um distanciamento metodológico em relação com esta experiência vivida. (23)

A criança, diz Lacan assume de modo completo sua personalidade quando adquire o uso pleno pela apreensão da categoria gramatical do "Je".

O simbolismo sócio-cultural e da linguagem pré-existem e se impõem com suas estruturas à criança antes de sua entrada neles. Uma vez a criança tendo acesso à ordem simbólica ela é modelada por sua estrutura, isto é, pelo Édipo e pela Linguagem. Esta ordem é uma ordem de signos interdependentes, ligados por leis precisas.

É o símbolo que acaba por constituir o sujeito (Cassirer) afastando-o cada vez mais do vivido imediato, e o substituindo por uma rede de significantes cada vez maior na qual o sujeito se sente aprisionado.

A palavra é presença e ausência de coisa que ela designa. A linguagem e o real são duas ordens separadas mas referenciais que se ordenam pelo ato de designação.

Esta substituição de um signo e uma realidade é que propiciará ao sujeito o distanciamento necessário do vivido para reconhecer-se como distinto do que o cerca.

Freud evidencia a existência de uma compulsão à repetição através do jogo de uma criança que se diverte fazendo desaparecer um objeto gritando "Fort", para depois fazê-lo reaparecer com o grito "Da". Este jogo tem a significação de uma renúncia. Ele permite a uma criança de 18 meses suportar sem protesto a vivência penosa dos desaparecimentos e reapariações da sua mãe.

Segundo A. de Waelhens (citado em Jacques Lacan, A. Rifflet-Lemaires, pg. 110), esta brincadeira ilustra o nascimento da linguagem em sua autonomia em relação à realidade, permitindo compreender melhor como a linguagem nos fez tomar distância do real vivido. Ela descreve a abertura da criança à função metaforisante da linguagem.

Lacan retoma este ensaio de Freud insistindo em sua importância.

"Nous pouvons maintenant saisir que le sujet n'y maîtrise pas seulement sa privation en l'assumant, mais qu'il élève son désir à une puissance seconde. Car son action détruit l'objet qu'elle fait apparaître et disparaître dans la provocation anticipante de son absence et de sa présence. Elle négative a elle même dans la couple symbolique de deux jaculations élémentaires, annonce dans le sujet l'intégration diachronique de la dichoto

mie des phonèmes, dont le langage existant offre la structure synchronique à son assimilation: aussi bien l'enfant commence-t-il à s'engager dans le système du discours concret de l'ambiance, en reproduisant plus ou moins aproximativement dans son Fort; et dans son Da! les vocables qu'il en recort" (63, 319)

Segundo Lacan o aparecimento da linguagem é si multâneo à repressão originária constitutiva do inconsciente.

A linguagem possibilita ao homem a aquisição de sua própria identidade. O aparecimento da consciência na criança coincide com a aquisição da linguagem.

A linguagem dispõe de categorias gramaticais que estão à disposição da singularidade do sujeito como o "Eu", a qual não pode ser concebida sem o Tu, do ouvinte ao qual se opõe, e sem o Ele representado a não-pessoa. É a dialéctica eu-tu que funda a subjetividade e permite a comunicação inter-humana.

A tomada de consciência de si como entidade distinta tem portanto, como condição a linguagem. Ela é o intermediário entre o homem e o mundo, entre o homem e outro homem, entre si e a manifestação de si. É este intermediário que veicula o social, a cultura, as interdições e as leis que geram o comportamento humano. A criança que entra no simbólico se vê moldada e submetida às suas imposições.

Há uma homologia profunda entre o social e a linguagem conforme afirma Lévi-Strauss. O Édipo sendo a estrutura subjacente da organização das sociedades subtende interditos e as leis que estão presentes na linguagem, na organização das regras da sociedade. A criança deverá passar pelo Édipo para se tornar ser social.

"O caráter homólogo entre o simbolismo social e o simbolismo lingüístico está no fato de cada um deles ser uma estrutura de elementos oposicionais e suscetíveis de se

rem combinados; e finalmente, de que cada um deles necessita a passagem de uma relação imediata dual a uma relação mediata, pela intervenção de um terceiro termo que para a linguagem é o conceito e para a Sociedade: o Ancestral, a Causa Sagrada, o Deus" ( 99, 67).

Segundo Edmond Ortigues "Le discours et le symbol" citado por A. Rifflet Lemaire, p. 115), um pensamento simbólico é um pensamento conceitual sem intuição empírica. Um símbolo é um operador de estrutura, um meio de efetuar oposições distintivas, combinações necessárias à existência de uma estrutura significante. Ele corresponde na linguagem à operação que transforma o dado natural. O simbolismo é uma ordem de valores opostos a toda realidade - a ordem dos significantes.

Se a entrada no simbólico é a condição de individualização e de socialização do sujeito na medida em que a linguagem opera distinções essenciais para a recuperação do sujeito para si mesmo, o psicótico é aquele que é impedido de realizar isto. A psicose significa um fracasso do Édipo e, portanto, a incapacidade de empregar corretamente a linguagem.

A referência de si, à subjetividade, só se realiza através da linguagem, é ela que opera a distinção entre esta individualidade psíquica e sua manifestação no discurso. Como ela é imediata, é suscetível de todas as alienações e mentiras desejadas ou não.

Um desejo expresso numa palavra é sempre um pouco diferente do que nós trazemos expresso na linguagem secreta do inconsciente. Parece ser este o princípio que fundamenta a interpretação lacaniana das neuroses.. A alienação do neurótico na linguagem mostra que a sua resolução do Édipo foi imperfeita.

A normalidade resulta, portanto, em um pleno acesso do sujeito à ordem simbólica. O doente é aquele que se fixa no imaginário após fracassar na percepção correta e nítida das relações simbólicas. O neurótico e o psicótico

sê mantêm na ordem das relações duais imediatas de si a si, de si ao outro, em que este é visto, como semelhante.

O psicótico sbusa do emprego do pronome "Ele" pa ra designar o si, e sendo incapaz de apreender-se a si mes mo como objetividade, se percebe como um outro, como uma coi sa do mundo sobre a qual profere enunciados na terceira pes soa.

As três principais ordens simbólicas que se co nhece são (Cassirer):

- o simbolismo lógico - matemático
- a linguagem
- o simbolismo social cultural

A ordem simbólica é uma ordem terceira, isto é, que se organiza entre o sujeito e o mundo real. É autônoma em relação ao real, podendo ser usada sem referência direta ao empírico. Entretanto é ela que organiza o real no espí rito através de conceitos, afastando-o de uma confusão pri mordial. É a inserção do sujeito na ordem simbólica da lin guagem ou sócio-cultural que o constitui em sua singularida de, daí o que Lacan chama a "divisão do sujeito, o sujeito se prestando desde então a uma rápida distorção de verdade. Ele cria uma estrutura oculta no sujeito - a elaboração do inconsciente.

O nascimento de individualização do sujeito como subjetividade ocorre quando na convenção dos pais ele rece be um nome, passando de "Ele", que equivale ao zero, a um (1) pela palavra do pai (J. A. Miller). O um (1) é gerado a partir do zero pelo nome. É o "ele", o vazio, portanto que permite a existência da estrutura e a condição das per mutações do "Eu" e do "Tu". A constituição do "Ele", permi te a disjunção do "Eu", sujeito do enunciado e do (eu), su jeito de enunciação. Uma vez nomeado, o sujeito entra no circuito de troca como  $\frac{Ele^1}{Ele_2} = \left(\frac{S}{s}\right)$

O (Eu) pode se ausentar do "Eu" ou se disfarçar em "Tu", em "Ele" ou pode ainda figurar em "Se". Daí os en

ganos, e mentiras do discurso que geram a impossibilidade da coincidência do (Eu) com o "Eu".

O enunciado é um enigma, um jogo de palavras onde o sujeito se esconde. Ele jamais poderá ser preenchido como enunciado.

É desse modo que se dá "la refent du sujet", isto é, a alienação do sujeito em seu discurso, como consequência da primeira divisão que ele sofre por sua entrada no simbólico. O sujeito se congela em seus enunciados e o conjunto deles acaba por concretizar-se em um eu (moi) que é a objetivação do sujeito.

O eu (moi) é o lugar das identificações imaginárias do sujeito, segundo Leclaire. Ele concentra todas as idéias da pessoa, o que ela quer ser ou o que pensa ser. É uma espécie de molde inadequado sobre o Si.

O sujeito vai-se fazendo aos poucos ao sabor de sua fantasia e de seus sonhos, dissimulando-se a ele mesmo e aos outros. A separação entre o homem são e o doente vai depender da variação de grau desta dissimulação.

"Le moi est absolument impossible à distinguer des captations imaginaires qui les constituent"

O drama do sujeito no discurso, nos diz Lacan é que ele experimenta sua falta do ser, sendo ele apenas representada, assim como, igualmente o é seu desejo. Como consequência busca a verdade sobre si nas imagens de alguém ao qual vai se identificar.

O simbolismo na formação do inconsciente é reportado ao nível do imaginário porque ele é decodificado. A cura é a passagem do imaginário não simbolizado ao imaginário simbolizado, isto é, o acesso à verdade do código pessoal do doente. O imaginário simbolizado se opõe ao imaginário ali enante. Este significa a perda do distanciamento do sujeito em relação ao significante enquanto ele não é senão, representante. O sujeito levado contra a sua vontade ao foco mesmo do significante, termina por perder a referência do

mesmo em relação ao significado primeiro que foi recalcado (o Faló).

A "Verneinung" freudiana (denegação ou negação) é a forma essencial da função inconsciente do eu (moi), da alienação do sujeito, ela é um modo de apresentar o que é, sob a forma de não ser.

A característica essencial desta forma de resistência ao retorno do reprimido é iluminada em particular nesta passagem de um artigo do lingüista E. Benveniste:

"La négation linguistique ne peut annuler que ce qui est énoncé posé explicitement. Un jugement de non-existence a toujours un statut formel de jugement d'existence. La négation est toujours d'abord admission. La négation est toujours en l'anneau de signifiant qu'elle annule" (8,60).

No fenômeno da "Verneinung" fica evidenciada a possibilidade para o eu (moi) de deter o inconsciente recusando-o. Ele ao mesmo tempo que suprime o recalco, porque o significante recalcado está sempre presente na negação, também o mantém. Finalmente podemos dizer que esta forma de resistência manifesta pertence à função de não reconhecimento do eu onde penetra o imaginário. Podemos concluir que o duplo fenômeno da divisão do sujeito gera o inconsciente. A primeira divisão decorre do fato de que o sujeito fala e a segunda de que ele não é mais do que um significante.

A entrada da criança no simbólico pela resolução do Édipo a libera da relação dual imediata fazendo com que ela assuma sua **subjetividade** através do significante originário de si. A partir deste momento ela começa a participar do mundo, da linguagem, da cultura e da civilização. "La loi primordiale est donc bien celle qui, réglant l'Alliance, superpose le règne de la Culture au règne de la Nature, vouée à la loi de l'accouplement. Cette loi se

fait reconnaître identique a un ordre de langage car nul pouvoir, hors les nomination de la parenté, n'est à même d'instituer l'ordre des préférences et des tabous" (63, 278).

Na psicose o sujeito é incapaz de distinguir o significante do significado devido à ausência de um substituto originário de si (soi) na medida em que houve uma imperfeição na resolução do Édipo.

Essa teoria permite compreender a autonomia do inconsciente e a sua separação do consciente. O inconsciente não é o mal significado do consciente (Sartre), ele é antes um sistema de significantes de reserva, de significantes redobrados sobre si próprios, sempre prontos a designar, dentro do desconhecimento, o significado que vive o consciente e que o designa paralelamente por expressões metafóricas.

É assim que na prática o analista não considerará o eu de seu paciente como uma realidade em si que teria necessidade de ser reforçada e adaptada a outra realidade social. Ele o considerará como o resultado de uma construção (imaginária) a partir de uma das possibilidades da corrente significante. Do mesmo modo, o etnólogo (Levi-Strauss), constatando em certas tribus uma constante entre o tio materno e o sobrinho, não a considera apenas como um fato sociológico tendo seu sentido, mas como o sistema de uma estrutura de parentesco (67, 46, e segs.) Como o fantasma, como o sonho, o eu, produto imaginário, é a realização de certas possibilidades da corrente significante inconsciente, o eu é um sintoma.

Assim o estruturalismo responde por uma teoria coerente à questão do estatuto do inconsciente.

Aqueles que concebem a linguagem como uma emissão de palavras causadas pelas reações cerebrais, não podem compreender ou explicar o sujeito que fala, para eles seria a linguagem quem se faz em mim. Não haveria um pensamento interior, a linguagem seria um sistema convencio-



nal e coerente de sinais que podem ser traduzidos aos outros.

A linguagem pela qual o sujeito (homem) comunica está no nível da significação: "Há uma linguagem - dizia Hegel ("Phénoménologie de l'esprit")- para que o homem se dê uma figura exterior, aberta a si mesma por meio da qual ela conjure de cada vez sua solidão renascente".

Esta lei inicial da linguagem, é o conflito da solidão e da comunicação.

Nestas últimas reflexões, tratamos sobretudo da "linguagem-sujeito" na qual, o etnólogo e o psicanalista e também o psicólogo devem reconhecer a presença ativa do homem.

A linguagem reflete assim o campo contraditório da subjetividade humana. Lacan critica a psicologia associacionista, por orientar-se para uma visão fragmentária do sujeito, vício de uma psicologia tradicionalista e explicativa da atividade psíquica em "faculdade":

"C'est ainsi que la théorie de l'abstraction, nécessaire à rendre compte de la connaissance, s'est, fixée sur la théorie abstraite des facultés du sujet, que les pétitions sensualistes les plus radicales n'ont pu rendre plus rationnelles à l'endroit des effets subjectifs. Les tentatives toujours renouvelées d'en corriger les résultats par les contrepois variés tant qu'on omet de mentionner si ce est bien le même qui en est affecté". (63, 531)

"Na Lingüística, tanto quanto na Psicanálise, diz Horus Vital Brasil, o significado ficaria aquém da significação. Na constituição de uma teoria psicanalítica do sujeito do discurso, seria uma válida simplificação didática dizer que ao significado se associa "um sujeito suposto do saber" (sujet supposé savoir) na redução ao nível consciente do discurso, enquanto o significante seria referido ao

"sujeito do desconhecimento" (sujet de la méconnaissance), e o fato da significação, superdeterminado como estaria na teoria psicanalítica, refere-se ao sujeito da dúvida que tem, na linguagem do desejo a possibilidade de transgressão da barra no contato possível com formações inconsciente". "Conscientia", V.I. n.1 pg.23)

Poderíamos terminar com uma citação de Althusser (3,27), que esclarece sinteticamente o pensamento de Lacan: ... "Lacan, não negaria que sem o aparecimento de uma nova ciência, a Lingüística, sua tentativa de teorização seria impossível... A opacidade provisória produzida sobre a teoria Freudiana pela superposição do modelo da Física Energética de Helmholtz e Maxwell, encontra-se hoje esclarecida pela luminosidade que a Lingüística Estrutural lança sobre o seu objeto, permitindo um acesso inteligível ao mesmo. Freud já havia dito que tudo é linguagem. Lacan precisa: O discurso do inconsciente está estruturado como uma linguagem. Em sua primeira grande obra A "Interpretação dos Sonhos,... Freud estudou os "mecanismos" ou "leis", reduzindo suas variantes a duas: o deslocamento e a condensação - Lacan reconhece nelas duas figuras essenciais designadas pela Lingüística: a metonímia e a metáfora. Assim o lapso, o ato falho, o chiste e o sintoma (a inibição, o sintoma e a angústia) se convertem, como os elementos mesmos do sonho (efeitos de significantes), inscritos na cadeia de um discurso inconsciente, que repetem, em silêncio - isto é, em voz en surdecedora - dado o desconhecimento da repressão, a cadeia do discurso verbal do sujeito humano. Deste modo (ele) nos introduz ao paradoxo, formalmente familiar à Lingüística, de um discurso duplo e uno, inconsciente e verbal, que por duplo campo não tem mais (para a Psicanálise na sua razão determinativa) que um campo único sem nenhum outro além de le mesmo: o campo da "cadeia significante"... Deste modo, finalmente, as interpretações filosófico-idealistas do inconsciente como supervivência cancerosa de uma estrutura inatual (anacrônica) ou sem sentido (Merleau-Ponty), todas as interpretações do inconsciente como "Id" biológico-arquetípico (Jung) convertem-se no que sempre foram: não um come

ção de teoria, mas em teorias nulas, em mal entendidos ideológicos".

## CONCLUSÕES

O nosso ponto de partida, de um retorno às considerações clássicas em torno do estudo da linguagem, revela uma tomada de posição na qual o fenômeno em questão é apresentado com a aceitação e compreensão de toda sua complexidade, sobre ser empolgante e desafiante para o homem, porquanto o abarca totalmente, também na sua complexidade de ser biológico e histórico, pensante e ético, porque consicente de sua própria realidade e da realidade das coisas que o cercam.

Ao final do nosso modesto trabalho, nos damos conta de uma coerência interna nas grandes linhas dos pensadores que nos serviram de guia em nossos estudos, desde Herder e Humboldt, até Saussure, Chomsky e Lacan.

Apontam eles, em grande estilo, as linhas arquitetônicas da Psicologia, abrindo clareiras nos caminhos da ciência e ajudando-nos a descortinar amplas e ricas perspectivas.

Embora se diferenciem em seus critérios de realidade e em seus métodos de pesquisa, têm pontos comuns de contacto em torno de questões fundamentais, como as que são aqui examinadas:

- a especificidade da linguagem humana;
- o aspecto criador da linguagem;
- o ser humano distinto das demais criaturas por sua linguagem simbólica articulada;
- o próprio sujeito humano constituído pela função simbólica, e que fala porque o símbolo o fez homem.

Tudo isto levando a uma valorização do sujeito que fala, problema difícil de ser reduzido a comportamentos verbais explicados em termos mecanicistas.

Como vimos, na tentativa de tornar-se verdadeiramente uma ciência, a psicologia procurou afastar-se de sua

tradição mentalista, recusando por exemplo, analisar o problema da significação do "mental" no desenvolvimento dos mecanismos explicativos da linguagem. A observação do comportamento forneceu, então um cabedal de noções e dados experimentais que possibilitou um sistema de identidade e de diferença, de valor essencial para o conhecimento das relações fundamentais asseguradoras da cientificidade da observação. Quanto à significação, tudo indica que não é observável. Formalmente, nada da significação pode ser dado à observação exterior ou objetiva, porquanto se coloca, única e exclusivamente, no nível do inteligível. A recusa dos não observáveis em Psicologia limitou seu estudo aos fatos acessíveis à observação do comportamento exterior, o que a levou a distanciar-se da riqueza e complexidade do próprio objeto do seu estudo - o sujeito humano.

Limitar a psicologia ao comportamento (animal ou humano) como domínio de sua investigação, é o mesmo que "fiscalizar" ao máximo, o objeto dessa disciplina. Mas esta "fiscalização" também pode significar, no caso da psicologia, a decisão epistemológica de limitar o observável ao âmbito da ciência do exterior, sob o controle de observadores distintos, excluída a participação de quem pratica o ato a ser observado. Segundo a regra behaviorista, podemos estudar o comportamento do outro ou o nosso. O estado de consciência, enquanto tal, permanece um domínio "privado": somente aquele que o vive pode observá-lo; ele só é acessível à pessoa singular, cuja observação permanece "subjetiva". O comportamento, pelo contrário, pertence ao domínio "público": qualquer um pode, em princípio observá-lo. E é por isso que ele se torna objeto de ciência. Não é observado por um sujeito "egocêntrico" ou "psicológico", mas por um sujeito "epistêmico". A observação direta do comportamento é algo comum a vários observadores. Desta forma podemos chegar diretamente a esta "intersubjetividade" ou a este "controle intersubjetivo" que é a condição natural fundamental e sine qua non de toda objetividade científica da psicologia. Assim ao deduzir o objeto da psicologia ao comportamento externo, o behaviorismo não

tem em mira outra coisa senão alcançar esta forma indiscutível da objetividade científica que já demonstrou sua validade e eficácia no domínio das ciências físicas, biológicas e químicas.

Por conseguinte, enquanto disciplina científica, a psicologia encontra-se num impasse, vacilando entre teorias conflitantes e mesmo antagônicas, que vão desde a neuroquímica até ao existencialismo fenomenológico. Revela isto que ela docilmente tenha se deixado influenciar mais evidentemente, pelo empirismo -mecanicista- reducionista. Segundo Bertalanffy, foi essa filosofia positivista, que proporcionou a "imagem do homem autômata" que atualmente possuímos. Situa-se aqui, segundo ele, o papel fundamental desse tipo de psicologia que ele critica: condicionar o homem.

Em termos "intra-específicos" (dentro da mesma espécie), a tendência do "ambientalismo", é reduzir-se a um igualitarismo; em termos "interespecíficos" (entre espécies distintas), sua tendência natural é confundir-se com um zoomorfismo do comportamento humano. Nesta perspectiva realmente se o comportamento humano é necessariamente "determinado" pelos condicionamentos exteriores, não vemos como os seres humanos possam distinguir-se uns dos outros, nem muito menos qual a diferença essencial entre o homem e o animal.

Num artigo recente, e com um título muito significativo ("Psychology cannot be a coherent science"). Sigmund Koch fala-nos da psicologia como sendo constituída por uma sucessão de doutrinas cujo estudo deve obedecer aos princípios e métodos das ciências naturais, assegurando cada uma delas a cientificidade da psicologia.

Não pretendemos criticar aqui o behaviorismo or todoço, simplesmente questionamos a afirmação de que seja ele, só por si a garantia da cientificidade da psicologia.

O behaviorismo pensa no comportamento como uma resposta do sujeito observado ao estímulo que age sobre ele. Neste sentido o fato psicológico pode ser reduzido a este

tipo de relação funcional entre o estímulo agindo sobre o sujeito, cujo comportamento é observado, e a resposta da da por este sujeito.

O que tentamos mostrar aqui é que no caso do estudo da linguagem, este esquema não é suficiente para explicar o nível das funções simbólicas no qual a linguagem se insere. Este limite se patenteia na copiosa produção de estudos da lingüística contemporânea (Chomsky), inspirando-se na tradição da filosofia da linguagem da gramática filosófica.

Bertalanffy (11), à semelhança de Chomsky, reclama contra uma psicologia que se impõe, não como "ciência do homem", mas enquanto "filosofia" comportamentista. O que ela procura fazer, na verdade, diz ele, "é tirar conclusões acerca do comportamento humano, a partir dos comportamentos de cobaias submetidas a experiências de laboratório".

Parece que a questão fundamental para a psicologia é a de saber se poderá ser, ao mesmo tempo, humana e científica. Aliás, ao elaborar sua epistemologia da psicologia, Pierre Greco também reconhece que o drama da psicologia atual consiste numa ambigüidade: ao pretender tornar-se ciência, ela praticamente deixa de ser uma disciplina humana; e ao fazer-se humana, ela deixa de ser científica ("Logique et connaissance scientifique").

Este apelo a um retorno ao humano, ao sujeito, - é o que se torna claro quando nos voltamos para o estudo do problema da linguagem. E. C. Tolman que pode, em termos, ser considerado um psicólogo humanista e cognitivo, disse num discurso que realizou na "American Psychological Association": "Creio que tudo quanto seja importante em psicologia, pode ser estudado e investigado por meio de continuada análise experimental dos determinantes do comportamento de um rato na encruzilhada de um labirinto, exceto as questões relativas à sociedade e à linguagem." O que já é um questionamento em pleno florescer do behaviorismo.

Lacan, na psicanálise, percebeu a importância do problema da linguagem, a ponto de encontrar no modelo linguístico a forma de acesso ao inconsciente humano, chegando a constatar que este é estruturado como uma linguagem. O que abre para as ciências humanas uma perspectiva inusitada. Lacan demonstra que este inconsciente não só é estruturado, como também ele próprio é estruturante, atuando como um operador lógico que abrange, não apenas os observáveis realizados, mas também os possíveis de serem realizados (63).

Chomsky percebeu as regras das estruturas profundas que fundamentam a linguagem; Lacan dá mais um passo e diz que este sujeito que fala possui um inconsciente estruturado como uma linguagem e que é ele próprio estruturante enquanto isso remete ao sistema simbólico e à lógica do significante..

Em seus Escritos, Lacan insiste em dizer que não há ciência do "homem", mas do sujeito, enquanto constrói o mundo através da ordem simbólica, e através dela se constitui. O sujeito é o "animal symbolicum", referido por Cassirer, que não se reduz ao comportamento biológico ou fisiológico.

A linguagem como forma simbólica foi o caminho que utilizamos na tentativa de nos aproximarmos deste sujeito que supomos ser o objeto específico da ciência a que nos dedicamos - a psicologia.

Já em 1939, Hendrik Pos, discípulo holandês de Husserl, no seu belo estudo sobre a ciência da linguagem, indicou o papel decisivo do sujeito que fala". É evidente que o observador behaviorista tenta cortar todos os elos que podem unir o sujeito falante ao sujeito científico. A consciência nem sequer é admitida para explicar o seu próprio saber relativo à significação: a observação exterior fixará de forma irreduzível os comportamentos. Em linguista o sujeito linguístico e o científico não podem ser separados. O linguista é linguista graças ao fato de ser um sujeito falante e não apesar deste fato (citado por R. Jakobson, em



"Relações entre a Ciência da Linguagem e as outras ciências"  
(pag. 18).

Assim, no dizer de Bertalanffy, o que queremos da psicologia não é a notícia de novos mecanismos hipotéticos que expliquem melhor as peculiaridades do comportamento do rato no laboratório; "o que se faz mister é um novo conceito do homem" (11,53).

Acreditamos que toda psicologia que não leve em conta o homem como subjetividade, só pode ignorar o homem. Não vemos como a ciência psicológica possa constituir-se excluindo de seu campo de investigação a subjetividade do homem, a não ser que "aprioristicamente", se considere desarmada para enfrentar o problema da realidade humana. G. Canguilhem critica a pretensão que há em se limitar à psicologia ao nível das funções orgânicas e das coisas como se o homem fosse um mero instrumento ou um feixe de relações puramente mecânicas com o meio biológico e com seus semelhantes (29,53)

Nossa preocupação aqui é justamente mostrar como o estudo da linguagem nos levou a verificar a especificidade do sujeito humano e sua dimensão qualitativamente diferente.

A linguagem como ponto de indagação e questionamento, nos possibilitou a descoberta do modelo lingüístico, visto hoje como o mais adequado para as ciências humanas, a brindo uma nova perspectiva através do método estrutural, cuja aplicação como vimos em Lacan, na releitura que faz de Freud, nos habilita a distinguir a ordem do imaginário da ordem do simbólico e da cultura.

Assim é que o estudo da linguagem, como fenômeno intrinsecamente humano, nos levou à descoberta das contribuições da lingüística para a psicologia, e a refletir sobre a especificidade de seu objeto de estudo - o fenômeno psíquico, que é a marca do sujeito homem.

Assim, que nos seja permitido finalizar com as palavras de Benveniste:

"Le langage représente la forme la plus haute d'une faculté que est inhérente à la condition humaine,

la faculté de symboliser. Entendans par-là-très  
largement la faculté de représenter le réel par un  
signe et de comprendre le "signo" comme repré-  
sentant le réel, donc d'établir un rapport de  
signification entre quelque chose et quelque cho-  
se d'autre" (8,57)

## BIBLIOGRAFIA

- 1 - ALAJOUNINE, T. OMBREDANE, A. DURAND, M. - Le syndrome de désintégration phonétique dans l'aphasie. Paris, La son, 1939.
- 2 - AJURIAGUERRA, H.F. Brésson, Fraïsse, P. Inhelder, B. Oléron, P. & Piaget e (eds) Problèmes de psycholinguistique, Paris, PUF, 1963.
- 3 - ALTHUSSER, L. - "Freud e Lacan" in: Estruturalismo. Lisboa, Portugalia, 1968.
- 4 - BACHELARD, G. - Le nouvel Esprit Scientifique. Paris, PUF, 1963.
- 5 - BARTHES, R. - Elementos de Semiólogia. S.Paulo, Cultrix, 1971.
- 6 - BARTHES, R. - Le degré zero de l'écriture. Paris, Gonthier, 1953.
- 7 - BELLUGI, U. & BROWN, R. W. (eds) "The acquisition of language. Mong. Soc. Res. Child Development. 29 (1964). I Serial nom, 92)
- 8 - BENVENISTE, E. - Problèmes de Linguistique Générale. Paris, Gallimard, 1966.
- 9 - BENVENISTE, E. - "Communication Animal et Pensée Humaine. Diogène, nov. 1962.
- 10 - BERTHERAT, Y. "Freud avec Lacan" In: Esprit, 12, dez., 1967.
- 11 - BERTALANFFY, L. Von - Robots, Hombres y Mentes. La psicología en el mundo moderno. Madrid, Gaudarrama, 1971
- 12 - BEVER, T. et alli - "A formal Limitations of Associationism" In: Dixon, T.R. & Horton D.L. (org.) Verbal Behavior and General Behavior Tehory. Englewood Cliffs Prentice-Hall, 1968. pag. 582-585
- 13 - BRESSON, F. Le langage In: Fraïsse-Piaget, Traité de Ps. Exp., t. VII. Paris, PUF, 1965, pg. 1-92.
- 14 - BLOOMFIELD, L. - Language. Yale, U.P., 1933.
- 15 - BROWN, R. W. & BELLUGI, U. "Three processes in the child's acquisition of syntax In: Lenneberg, E. H. - (ed), New Direction in the study of Language. Cambridge, 1969.
- 16 - BROWN, R. & LENNEBERG, E. - "A study in Language and Cognition" J. Abnorm Soc. Psychol, 1954, 49, pgs. 454-62.

- 17 - CANGUILHEM, G. - "Qu'est ce que la Psychologie? "Études d'histoire et de Philosophie des sciences. Paris, Vrin, 1968.
- 18 - CARROL, J.B. - The study of Language. Cambridge, Mass., 1955.
- 19 - CASSIRER, E. - "Le langage et la construction du monde des objects", In: Essais sur le langage. Paris, Minuit, 1969. 37-68.
- 20 - CASSIRER, E. - La Philosophie des Formes Symboliques, Paris, Minuit, 1972, Vol. I Le Langage.
- 21 - CASSIRER, E. - Antropologia Filosófica. México, Fondo de Cultura Economica, 1945.
- 22 - CHOMSKY, N. - Aspects of Theory of Syntax: Cambridge, Mass., MIT Press, 1965.
- 23 - CHOMSKY, N. - Language and Mind, N.York, Haricourt, 1968 . .
- 24 - CHOMSKY, N. - "Review of Skinner's Verbal Behavior" In: Jakobowits & Murray S. Miron. Readings in the Psychology of Language. N.Jersey, Prentice, Hall - 1959.
- 25 - CHOMSKY, N. - Syntactic Structures. La Haye, Mouton, - 1969.
- 26 - CHOMSKY, N. - Cartesian Linguistics: A chapter in the History of rationalist Thought. New York, Harper - 1969.
- 27 - CHOMSKY, N. & MILLER, G. - L'analyse formelle des langues naturelles. Paris, Gonthier Villar, 1960.
- 28 - CHOMSKY, N. - "Explanatory models in linguistics" In: Nagel E., Suppes P., e Tarski A., Logic Methodology and Philosophy of Science. Stanford University Press, Stanford, California. 1958.
- 29 - CORVEZ, Maurice - "Psicoanálisis y Lingüística". In: Estructuralismo y Psicoanálisis. México, Nueva Vison, 1960, pg. 105-145.
- DELACROIX, H. - Le Langage et la Pensée - Paris, PUF - 1930.
- 30 - DESCARTES, R. - Discours de la méthode. Paris, Larousse 1930.
- 31 - DESCHAMPS, Jean - "Psicoanálisis e Estruturalismo", In: Estructuralismo e Marxismo, Zahar, Rio de Janeiro, - 1968 - pg. 209 a 230.
- 32 - DIXON, T.R. & HORTON, D.L. (org) Verbal Behavior and General Behavior. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1968.

- 33 - DUCROT, O. & TODOROV, T. - Dicionário da Ciência da Linguagem, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1972.
- 34 - DUCROT, O. - "Le Structuralisme en Linguistique" In: Qu'est-ce que le Structuralisme. Paris, Seuil, 1968
- 35 - FAGES, J.B. - Comprendre Jacques Lacan. Toulouse, Privat, 1971.
- 36 - FODOR, J. & BEVER, T. - "The Psychological Reality of Linguistic Segments" In: Jakobovitz, L. & Miron, M. S.(org.) Readings in the Psychology of Language. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1967.
- 37 - FREUD, S. - "La Interpretación de los Sueños (1901)" In: "Obras Completas". Vol. I, IV, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
- 38 - FREUD, S. - "Lo Inconsciente" (1915) In: Obras Completas. Vol. I, X - Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1948.
- 39 - FREUD, S. "A significação Antitética das palavras Primitivas" (1910), Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud., Vol. X, Rio Imago, - 1970 - 137/146.
- 40 - FREUD, S. - Obras Completas - Madrid, Biblioteca Nueva - 3 vol. 1967.
- 41 - FREUD, S. - "Más allá del principio del placer". In "Obras Completas" Vol. I, XII, Madrid-Biblioteca Nueva, 1948.
- 42 - GOLDSTEIN, K. - "L'analyse de l'aphasia et l'étude de de l'essence du langage" In: Essais sur le langage. Paris, 1969, 257-330.
- 43 - GOLDSTEIN, K. - La naturaleza humana a la luz de la psicopatología. Buenos Aires, Paidós, 1961.
- 44 - GOLDSTEIN, K. - Transtornos del lenguaje. Barcelona, Ed. Científico Médica, 1950.
- 45 - GOLDSTEIN, K. - La Structure de l'organisme. Paris, - Gallimard, 1951.
- 46 - GARRET, M. & FODOR, J. - "Psychological Theories and Linguistics Constructs" In: Dixon, T.R. & Rorton, D.L., Verbal Behavior and General Behavior. pag.451-77.
- 47 - GOUGH, P.R. "Grammatical Transformation and Speed for Understanding" In: Journal of Verbal Behavior Learning and Verbal Behavior, 5: 492-6/1966.

- 48 - HAYES, J. (org.) Cognition and the Development of Language. New York Wilvi, 1970
- 49 - HESNARD, A. - De Freud à Lacan: Paris, Les éditiones , ESF, 1970.
- 50 - HJEMSLEV, L. - Prolegomenes to a theory of Language. Bloomington, Indiana-1953.
- 51 - HÖRMANN, H. - Psicologia del Lenguaje - Madrid, Gredos, 1973.
- 52 - HOOK, S. - "Language and Philosophy" N.York, Univ.Press, 1969. Symposium on Innate Ideas. (N. Chomsky, Hulary Putman, Goodman) In: Synthese, 1967, vol. 17.
- 53 - HULL, C.L. "Mind, Mechanism and Adaptation Behavior". Psychol. Rev. 1957, 44, 1-32
- 54 - JACOB, F. - La logique du Vivant - Paris, Gallimard, - 1970.
- 55 - JAKOBSON, R. - Relações entre a Ciência da Linguagem e as Outras Ciências. Lisboa, Liv.Bertran, 1969.
- 56 - JAKOBSON, R. - Linguística e Comunicação. S.Paulo, Cultrix, 1969.
- 57 - JAKOBSON, R. - Langage enfantin et aphasia. Paris, Ed. Minuit, 1969.
- 58 - JAKOBSON, R. - Essais de linguistique Générale. Vol. I e II, Paris, Minuit, 1963.
- 59 - JACOBOWITZ, L. & Miron, M.S., (org.) Readings in the Psychology of Language. Englewood, Cliffs, Prentice Hall, 1947.
- 60 - JACOBOWITZ, - L. et alli. "L'utilisation des théories linguistique en psychologie, l'apport de la Grammaire Générative" - Bull Psychologie n° 9-13, 1960/69.
- 61 - JAPIASSU, Hilton - Introdução à Epistemologia da Psicologia. Rio, Imago, 1977.
- 62 - KATZ, J.J. - The Philosophy of Language - N.York, Prentice Hall, 1966.
- 63 - LACAN, J. - Ecrits, Paris, Seuil, 1966.
- 64 - LANGER, S.K. - Nueva clave de la filosofia. Buenos Aires, SUR - 1958.
- 65 - LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. - Vocabulário da Psicanálise. Lisboa, Moraes Ed., 1970.

- 66 - LAPLANCHE, J. e Leclaire, "El inconsciente: Un estudio Psicanalítico" In:  
H. Ey. El inconsciente (Colloquio de Bonneval) México, Siglo Veintiuno Edc., 1970.
- 67 - LEVI, STRAUSS - Antropologia Estrutural, Rio, Tempo Brasileiro - 1967.
- 68 - LURIA, A.R. - "La fonction Régulatrice du langage dans son développement et sa dégradation" In: Recherches Psychologiques en U.R.S.S., Moscou, Editions du Progrès, 1966.
- 69 - LENNEBERG, E.H. - New Directions in Ther Study of Language, Cambridge, MIT Press, 1964.
- 70,- LENNEBERG, E.H. - Biological Foundations of Language. N.York, Wiley, 1966.
- 71 - LEPSCHY, G.C. - A Lingüística Estrutural. S.Paulo, Perspectiva, 1971.
- 72 - MOUNIN, G. - Claves para la lingüística. Barcelona, - Anagrama. 1970.
- 73 - MOUNIN, G. - Introducción a la semiología, Barcelona, Anagrama, 1969.
- 74 - MOUNIN, G. - La Linguistique du XX<sup>e</sup> Siècle. Paris, PUF, 1972.
- 75 - MALMBERG, B. - Lingüística Estrutural e Comunicação Humana, Madrid, Gredos, 1969.
- 76 - MALMBERG, B. - Les Nouvelles Tendances de la Linguistique, Paris, PUF, 1969.
- 77 - MALSON, L. - Les enfants sauvages, mythe et Réalité. Paris, U.G. 1964.
- 78 - MARTINET, A. - La linguistique Synchronique; études et recherches. Paris, PUF, 1965.
- 79 - MASOTTA, O. - Introducción a la lectura de Jacques Lacan. Buenos Aires, Proteo, 1970.
- 80 - MELLER, F.L. - La psychologie Contemporaine. Paris, Payot, 1963.
- 81 - MILLER, G.A. & CHOMSKY, N. - Finitary Models of Language. In: Luce, R. et alli, (org.) A Handbook of Mathematical Psychology. N.York, Wiley, 1963.
- 82 - MERLEAU - PONTY, M. - "L'essences de l'homme et la Phénoménologie". Bull Psychologie. Nov.1964 - 236 XVII (3-6) 141:170.

- 83 - MERLEAU-PONTY, M. - Signes, Paris, Ed. Minuit, 1970.
- 84 - MERLEAU-PONTY, M. - Phénoménologie de la perception, Paris, Ed. Minuit-1968
- 85 - MONOD, J. - "Le Hasard et la Nécessité" - Paris, Seuil, 1970.
- 86 - MOWRER, O.H. - "The Psychologist Looks at Language" In: Readings in the Psychology of Language. L.A. Jakobowitz N. Jersey, Prentice Hall-1967.
- 87 - OSGOOD, C.E. - "On Understanding and Creative Sentence - In: Readings in the Psychology of Language. L.A. Jakobowitz N. Jersey, Prentice Hall-1967.
- 88 - PALMIER, S.M. - Jacques Lacan, lo Simbólico y lo Imaginario. S. Aires, Ed. Proteo, 1971.
- 89 - PAULUS, J. - La fonction symbolique et le Langage. Bruxelles, Ch. Dessart, 1969.
- 90 - PETERFALVI, J.M. "Questions de Psychologie" Bull, Psychologie, n° 272, XXII, 1-2, Oft. 44-56.
- 91 - PIAGET, J. - Le jugement et le raisonnement chez l'enfant. Paris, Delachaux, 1930.
- 92 - PIAGET, J. - Le Langage et la pensée chez l'enfant. Paris, Delachaux, 1970.
- 93 - PIAGET, J. - Six Études de Psychologie. Paris, Ed. Gonthier, 1954.
- 94 - PIAGET, J. - La fonction symbolique chez l'enfant. Paris, Delachaux, 195
- 95 - PRADO COELHO, E. - Estruturalismo - Lisboa, Portugal 1968.
- 96 - PRIETO, L.J. - "La découverte du Phonème" In: La pensée, n° 148 - Dec. 1969.
- 97 - RICHELLE, M. - "Analyse Formelle et Analyse Fonctionnelle du Comportement Verbal". Bull, Psychologie, n° 304 - t. XXVI, 1972-73, 5-9, 252-59
- 98 - RICOEUR, P. - De l'interprétation essais sur Freud. Paris, Seuil, 1965.
- 99 - RIFFLET-LEMAIRE, A. - Jacques Lacan. Bruxelles, Dessart, 1970.
- 100 - RUWET, N. - "Linguistique et Sciences de l'homme". - Esprit, nov. 1963.



- 101 - RUWET, N. - Introduction à la Grammaire Générative. Paris, Plon, 1967
- 102 - SAUSSURE, F. - Cours de Linguistique Générale. Paris, Payot, 1955.
- 103 - SAPIR, E. - Le langage: introduction à l'étude de la Parole. Paris, Payot, 1955.
- 104 - SAFAOUN, M. - Estruturalismo e Psicanálise. S. Paulo, Cultrix, 1970.
- 105 - SCHAFF, Adem - Conhecimento e Linguagem. Lisboa, Portugal, 1968.
- 106 - SECHEHAY, E.A. - "La pensée et la langage, ou comment concevoir le rapport organique de l'individuel et du social dans le langage? In: Essais sur le Langage. Paris, Minuit, 1969 - 69-96.
- 107 - SKINNER, B.F. - "Are Theories of Learning Necessary? Psychol. Rev. 1950, 27 193-216.
- 108 - SKINNER, B.F. - The Behavior of Organism. N.York, - Appleton, Century Crofts, 1936.
- 109 - SKINNER, B.F. - Verbal Behavior. Appleton, Century Crofts, 1957.
- 110 - SEARLE, J. - Chomsky's Revolution in Linguistics. N.York, Review of Books.
- 111 - SANCHEZ de ZAVALA - V - Hacia una epistemologia del Lenguaje. Madrid, Alianza Universidad, 1972.
- 112 - TOLMAN, E. - Purposive Behavior in Animals and Men. N.York, Appleton-Century, 1962.
- 113 - TROUBETSKOY, N. - "La Phonologie actuelle", In: Essais sur le Langage. Paris, Minuit, 1969, pag. 141-164.
- 114 - VIGOTSKY, L.S. - Language and Thought (1963) MIT Press, 1962.
- 115 - WALLON, H. - De l'acte à la Pensée. Paris, Flammarion, 1942.
- 116 - WATSON, J.B. - Psychology from the stand point of a behaviorist. Filadelfia, Lippincot, 1919.
- 117 - WHAL, "Estruturalismo y Filosofia", In: Estructuralismo y Filosofia, México, Nueva Vision, 1970.

- 118 - WHORF, B.L. - Language, Thought and Reality, MIT Press, 1956.
- 119 - WOLMAN, B. - Teorias y Sistemas Contemporaneos en Psicologia. Barcelona, Grisolbo, 1965.

Tese apresentada aos srs:

*Circe Navarro Rivas*

Circe Navarro Rivas (orientador) MAS

*Jürgen Heye*

Jürgen Heye Ph. D.

*Miguel Chalub*

Miguel Chalub MAS

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1978

*Stela Lucia Stuart*  
 Coordenador dos Programas de Pós-Graduação  
 Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas

